



MARIO DE VASCONCELLOS E SÁ  
COMPENDIO DE GEOGRAFIA  
ELEMENTAR  
PARA O ENSINO OFICIAL

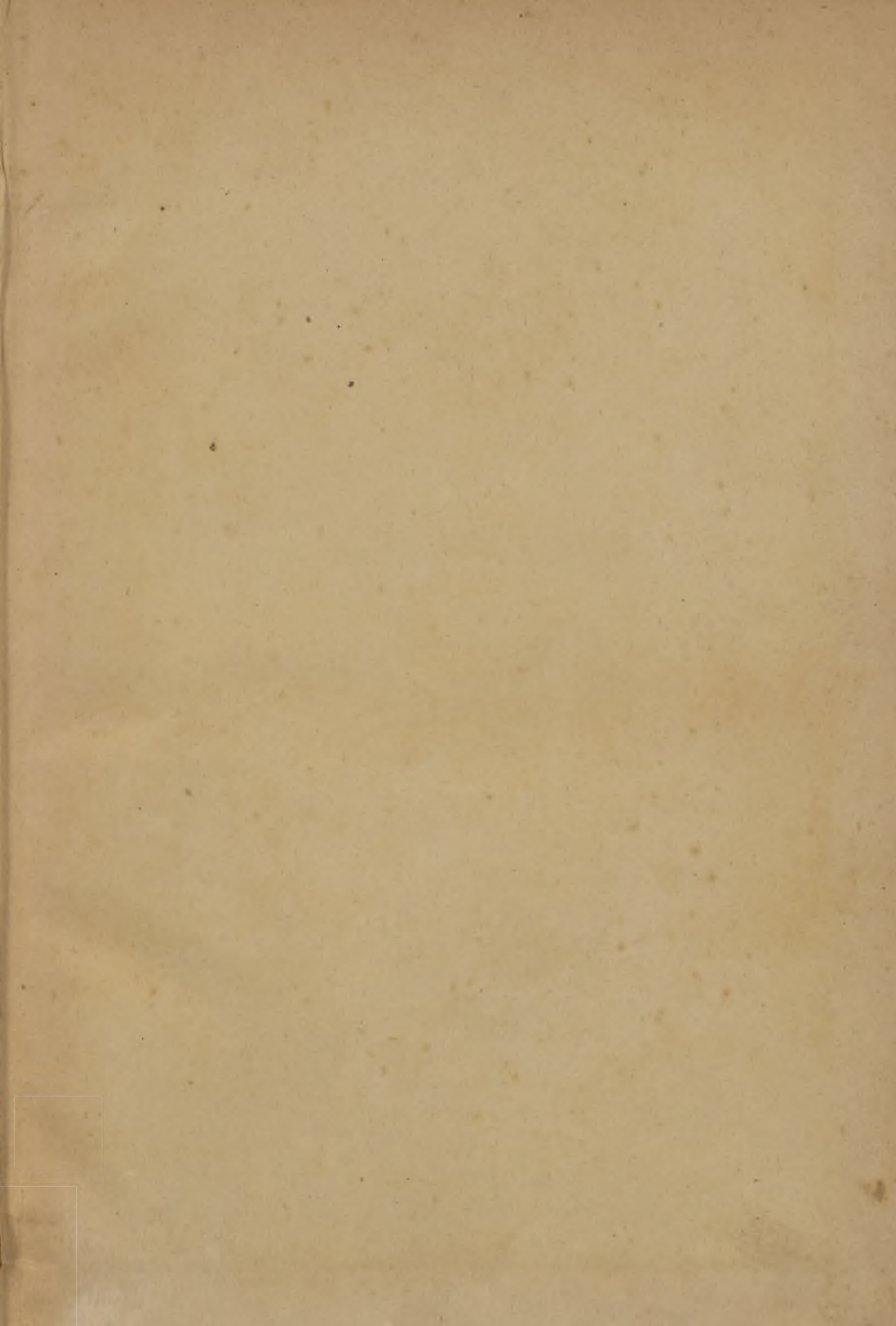
Sala B

Est. 1

Tab. 5

N<sup>o</sup> 23









COMPÊNDIO  
DE  
GEOGRAFIA ELEMENTAR

---

II PARTE

3.<sup>a</sup> CLASSE

## TRABALHOS DO MESMO AUTOR

---

- Fitogeografia** — Elementos para o estudo da Geografia botânica de Portugal — Dissertação final — 1909.
- L'enseignement de la Géographie dans l'enseignement secondaire (degré supérieur).** Tese apresentada, oficialmente, ao Congresso do Ensino Secundário, em Gand — 1913.
- A Geografia no ensino popular** — Tese apresentada ao Congresso Pedagógico do Porto — 1914.
- Trabalhos Práticos de Geografia** — 1921.
- Compêndio de Geografia Elementar** — I e II parte, aprovado oficialmente, em concurso público de livros escolares, para a 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> classe dos liceus — 1921.
- Compêndio de Geografia Elementar** — III parte, aprovado oficialmente, em concurso público de livros escolares, para a 5.<sup>a</sup> classe dos liceus — 1922.
- A Ciência Náutica de portugueses e espanhóis na época dos descobrimentos** — Conferência realizada no Ateneu a convite da Faculdade de Letras do Porto — 1922.
- Compêndio de Geografia Geral** — Aprovado oficialmente em concurso público de livros escolares, para a 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> classe do curso dos liceus — 1924.
- Elementos de Geografia** — Para uso da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe dos liceus, de acôrdo com os programas de 26 de setembro de 1919 (1925).
- Elementos de Geografia** — Para uso da 1.<sup>a</sup> classe dos liceus, de acôrdo com os programas de 2 de novembro de 1926 (1927).
- Elementos de Geografia económica** — Para uso das escolas industriais e comerciais, segundo os programas de 1926 (1926), 2 volumes.

### CADERNOS DE GEOGRAFIA:

- I — Australásia, África e Américas.
- II — Terras Árticas e Antárticas, Ásia e Europa.
- III — Descobrimto da Terra, grandes potências mundiais, centros produtores e consumidores.
- IV — Geografia Geral.
- V — Portugal, Colónias e Brasil.
- VI — Para a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> classe dos Liceus.  
Dez Cartas de Portugal.



INV. - N 3110

MÁRIO DE VASCONCELOS E SÁ

Professor do Instituto Superior do Comércio do Porto e do Liceu de « Alexandre Herculano »

COMPÊNDIO

DE

# GEOGRAFIA ELEMENTAR

3.<sup>a</sup> CLASSE

PARA USO DOS LICEUS, SEGUNDO OS NOVOS PROGRAMAS DE 2 DE NOVEMBRO DE 1926.

3639



PORTO — 1927

Livraria Chardron de Lélo & Irmão, L.<sup>da</sup>  
EDITORES

Rua das Carmelitas, 144

RC  
MNET

91

SA





## PRÓLOGO

---

*Os programas, actualmente em vigor para a 3.<sup>a</sup> classe dos Liceus, registam para o último ano, em que, dentro do Curso Geral, se ministra o ensino da Geografia — o estudo de Portugal, Colónias e Brasil.*

*Para remate dos estudos geográficos nesta fase do desenvolvimento psico-fisiológico da criança, concordamos inteiramente com a nova orientação que já anteriormente tivéramos ocasião de propôr.*

*Em parte, o trabalho presente foi organizado aproveitando matérias dispersas nos nossos dois anteriores volumes do Compendio de Geografia Elementar. De resto, e de uma maneira geral, o trabalho foi ampliado e revisto, de forma a aproveitar os ensinamentos e indicações anteriores da experiência.*

*Pôrto, 10-8-1927.*

*Mário de Vasconcelos e L.<sup>o</sup>*



# REGIÕES POLARES

---

## REGIÃO ÁRTICA

A região polar ártica é uma bacia oceânica na qual se distribuem numerosas ilhas, que cercam a América, a Ásia e a Europa. Esta bacia comunica com o Pacífico pelo estreito de Beringue.

A configuração insular destas terras não permite a penetração fácil para o Polo, posto que a relativa proximidade dos extremos das terras septentrionais tivesse facilitado as primeiras tentativas e explorações. Por isto, ainda que os primeiros reconhecimentos das regiões árticas tivessem sido realizados há muito tempo, só no século XX, em Abril de 1909, o americano Peary conseguiu atingir o Polo Norte.

As terras árticas compreendem (fig 1) : 1.º — ao norte da Europa : a ilha *João Mayen*, a ilha do *Urso*, o arquipélago de *Spitzberg*, a *Terra de Francisco José* e *Nova-Zembla* ; 2.º — ao norte da Ásia : as ilhas de *Liakhoff*, *Wrangel* e *Terra Nicolau II* ; 3.º — ao norte da América, o arquipélago canadense, composto pelas ilhas : *Terra de Bafin*, *Terra do Príncipe de Gales*, *Terra do Rei Guilherme*, *Terra Vitória* e do *Príncipe Alberto*, *Terra de Banks*, o arquipélago de *Perry* de que faz parte a ilha *Melville* e a *Groenlândia*.

Entre a América e a Europa, a *Groenlândia* é, de tôdas as terras árticas, a mais interessante e a maior, — quatro vezes



a superfície da Espanha — um verdadeiro continente, constituído por um extenso e elevado planalto, coberto por um enorme glaciár.

A situação das terras árticas é, como a palavra indica, dentro do círculo polar ártico, na zona glaciária.

**Clima.** — O clima polar é caracterizado por uma tempe-



Fig. 1 — Carta das Terras Árticas.

ratura muito baixa, durante todo o ano, pois que a média do mês mais frio é 33° abaixo de zero, e a do mês mais quente 3° positivos.

À medida que se caminha para o Polo, a noite vai sendo maior no inverno e menor no verão (fig. 2). No inverno, a 70° de latitude norte, a noite dura já 60 dias; a 80°, 134 dias,

e no Polo 6 meses contínuos, interrompidos unicamente pela luz das auroras-boreais.

Em consequência da baixa temperatura, o mar gela e forma o *banco de gelo* — mais extenso nas terras árticas que nas antárticas — e os *icebergues*, montanhas gigantescas de gelo que se soltam dos glaciares continentais (fig. 3).

Quando a temperatura sobe um pouco mais, o *banco* fende-se e quebra-se, tornando-se o mar mais livre até que volta a fechar-se por completo, ao baixar a temperatura.

#### A vida vegetal e animal.

—A *flora marítima* é pobre, em consequência do manto de gelo que absorve a maior parte da luz, da baixa temperatura e da pouca salinidade das águas, à superfície. A *flora terrestre* é também pobre: não há árvores; apenas se encontram alguns pequenos arbustos; o tipo de vegetação é a *tundra*, constituída por *musgos* e *líquenes*.

A *fauna terrestre* é igualmente fraca: animais de pêlo comprido para se preservarem dos frios glaciários — o *urso branco*, a *raposa branca*, a *rena*, a *lebre branca*, a *perdiz branca*, o *arminho* e o *cão dos esquimós* que tantos serviços presta ao homem (fig. 4).

A *fauna marítima* é mais rica: a *foca*, a *baleia* e numerosas *aves nadadoras* — *alcatordas*, *patos*, *cisnes-brancos*, etc.; os *peixes* vivem aos cardumes, sobretudo na região em contacto com as águas mais quentes: Islândia, Terra-Nova, ilha Lofoten e Alasca, são as regiões das maiores pescarias do mundo.

**Vida humana.** — Os povos, que habitam as terras árticas, são: os *esquimós*, ao norte da América; os *lapões*, ao norte da Península Escandinávica, ao norte da Finlândia e da Penín-



Fig. 2 — "Sol da" meia noite, no círculo polar. Para lá do círculo polar o Sol permanece 24 horas acima do horizonte durante o solstício de verão. Desde 16 a 30 de junho o Sol vê-se à meia noite do dia que morre combinado com o dia que nasce.



sula de Cola ; os *samoïedos*, a nordeste da Europa e a noroeste da Ásia.

Todos êstes povos estão condenados, pelo clima, a uma vida



Fig. 3 — Um *icebergue*, cuja origem, nas regiões árticas, é continental. A parte submersa é quatro vezes maior que a emersa.

miserável, vivendo unicamente sôbre o litoral, porque a terra não lhes fornece meios de alimentação. São por isso pescadores e caçadores, nômadas, errantes, sôbre a *tundra*.



Fig. 4 — Trenós arrastados por cães dos esquimós, rijos, rápidos e sôbrios, podendo 6 cães arrastar 400 k., durante 11 qm.

O esquimó vive do mar, sendo a foca que lhe dá o sustento, o combustível, o vestuário, a luz e até a própria embarcação (fig. 5).

A população concentra-se, unicamente, nas costas meridional e ocidental da Groenlândia, sendo *Cristianshaab* e *Julianshaab* as duas principais povoações.

**Vida política.**— As terras árticas estão actualmente divididas pelos *Países Escandinavicos*, *Inglaterra*, *Estados-Unidos da América do Norte* e *Rússia*. A região compreendida



entre os 140° e 60° W. pertence à Inglaterra; a compreendida entre 140° e 168° 49' W. pertence aos Estados-Unidos (região ao norte de Alasca); a compreendida entre 32° 4' E. e



Fig. 5 — Esquimós, na volta de uma caçada à foca, transportando o *Kayah*, uma pequena embarcação cujo esqueleto é formado, geralmente, de ossos de baleia, revestido de peles da foca e que os esquimós sabem ousadamente manejar (Groenlândia).

o Estreito de Beringue pertence à Rússia (tôda a região ao norte da Ásia) [fig. 1].

A *Groenlândia* e a *Islândia* pertencem à Dinamarca; o arquipélago de *Spitzberg* à Noruega, etc.

## REGIÃO ANTÁRTICA

---

As Terras Austrais constituem um vasto continente, mais extenso que a Europa, cercado pelo Oceano Glacial Antártico.

A ponta de terra que avança mais para o continente antártico é o *cabo Horne*, na América do Sul, correspondente à latitude 55° e 56°, pouco mais ou menos à latitude a que se encontra, no hemisfério norte, Copenhague (fig. 6).

As terras antárticas, ainda hoje muito pouco conhecidas, apresentam uma configuração continental, acidentada e com manifestações intensas de vulcanismo: 23 vulcões fecham nesta região o *Anel de Fogo* do Pacífico.

Ao sul da Austrália, numa reentrância, que vai até quasi ao Polo, lembrando o gôlfo da Carpentária, desenha-se a *Terra Vitória*, na qual se levanta o vulcão *Erebus* (a 3.316 m.) e mais ao largo, sôbre a ilha de Ross, outro vulcão, o *Terror* (a 3.769 m.), e fronteira à Terra Vitória, na outra costa, a *Terra de Eduardo VII* (fig. 6).

Ao sul da África avistam-se, ao longe, a *Terra de Kemp* e a *Terra de Enderby*; e ao sul da América, as *Terras de Pedro I*, de *Charcot*, de *Alexandre I*, de *Falières* e de *Loubet*, de *Graham* e de *Luis Filipe* (fig. 6).

A *Terra de Graham* é uma estreita península que termina pela ponta chamada de Luis Filipe, em volta da qual e mais

para o largo se distribuem, primeiro, o arquipélago das *Shetlands do sul*, e depois as *Orcades do sul*.

A temperatura é ainda mais baixa que na região ártica, de sorte que o mar está coberto de *icebergues*, gigantescos e tabulares, provenientes dos gelos continentais (fig. 7).

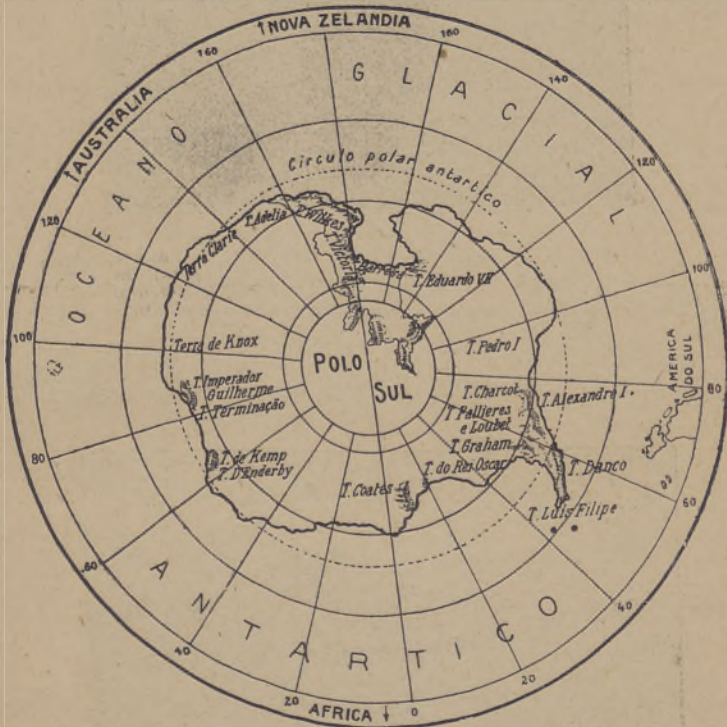


Fig. 6 — Carta das Terras Antárticas.

A vida vegetal e a vida animal são também mais pobres que nas terras árticas.

O único mamífero que vive nestas paragens é o *otário* ou *leão marinho*, uma foca com orelhas, e, entre as aves, as *gaviotas* e os *pinguins* (fig. 9), descelegantes e cómicos, pela dificuldade que tem em andar na terra, o que não lhes acontece sobre as águas, onde são excelentes nadadores.



O afastamento das terras septentrionais dos três conti-

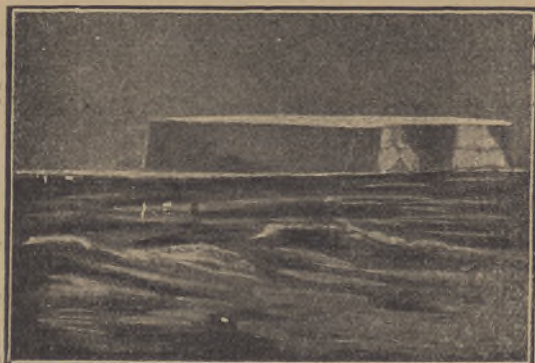


Fig. 7 — *Icebergue* tabular, característico dos mares antárticos (34 m. de altura e 119 de comprimento). Os *icebergues* são mais abundantes nestes mares que nos árticos, onde o *banco de gelo* atinge uma extensão maior.

mentos fez que a *Antártica* só recentemente tivesse sido et. ca-



Fig. 8 — Um glaciar polar. Os glaciares polares atingem enormes dimensões. A *grande barreira*, no Polo sul, tem 900 km. de extensão, 50 de largo e 80 m. de altura.

da pelos exploradores, mas a configuração continental destas

terras permitiu que fôsem penetradas mais fàcilmente, tendo atingido o Polo, quási no mesmo tempo, em dezembro de 1911, o norueguês Amudsen e o inglês Scott, uma das muitas víti-



Fig. 9 — Paisagem das Terras Antárticas: pinguins, descelegantes e pitorescos.

mas que sacrificaram a sua vida lutando contra a natureza rebelde e tirânica desta região, em prol da sua Pátria, da Humanidade e da Ciência.

# PORTUGAL

## CAPÍTULO I

### O solo

**Limites, situação, superfície, etc.** — Portugal está situado no ocidente da Península Ibérica, entre  $42^{\circ} 9'$  (foz do Trancoso) e  $36^{\circ} 58'$  lat. N. (cabo de Santa Maria), sendo fronteiro, ao norte e leste, da Espanha (respectivamente, Galiza, Leão, Extremadura e Andalusia), e ao sul e oeste do Atlântico.

A fronteira terrestre é mais extensa que a marítima, pois que aquela corresponde a 1.209 quilómetros (417 qm. na fronteira norte, e 792 na do leste), e a marítima a 845 qm. (671 de costa ocidental e 174 de costa meridional).

A configuração de Portugal é, portanto, de uma maneira geral, a de um quadrilátero irregular, com a superfície avaliada em 89.106 quilómetros quadrados.

A exposição especial de Portugal, sôbre os declives occidentais da Meseta Ibérica, debruçado sôbre o Oceano, no cruzamento dos caminhos marítimos que conduzem da Europa para as Américas, para a África e para o Extremo-Oriente, pelo canal do Panamá, permite ao nosso país uma situação privilegiada que torna naturalmente Portugal o cais da Europa.

**Relêvo.** — O relêvo do solo português está dependente, na sua maior parte, da estrutura da Península, porque Portu-



gal ocupa a parte ocidental da Meseta, e os relevos que lhe são



Fig. 10—Relêvo da Península Ibérica. A Península Ibérica é, depois da Suíça, o segundo país da Europa pelo que diz respeito à altitude. As zonas de pequena altitude são escasas, tendo apenas alguma importância os planaltos do Ebro e do Guadalquivir. O núcleo primitivo da península, a que se juntaram mais tarde os demais elementos orogénicos, é a Meseta que se pode considerar dividida em 2 planaltos menores, separados pelo sistema lusitano-castelano, considerado como a espinha dorsal da península. A orientação geral dos sistemas orogénicos é nordeste-sudoeste, excepto o sistema ibérico que divide as águas orientais das occidentais.

independentes constituem a bordadura ou orla ocidental dessa

Meseta, de formação posterior. Daqui dois grupos de elevações: um *excêntrico* e outro *concêntrico* (fig. 12).

As primeiras, mais modernas e de menor importância pela sua extensão e altitude, elevam-se perto do litoral e constituem as serras de *Sicó* (748<sup>m</sup>), *Aire* e *maciço de Pôrto de Moz* (679<sup>m</sup>), *serranias de Tôrres Vedras* e *Montejunto* (664<sup>m</sup>) e o *anticlinal*



Fig. 11—Esbôço da estrutura da Península Ibérica. Comparar com a fig. 10 e observar a distribuição e a composição de cada sistema.

*de Soure*, que se estende por Verride até Buarcos e cabo Mondego (fig. 12).

As serras de *Grândola* e *Cercal*, no Baixo Alentejo (fig. 12), ainda mais antigas que as anteriores, pertencem também a estas formações da bordadura, mais modernas portanto que a Meseta.

As formações concêntricas constituem as serras do *maciço galaico-duriense* e dos sistemas *lusitano-castelhano*, *toledano* e *mariânico*, comuns aos solos de Portugal e Espanha (fig. 11 e 12).

O *maciço galaico-duriense* prolonga em Portugal as elevações da Galiza, e estende-se até ao sul do Vouga. A erosão desgastou-o, cavando vales e modelando, ao norte do Douro, as serras de (fig. 12): *Peneda* (1.415<sup>m</sup>), entre o Minho e o Lima;







*Anarela* (chamada também *Suajo*, 1.525<sup>m</sup>) e *Gerez* (1.561<sup>m</sup>), entre o Lima e o Cávado; *Larouco* (1.525<sup>m</sup>), *Alturas* ou *Barroso* e *Cabreira* (1.279<sup>m</sup>) entre o Cávado e o Tâmega; *Nogueira*



Fig. 43 — A *Vênus de Arrochela*, na Serra do Gerez, produto da acção erosiva e da decomposição do granito. O bloco tem a configuração do tronco da famosa estátua grega.

(1.416<sup>m</sup>), *Montezinho* e *Bornes* (1.416<sup>m</sup> e 1.702<sup>m</sup>) entre o Tua e o Sabor; *Marão* (1.422<sup>m</sup>), entre o Tâmega e o Corgo; *Pedrela*, entre o Tâmega e o Tua; *Mogadouro*, entre o Sabor e o Douro; e ao sul do Douro — *Arada* (1.085<sup>m</sup>), entre o Vouga e o Paiva; *Montemuro* (1.382<sup>m</sup>), entre o Paiva e o Douro; *Leomil* (1.012<sup>m</sup>),



Fig. 14 — Serra do Gerez. Em baixo as termas.  
(Fotografia de Marçal Brandão).



entre o Paiva e o Tavora ; e *Marófa* (977<sup>m</sup>), entre o Côa e o Águeda (fig. 12).

Ao norte do Douro todos os relevos dêste maciço se orientam nordeste-sudoeste, e tanto mais para oeste quanto mais perto da costa se distribuem (fig. 12).

O maciço galaico-duriense apresenta duas falhas impor-

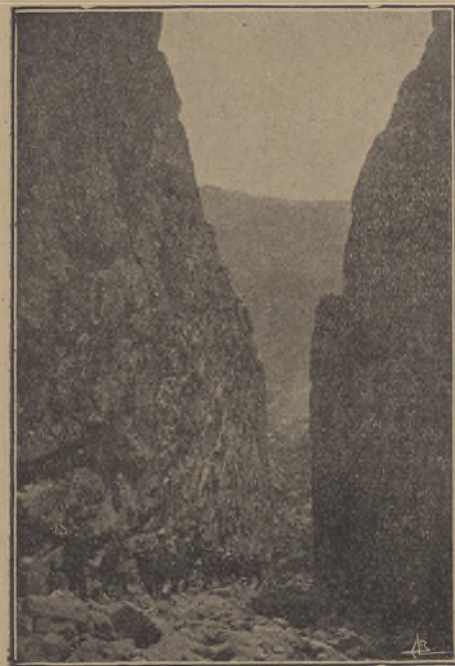


Fig. 15 — Serra da Estrêla. A famosa rua dos Mercadores, desfiladeiro apertado, de paredes a prumo e muito elevadas. (Fotografia de Folo-Belza, Porto).

tantes, orientados de sul-sudoeste para nor-nordeste: uma começa na ribeira do Varosa, ao sul do Douro, rio que a falha atravessa a leste da Régua, seguindo o vale do Corgo e passando por Chaves, antes de entrar em Espanha; outra é definida, ainda que menos claramente, pela direcção norte-sul do Côa e pelo encurvamento brusco do Douro até à Serra de Bornes.

É nestas duas falhas que se encontram as nascentes termais de Vimioso e Chaves, distribuídas sôbre os vales de Verim e Chaves.

O sistema lusitano-castelhano ou carpetano é, como já vimos ao

estudar a Península Ibérica (2.<sup>a</sup> classe), uma grande muralha que separa Castela-Vélha da Castela-Nova, estendendo-se em Portugal até à *serra da Louzã*. O sistema compõe-se, em Espanha, da *Somosierra*, *Guadarrama*, *Gredos* e *Gata* (fig. 11), e, em Portugal (fig. 12), das serras do : *Caramulo* (1.071<sup>m</sup>) e *Buçaco*, entre o Vouga e o Mondego ; *Malcata*, entre as nascentes do Côa, do Erges e do Zézere ; *Estrêla* (1991<sup>m</sup>) [fig. 16] e



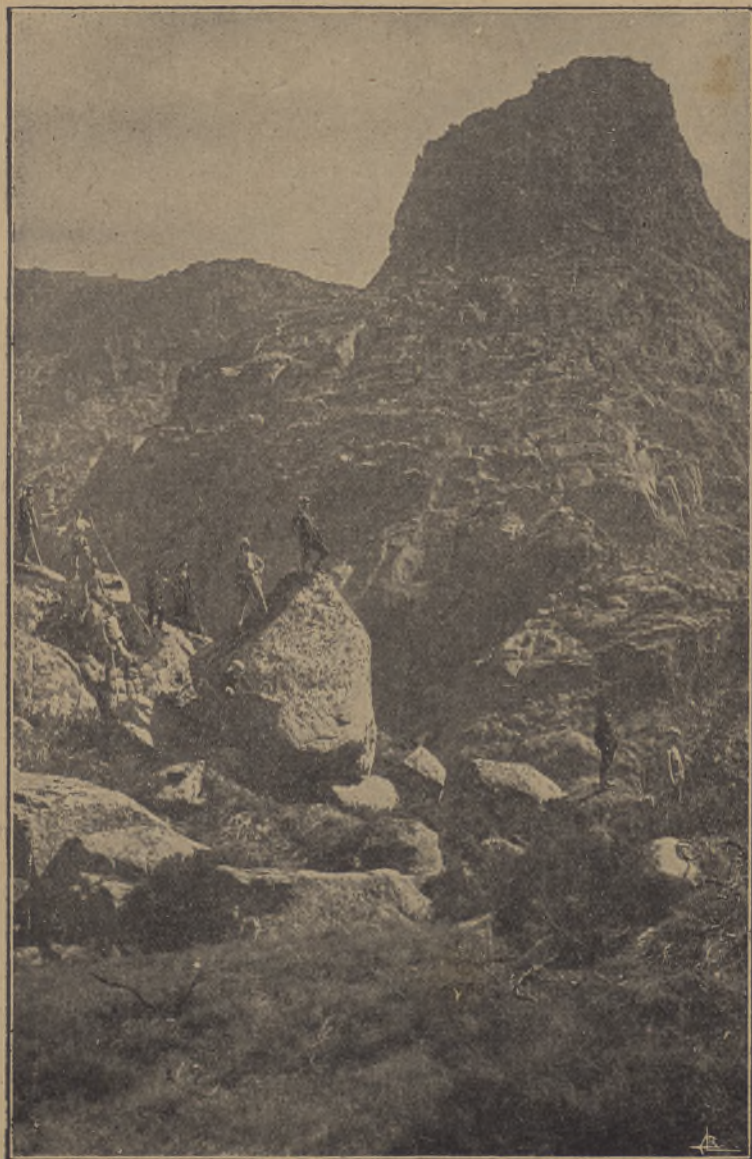


Fig. 16 — Serra da Estrêla. «Cântaro Magro». Da parte inferior ao ponto mais alto do «Cântaro» medeiam cerca de 400 m. Efeitos da erosão esferoidal, lamelar e prismatoide. (Fotografia de Foto-Beleza, Pórtó).

*Louzã* (1.024<sup>m</sup>), entre o Zézere e o Mondego; *Muradal*, entre o Ocreza e o Ponsul; etc. (fig. 12).

O sistema toledano ou oretano constitui a linha divisória das águas entre o Tejo e o Guadiana. Em Espanha pertencem-lhe as serras de *Toledo* e *Guadalupe*, e, em Portugal, são as elevações dêste sistema que veem acidenttar o nosso Alto-Alentejo (fig. 12): *maciço de Portalegre* [*Marvão*, *São-Mamede* — 1.025<sup>m</sup> e *Niza*], *Serra de Ossa* (650<sup>m</sup>) e *Monfurado*.



Fig. 17 — *Serra da Estrêla*. O Pôço do Inferno. Gruta apertada e profunda, em que salta uma queda de água.

(Fotografia de Folo-Beleza, Pôrto).

O sistema mariânico ou bético é constituído pelo bloco da *Serra Morena* em Espanha (fig. 11), e, em Portugal, pelas elevações que acidentam o solo do Algarve (fig. 12): *Caldeirão*, *Monchique*, *Espinhaço do Cão*, terminando no cabo de *São-Vicente* e ponta de *Sagres*.

*Hipsometria* — A distribuição das altitudes do nosso solo, levamos a poder estabelecer nele duas grandes zonas, separadas respectivamente pelo Tejo: a do norte e a do sul.

As *regiões baixas* — 0 a 50<sup>m</sup> — distribuem-se pelo litoral

e pelas margens dos rios, de maneira a explicar assim a navegabilidade dos nossos cursos de água até à fronteira (fig. 22).

As *regiões médias* encontram-se distribuídas irregularmente. Assim, na *zona sul*, as regiões de altitude entre 50 e 200<sup>m</sup> occupam uma extensa superfície do Baixo Alentejo, de maneira a ligarem as bacias do Guadiana e do Sado, ao passo que, na *zona do norte*, quasi que não existem (fig. 22); as altitudes





Fig. 18 — *Perfil do Marão*, vendo-se, a 1200 m., um trôço da bem lançada estrada que vai escalando a serra. (Fotografia de Mota Alves).



Fig. 19 — *Serra da Estrêla*. O Mar. Efeito produzido pelas nuvens, que os pastores assim denominam com propriedade. Nas zonas montanhosas as nuvens condensam-se nos vales durante a noite. Ao romper o Sol, a terra aquece mais depressa que o ar, obrigando as nuvens a subir. A separação entre o ar frio e a massa quente das nuvens é perfeitamente definida por um plano horizontal que dá a aparência de um mar às nuvens vistas, de manhã, do alto das montanhas.

(Fotografia de Foto-Beleza, Pôrto).





Fig. 20 — Serra da Estrêla. Lagôa Escura. Esta lagôa é das mais profundas da Serra, com margens aprumadas e altas descendo nalguns pontos bruscamente sôbre as águas. (Fotografia de Foto-Beleza, Pôrto).



Fig. 21 — Serra da Estrêla. Cabeça da Vêlha. Efeito interessante da erosão do granito. (Fot. de Foto-Beleza).

de 200 e 400<sup>m</sup>, na *zona do norte*, distribuem-se acompanhando os rios e os afluentes, ao passo que, na do *sul*, a sua disposição é em *massa*, formando o Alto-Alentejo e, mais ao sul, as elevações entre Aljustrel e a serra de Caldeirão (fig. 22); as altitudes entre 400 e 700<sup>m</sup> distribuem-se na *zona norte*, em grandes extensões, ao passo que, na do *sul*, só se encontram em núcleos isolados (fig. 22).

Finalmente as *regiões de altitudes sub-alpinas* apenas se distribuem na *zona norte* (fig. 22).

Em resumo, a *zona norte* é caracterizada: 1.º

*pela grande irregularidade hipsométrica ; 2.º pela maior altitude*

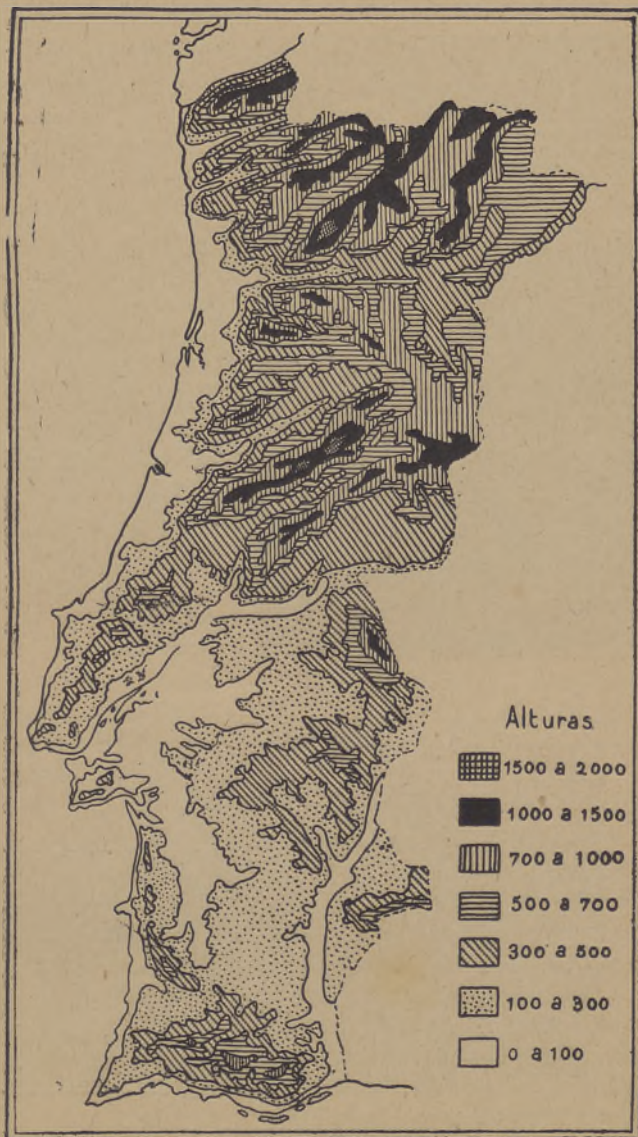


Fig. 22 — Carta hipsométrica de Portugal.

*das suas elevações ; 3.º pela orientação NE.-SO. que tomam as*



massas hipsométricas. A zona do sul é caracterizada : 1.º pela maior regularidade hipsométrica ; 2.º pelas suas pequenas altitudes ; 3.º pela orientação N.-S. que geralmente nelas domina.;



Fig. 23 — Serra da Estrêla. Ponte para a entrada do Pôço do Inferno.

(Fotografia de Foto-Beleza).

e Nazaré, em tôda a bacia do Tejo e Sado, e Alentejo.

As planícies portuguesas são, geralmente, de acumulação ou tabulares.

No primeiro caso (*acumulação fluvial*) estão a do Tejo e Sado, Ovar e Aveiro, campos do Mondego, etc., planícies baixas, relativamente pouco extensas, húmidas e produtivas, no segundo caso, encontra-se o Alto Alentejo, verdadeiro *peneplano*, seco, extenso e árido.

O sector das planícies, entre Espinho e Nazaré, é sobretudo

A maior irregularidade e altitude das massas hipsométricas da zona norte e o facto dos degraus continentais serem aqui mais curtos que na do sul, são manifestações evidentes de fenómenos estruturais mais intensos naquela zona.

#### Planícies e vales —

As planícies distribuem-se, como vimos, ordinariamente pelo litoral e margens dos rios, dominando, sobretudo, entre Ovar



Fig. 24 — Serra da Estrêla. Gêlo na região de Cântaros, em julho de 1921. Experimentando a consistência do gêlo.

(Fot. de Foto-Beleza).



uma planície de *acumulação cólica*, caracterizada pelas dunas.



Fig. 25 — Aspecto de um pequeno «caneção» na Caranguejeira (Leiria), a que o povo chama Lapêdo. A casa do primeiro plano abriga um moinho movido por um ribeiro que corre nesse meandro encaixante.

(Fotografia do prof. Dr. Sousa Tórrès).



Fig. 26 — Colunas prismáticas basálticas, no cabeço do Funchal (Malveira), denunciando a natureza eruptiva da região. Quando o esfriamento das lavas se realiza longe da superfície, lentamente, em massas consideráveis, e debaixo de grande pressão, as rochas cristalizam em grandes e belas formas geométricas. A figura representa um exemplo nítido destas colunas.

(Fotografia do prof. Dr. Machado Costa).

Os *vales* do nosso país, nas regiões baixas, são em geral de *fractura*; os que separam elevações são, ordinariamente, de *origem externa*.

Assim, ao norte do Douro, a nossa região mais cortada por vales, — se exceptuarmos os de Verim e Chaves de origem tectónica, todos os outros vales longitudinais e de origem fluvial,



Fig. 27 — Serra da Estrela, ao fundo, coberta de neve. No primeiro plano Melo.

(Fotografia do prof. Dr. Côrte Real).

como indica a sua forma característica em V, são de origem externa.

Os vales do Tejo e do Guadiana são de *fractura*, ao contrário do vale do Douro que é *fluvial e de erosão*.

O vale do Mondego é a resultante da erosão fluvial e da erosão glaciária, como parecem provar os blocos erráticos dispersos entre Condeixa e Aveiro.



**Hidrografia.** — Os relevos da Península Ibérica, desempenham um papel importante na distribuição e orientação dos rios que, não podendo tranpôr, ao norte, os Montes Cantábricos para seguir ao Atlântico, e ao sul, as elevações de sistema penibético para seguir ao Mediterrâneo, se lançaram no Atlântico, através do nosso solo pelo único caminho que lhes era acessível.

A direcção geral dos nossos rios é nordeste-sudoeste, mais ou menos a orientação primitiva do modelado do nosso solo.

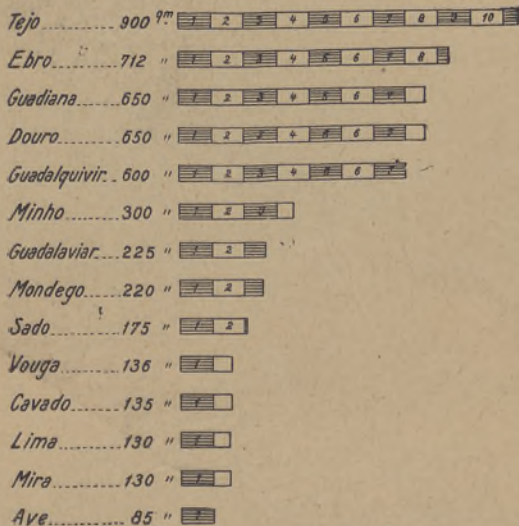


Fig. 28 — Extensão comparada dos principais rios da Península Ibérica

O Guadiana no sentido norte-sul, e o Sado no sul-norte, são excepções.

Como se depreende da configuração do solo português, os nossos rios são, em geral, de *planaltos* e *mistos*.

Entre os primeiros, os principais são o *Douro* e o *Tejo*; entre os segundos, o *Guadiana*.

O *Douro* (650 qm.) distribui a sua bacia hidrográfica (18.558 qm<sup>2</sup>) entre as elevações do sistema cantábrico (maciço galaico-duriense) e o sistema lusitano-castelhano; o sistema ibérico separa a leste o Douro do Ebro (fig. 29).

O Douro apresenta, no seu percurso, três secções: a pri-



meira, em território espanhol até Miranda do Douro, e as duas



Fig. 29 — Carta das bacias hidrográficas de Portugal. Compare com as fig. 12 e 22

outras em Portugal. Na primeira, o rio tem o carácter de torrente a descer da serra de Urbion para a Castela onde



Fig. 30 — Margens do Tejo, cheias de suavidade e encanto, perto de Santarém.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

se transforma num rio de planície, fraco e com meandros, como em Toro e Zamora. De Miranda a Barca de Alva, a segunda secção, os desnivelamentos que experimenta fazem-lhe retomar o carácter torrencial, e a sua mudança de direcção é o resultado de fortes pressões vindas do sul, das elevações do sistema lusitano-castelhano que o obrigaram a seguir na linha norte-sul, o justo equilíbrio entre estas compressões e as resistências vindas do maciço



Fig. 31 — Lagoa Comprida, de margens planas, lançando o excesso das águas na Lagoa Escura, com a qual comunica. (Serra da Estrêla).

(Fotografia de Foto-Beleza).





Fig. 32 — O Douro, de margens pedregosas e estreitas, na Ermida.  
(Fotografia de Marçal Brandão).



Fig. 33 — Margens do Douro, em Mirão. Cabeça do Vêlho, curioso efeito da erosão fluvial sobre o granito. (Fotografia de Marçal Brandão).

Gaiaico-Duriense, ao norte. A terceira secção começa em Barca



Fig. 34 — Aspecto do rio Sousa, junto à capela do Senhor do Salto (Aguiar de Sousa), onde o rio passa estrangulado entre bancos de quartesites, que formavam outrora uma grandiosa arcada, cuja fractura, segundo a flecha do arco, produziu a aparência ruíniforme actual.

(Fotografia do prof. Dr. Sousa Tórres).

de Alva e termina no Pôrto. Em Barca de Alva, o arqueamento da Serra de Reboredo obrigou o rio a mudar novamente de direcção e abrir passagem no sentido primitivo — leste-oeste, levando-o, ao mesmo tempo, a perder o carácter torrencial, ainda que o vale se mantenha estreito e as margens altas e apumadas (fig. 32).

Quasi todo o relevo da região do



Fig. 35 — Outro aspecto das margens do Douro, na Ermida.

(Fotografia de Marçal Brandão).



Douro e Trás-os-Montes é uma consequência da acção da rede hidrográfica deste rio : o *Sabor*, na margem direita, separou as serras de Reboredo e Mogadouro das de Bornes e Nogueira ; o *Corgo* abriu um vale entre as serras de Vilarelho e Marão ; o *Tua* separou as serras de Vilarelho e Padrela ; o *Tâmega* modelou e escavou as serras do Marão, Padrela e Alturas ou Barroso. Na outra margem, o *Paiva* cavou o vale que separa a serra da Arada da de Montemuro ; o *Côa* e o *Águeda*, que correm numa falha longitudinal ao longo da fronteira, modelaram a serra de Marófa, etc.

Em Espanha, à direita, os Montes Cantábricos enviam para o Douro as águas do *Pisuerga* e do *Esla* ; à esquerda, a Serra de Gredos, as do *Adeja*, *Erasma* e *Tormes*.

A bacia hidrográfica do Douro (em Portugal avaliada em

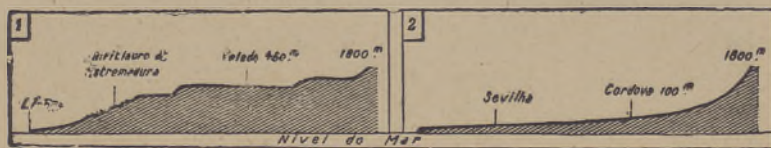


Fig. 36 — 1) Perfil do Tejo : rio de planalto ; 2) perfil do Guadalquivir : rio de planície.

18.558 qm.<sup>2</sup>) alarga-se mais na margem direita que na esquerda porque, nesta, a proximidade das serras de Montemuro, Leomil, etc., apertam-na mais violentamente contra o colector principal, não deixando desenvolver-se a rede dos seus afluentes (fig. 29).

O *Tejo* (820 qm.), o maior rio da Península, corre entre os sistemas lusitano-castelhano e toledano. O seu percurso marca três secções nítidas : duas no território espanhol e a última em Portugal.

A primeira, curta, corresponde ao trajecto desde a sua origem (serra de Abarracin) até ao peneplano de Castela Nova. Como todo este percurso se faz numa região de chuvas fracas, o seu volume é pequeno, correndo estreito e indeciso num leito, pedregoso e profundo, em que a orientação dominante é sudeste-noroeste.

Na segunda secção, mais extensa que a primeira, o rio corre na direcção aproximadamente nordeste-sudoeste até que,

depois de Toledo, é nitidamente leste-oeste. A característica desta secção é a de um rio velho, correndo, em desnivelamentos suaves, entre as serras de Guadarrama, Gredos e Gata, ao norte, e montes de Tolêdo e Guadalupe, ao sul (fig. 36).

Em Aranjuez recebe o *Xarama* e passa, pobre de águas, em Toledo.

A terceira secção, a terminal, começa nas Portas de Ródão (140<sup>m</sup> alt.), já em Portugal, onde ficava, aproximadamente, a foz do rio, na era terciária em que tóda a bacia inferior do



Fig. 37 — Aspecto do Tejo. Passagem a vau, perto de Santarém.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

Tejo constituía um gôlfo enorme em que desaguava também o Sado.

Nesta secção o Tejo desce os socacos da bordadura ocidental da Meseta, socacos que vão caíndo suavemente; a sua direcção é já nordeste-sudoeste, e o rio, mantendo-se ainda acompanhado de terras altas, desde as Portas de Ródão até Abrantes, alonga-se então, recebendo dos seus afluentes, e principalmente do *Zézere*, um grande volume de águas; em Santarém é navegável durante todo o ano, e em Salvaterra esboça um delta formando promontórios e ilhas de avolucção, para rapidamente se espriaiar num dos mais belos, largos e profundos



estuários, onde se abriga um dos melhores portos do mundo — Lisboa (fig. 30 e 37).

A alimentação do Tejo é irregular : periódica na primeira e terceira secções, onde a alimentação está dependente dos seus afluentes, sobretudo o Zézere que lhe fornece um volume de águas importante nos fins do inverno e princípio da primavera (chuva e fusão dos gelos da serra da Estrêla), provocando as cheias que inundam as suas margens; e muito irregu-



Fig. 38 — O Zézere, correndo entre margens alcantiladas e rochosas.  
Ponte filipina e estrada de Cabil.

lar na parte média, onde as condições climáticas de Castela, sendo irregulares, dão origem a um regime de águas que se reflete no regime geral do rio.

A bacia hidrográfica do Tejo, no nosso país está, avaliada em 24.913 qm.<sup>2</sup>, sendo os seus territórios banhados, ao norte (margem direita) pelo *Erges*, *Ponsul*, *Ocesa* e *Zézere*; e ao sul (margem esquerda) pelo *Sevêr*, *Sorraia* e *Almansor* (fig. 29).

A natureza dos relevos, em que esta bacia se desenvolve, faz com que a bacia do Tejo seja mais larga ao sul (margem esquerda) que ao norte (margem direita) [fig. 29].

O *Sorraia* e o *Zézere* são os dois afluentes principais do Tejo, interessantes porque teem características opostas.

O *Sorraia* é um rio velho, de planície, procurando por isso um caminho fácil entre terras baixas, onde o seu esforço não seja exigido; o *Zézere* é um rio novo, com carácter de torrente, violento, sendo de todos os rios portuguezes o mais activo como agente erosivo.

O *Zézere* corre numa das nossas regiões mais altas e pluviosas, razão porque rola, impetuosamente, grande volume de



Fig. 39 — Guadiana. Pôrto do Pomarão, a 38 km. da foz, vendo-se fundeados vapores de grande tonelagem. Pomarão é o pôrto que serve as minas de cobr. de São-Domingos.

águas que, em fins do inverno e princípio da primavera (época do degêlo na serra da Estrêla) fazem variar súbitamente o regime do Tejo, provocando grandes cheias nas suas margens baixas (fig. 38).

Foi a forte acção mecânica exercida pela erosão do *Zézere* que separou a serra da Gardunha da da Estrêla.

O *Guadiana*, correndo entre os sistemas toledano, ao norte, e mariânico, ao sul, é um rio em plena juventude, razão porque não se encontram ainda nele as três secções normais, mas apenas duas: a primeira, em Espanha, até à fronteira, numa orientação nordeste-sudoeste; a segunda, em Portugal, desde a fronteira, numa orientação norte-sul.



Na primeira secção, o Guadiana corre sôbre o peneplano de Castela-Nova, onde as chuvas são fracas, atravessando os campos tristes de Montriél (alto Guadiana), onde desaparece para reaparecer mais longe (baixo Guadiana). O seu percurso nesta secção é hesitante.

A segunda secção começa na fronteira, desde Badajoz até Monsaraz, onde penetra no território português, para depois tornar a servir de separação entre Portugal e a Espanha.

A sua orientação *norte-sul* corresponde a uma falha de que



Fig. 40 — Num meandro do Vouga. Passagem a vau.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

as águas se serviram, razão que explica a navegabilidade do rio até Mértola por navios de três mil toneladas (fig. 39).

O facto do segundo percurso do Guadiana se fazer numa região mais abundante em chuvas que o primeiro (Castela-Nova), faz com que o seu volume de águas seja muito maior no território português que no espanhol.

A sua bacia hidrográfica portuguesa é de 11.541 qm.<sup>2</sup> e os seus principais afluentes, na margem direita, o *Xévora*, o *Caia*, o *Degêbe*, etc.; e, na margem esquerda, o *Ardila* e o *Chança* que serve de fronteira. A bacia hidrográfica do Guadiana desen-

volve-se mais para oriente (margem esquerda) do que para ocidente (margem direita) [fig. 29].

O *Mondego* é verdadeiramente o maior rio português, pois realiza todo o seu trajecto no nosso solo. O seu comprimento é de 220 qm. e corre entre os serras da Estrêla, Louzã e Soure, ao sul, e Caramulo, Buçaco e Cantanhede, ao norte (fig. 28 e 29).

O seu percurso divide-se em três secções : a inicial até à confluência com o Dão, longa, sôbre regiões altas, com desnível



Fig. 41 — Barco de pesca na Costa-Nova (Bateira marinheira). Ria de Aveiro. (Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

veis bruscos, orientada sudoeste-nordeste até Pôrto da Carne, onde se encurva para o norte até que, ainda antes de chegar a Celorico, toma a direcção oposta à primitiva, isto é, corre nordeste-sudoeste, direcção que conserva até à foz. Neste percurso o rio tem o carácter torrencial, próprio da secção inicial de todos os rios, e a sua acção erosiva e de transporte é grande.

A secção média é muito curta, pois vai da confluência com o Dão até Coimbra ; continúa ainda acompanhado de terras altas, mas os desnivelamentos e a velocidade das águas são muito menores que na parte inicial, o que já dá lugar à formação de depósitos aluviais.



Finalmente a secção terminal, estende-se de Coimbra à foz : as águas correm vagarosamente sôbre terras baixas, como que procurando um caminho mais fácil, de maneira a formar *canais mortos* (São-João do Campo) e numerosas ilhas aluviais, que dificultam e modificam o primitivo curso. De facto, o chamado *rio vêlho* é hoje um *canal morto*, por onde o Mondego seguia noutro tempo, numa curva, perto das terras altas de Lavos. A abertura de um caminho mais curto, que o rio rompeu ao norte, transformou aquele primitivo curso num canal morto que as águas quasi abandonaram.



Fig. 42 — O Vouga em Angeja, já com o aspecto de rio de planície, as margens planas e baixas de forma a permitir a passagem a vau.

(Fotografia do Marçal Brandão).

Nesta última secção o Mondego é caracteristicamente um rio vêlho.

A alimentação do Mondego é mista: águas provenientes das chuvas e da fusão das neves, e águas provenientes da circulação interna. As cheias são, por isso, no outono e na primavera, isto é,

na época das chuvas e do degêlo nas regiões onde nasce.

Os principais afluentes do Mondego são : na margem direita, o *Dão*, e na esquerda, o *Alva*, o *Ceira* e o *Anços*, sendo a superfície da sua bacia hidrográfica de 6.772 qm.<sup>2</sup> (fig. 29).

O *Sado* (176 qm.) é um rio verdadeiramente de planície, com um regime de água constante e fraco, porque corre numa região de fraca pluviosidade anual.

O *Sado* está não só quasi reduzido ao segmento terminal, pois que o curso inicial e médios são muito curtos, como tem tôdas as características de um rio vêlho, pois que atingiu o perfil de equilíbrio. De facto, o *Sado*, noutros tempos, muito curto, juntava as suas águas às do *Tejo* no grande gôlfo já descrito. De resto, os seus numerosos meandros entre *Aleácer do Sal* e a confluência com o *Xarrama* são uma característica da idade adiantada do rio que sem fôr-

ças vai procurando o caminho mais fácil até encontrar passagem.

O Vouga tem a sua bacia hidrográfica (3.656 qm<sup>2</sup>) delimitada pelas sêrras da Lapa, Monte nuro, Leomil, Gralheira, ao norte, e as do Caranulo e Buçaco, ao sul. Até à confluência com o Caima (margem direita) o seu percurso é sempre acompanhado.



Fig. 43 — *Ria de Aveiro*. Contra-poente na Costa-Nova. O grande número de canais, em que a *ria* se divide, dá à região do Vouga uma paisagem característica, movimentada e bela, em que se nota uma perfeita combinação de tons, produzidos pelas culturas do milho e do arroz, pelas brancas pirâmides de sal, recortando o azul eterno dos céus, e pelo movimento intenso que anima tudo. A região do Vouga é uma faixa de rara beleza e encanto — a Holanda portuguesa.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

do de terras altas, tendo o carácter de uma torrente impetuosa, cuja acção se manifesta na sua violenta acção erosiva. Na parte terminal, desde aquela confluência, o Vouga é um rio de planície, desaguando por uma extensa *ria*, uma espécie de um grande delta (fig. 43 e 50).

A *ria de Aveiro* foi um largo gôlfo que os materiais, desagregados pelo Vouga, na secção inicial e média, foram aco-creando, de maneira a formar numerosas ilhas e canais aluviais, que por fim fizeram perder a fisionomia geográfica do primitivo gôlfo que hoje se apresenta com o aspecto de um grande



delta ou, melhor, de um extenso lago salgado de 30 quilómetros de largo, por 3 de comprimento, em comunicação com o Oceano (fig. 43 e 50).

Na margem direita os principais afluentes são: o *Caima* e o *Ul*; na esquerda, o *Águeda*, etc. (fig. 29).

O *Minho* (300 qm.) é um rio que corre entre as elevações de maciço galaico-duriense, na Galiza, servindo, em grande parte de fronteira entre Portugal e a Espanha.

As serras da Peneda e da Arga separam a bacia do *Minho* da do *Lima*.

A bacia do *Lima* é separada da do *Cávado* pelas serras do Suajo e Gerez; as do *Cávado* e do *Ave* pela serra de Barroso, etc. (fig. 29).

**Litoral e costas.**—As costas de Portugal pertencem ao



Fig. 44 — Bôca do Inferno, perto de Cascais. Efeito da erosão marítima.

tipo atlântico, que a Península Ibérica apresenta desde o sul da Galiza ao estreito de Gibraltar.

Nalguns pontos são altas e lisas — *arribas* e *jalésias* — e, na maior parte, baixas e arenosas — *praias*.

Desde o *Minho* até São-Vicente a costa, com excepção das enseadas de Peniche, Cascais, Setúbal e Sines, é muito desabrigada e batida pelas vagas que os ventos do noroeste e sudoeste levantam. Até Espinho, o litoral tem altitude inferior a 50 m. numa largura de um a dois quilómetros. De Espinho ao Cabo

Mondego, o litoral é baixo: as praias sucedem-se e as dunas são abundantes e altas (fig. 45). Passada a foz do Mondego, a costa, seguindo em linha recta, continúa baixa, com um litoral de um a dois quilómetros de largura até S. Pedro de Muel, onde o terreno se eleva. À medida porém que a Serra de Sintra se apro-



Fig. 45 — Duna litoral, em Peniche. — Ante-duna formada por ripados móveis e sebes fixas, destinada a fixar as dunas movediças

xima do Oceano, a aspereza do terreno agrava-se, dando origem às *falésias* e *arribas* que a costa ali apresenta (fig. 44).

O sul da Península de Setúbal é em *arribas*, seguindo-se depois, alternativamente, as *praias* e as *arribas*. Assim, do Sado ao cabo de Sines sucedem-se as praias, mais ou menos regulares; de Sines ao Cabo de São-Vicente voltam as *arribas*, originadas no prolongamento da plataforma do Alentejo.

O litoral do Algarve é um plano suavemente inclinado,



onde dominam as *praias*, entremeadas por *arribas* (Sagres a Lagos) [fig 47 e 51].



Fig. 46 — « Pedra Furada », no litoral da Ericeira: pórtico análogo ao que se encontra na costa irlandesa, em Rush

Da embocadura do Minho ao estreito de Gibraltar, as



Fig. 47 — Praia da Luz. Bacia formada pelas rochas da Piedade, Litoral do Algarve.

elevações excêntricas, formadas na orla ocidental da Penínsu-

la, como Aires, Candieiros, Montejunto, Sintra, Arrábida, Grândola, etc., deram origem aos cabos *Carvoeiro*, da *Roca* ou da *Rocha* (fig. 48), o *Espichel* e o cabo de *Sines*, delimitando planícies de aluvião precedidas por dunas e correntes litorais que transformam, às vezes, golfos marinhos em grandes lagos, ligados ao Oceano, como acontece à *ria de Aveiro* (fig. 50).

Um braço da corrente do golfo corre ao longo da costa portuguesa, de norte a sul, atacando fortemente as saliências da



Fig. 48 — Cabo da Roca. Praia da Ursa. A acção das marés e das ondas formou os « Arcos de Maraferrama ».

costa, de maneira a depositar, nas reentrâncias, expostas ao sul, os materiais arrancados. Assim acontece no Cabo Mondego que, visto do sul é uma ponta aguda a penetrar nas águas, ao passo que visto do norte o seu aspecto é outro; as reentrâncias de Buarcos e da foz do Mondego são invadidas pelos depósitos oceânicos que levam a Figueira da Foz a estender-se para occidente.

No mesmo caso estão os cabos *Carvoeiro*, da *Roca*, *Raso*, *Espichel*, *Sines*, etc.

Na costa sul, os cabos de *São-Vicente* e a *ponta de Sagres* são atacados constantemente pela acção destas correntes, ao



contrario do que acontece na costa oriental do Algarve em que



Fig. 49 — Praia da Luz. Rocha da Ferraria, interessante efeito da erosão marítima, no litoral algarvio.

o litoral, dia a dia, conquista ao Oceano novas terras (*salgados de Faro*).



Fig. 50 — Barcos moliceiros na Ria de Aveiro. A ria é um extenso lago salgado de 11.000 hectares de superfície, formado pelos depósitos marinhos arrastados principalmente da Foz do Douro, pela corrente que corre de norte para o sul, ao longo do litoral português, e pelos produtos de acumulação do Vouga que fizeram desaparecer o golfo primitivo que a costa ali fazia. Ao fundo a Costa Nova — o cordão de areia que separa do Oceano a Ria. De commum com as rias galegas, a de Aveiro tem só o nome, visto a sua formação ser de natureza muito diversa.

O facto da nossa costa ser, em geral, baixa e lisa, explica a

razão de não apresentar bons portos. Apenas se exceptua o de Lisboa que tira as suas vantagens da situação que possui na fractura do Tejo; todos os outros portos são de importância muito inferior, quasi sempre açoreados pelas areias arrastadas pelas marés ou pelas correntes dos rios.



Fig. 51 — Praia da Rocha, no litoral do Algarve. Aspecto interessante da erosão marítima.

A nossa plataforma continental é larga até ao cabo da Roca (60 a 30 qm. de largura); estreita em frente á foz do Tejo (profundidades de 400 m. a 5 qm. da costa, e 2.000 m. a um pouco mais); larga sem atingir contudo a largura anterior, ao sul do cabo Espichel (30 qm.), para se alargar mais ainda ao sul do Algarve.



## ZONAS GEOMORFOLÓGICAS

No ponto de vista da forma do solo, Portugal pode dividir-se em 8 zonas absolutamente distintas e caracterizadas.

A 1.<sup>a</sup>, constituída pelo Minho, a oeste do Tâmega, exceptuando as serras de Peneda, Amarela, Gerez e Alturas ou Barroso, é caracterizada pela sua movimentação constante, o que dá origem às notáveis e interessantes paisagens que possui; a 2.<sup>a</sup>, composta dos ferrenos das formações galaico-durienses, estende-se desde a fronteira norte, vindo da serra de Marófa ao Vouga, sendo caracterizada por elevações, planaltos e vales a convergir para o Douro; a 3.<sup>a</sup>, a *das planícies*, é constituída por todo o litoral desde o Pôrto até às proximidades da serra de Sintra, sendo limitada a leste pelas serras de Arge, Oural, Citanias, Arada, Caramulo, Buçaco, Sico, Aire, Candieiros, Montemuro, etc.; a 4.<sup>a</sup>, constituída pelo vale do Mondego, é uma zona nítida a descer para a parte mais larga do sector das planícies, caracterizada pela sua altitude e forma; a 5.<sup>a</sup>, constituída pelos terrenos do sistema lusitano-castelhano, é caracterizada não só pela orientação nordeste-sudoeste que apresentam as elevações como por nela se encontrar a maior altitude do nosso solo—a serra da Estrêla; a 6.<sup>a</sup>, constituída pelo Baixo-Alentejo com as bacias do Sorraia e do Sado, é uma zona sem movimentação e por isso monótona; a 7.<sup>a</sup>, constituída pelo Alto-Alentejo, é movimentada e elevada; a 8.<sup>a</sup>, constituída pelo Algarve, é uma região que se aproxima bastante das regiões do Mediterrâneo ocidental.

### CAPÍTULO II

## O clima

**Caracteres gerais.** — A característica fundamental do clima da Península é o contraste entre os planaltos interiores e a periferia, onde a própria diversidade de orientação dá origem a novos contrastes: entre o norte e noroeste—de influência atlântica, entre o sul—de influência africana—e o leste—de influência mediterrânea.

Portugal, na periferia ocidental da Península, fica situado nas regiões do *clima oceânico*, desde o Minho até ao norte do

Tejo, e do clima que marca a transição para o africano, em toda a região ao sul do Tejo.

O primeiro é um clima húmido, abundante em chuvas, principalmente no inverno, e com temperaturas que não trazem invernos muito frios, nem estios muito quentes.

Na segunda região, o clima é semi-tropical, extremamente sêco e quente. Em nenhum lugar da Europa os invernos são tam quentes como nesta região e no seu prolongamento na-

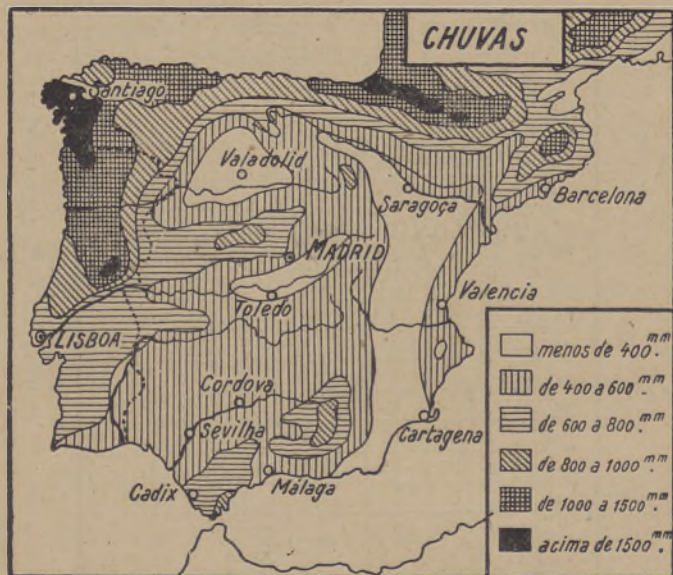


Fig. 52 — Clima. Distribuição das chuvas

tural para a Baixa-Andaluzia e sul da província de Granada, Múrcia e Valência. O verão do Algarve é insuportável de calor.

A-pesar do pequeno desenvolvimento de Portugal no sentido oeste-leste, o facto é que, à medida que caminhamos para o interior, se vão perdendo as características do clima moderado ou oceânico para se acentuarem as do clima excessivo, com maiores amplitudes térmicas e fraca humidade.

**Factores de clima.** — *Ventos.* Durante o ano, os ventos predominantes em Portugal são os de noroeste e sudoeste, vindos do mar, e, por isso, húmidos.



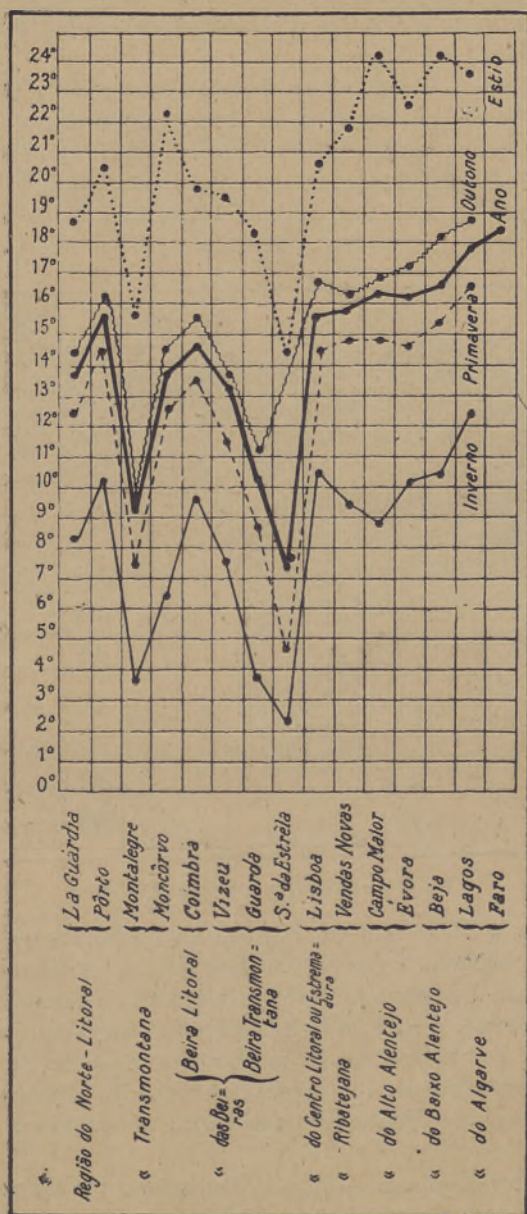


Fig. 53 — Gráfico da distribuição da pluviosidade em Portugal. Compare esta distribuição com a da fig. 52.

Os ventos de leste poucas vezes sopram sobre o nosso solo. Contudo, quando o fazem, no inverno, são frios e no verão quentes, porque passam sobre os planaltos resfriados ou aquecidos das Castelas, conforme as estações.

*Nubelosidade* — A nubelosidade de Portugal é média. Contudo, é maior na zona ao norte do Tejo que na do sul, porque, sendo aquela mais acidentada, os ventos, ao arrastarem a humidade de encontro às elevações, condensam-na, aumentando assim a nubelosidade, ao passo que, no sul, o vento passa limpando o céu.

*Pluviosidade* — A distribuição das chuvas no nosso país é bastante irregular.

Tôda a região do Alentejo e Algarve é pobre em chuvas, não estando sujeita a grandes variações anuais. Faro regista a média pluviométrica mais baixa — 340 mm. anuais.

A nossa zona do máximo de pluviosidade distribui-se entre Pôrto e Coimbra, onde, na Serra da Estrélla, a média anual atinge, por vezes, números superiores a 2.000 mm.

Segundo Köppen, com excepção de um quinto do nosso solo, todo o resto está incluído na zona de estação pluviosa no inverno e seca no verão. É só uma pequena faixa, no norte, que tem chuvas mínimas no outono e no inverno, o que explica o aparecimento nesta região de excelentes pastagens.

A quantidade pluviométrica anual é, em média, no sul, 450 a 600 milímetros (*pluviosidade fraca*); no centro do Tejo ao Vouga, 700 a 1.000 mm. (*grande pluviosidade*); ao norte, de 1.000 a 2.000 mm. (*muito grande pluviosidade*) [fig. 53].

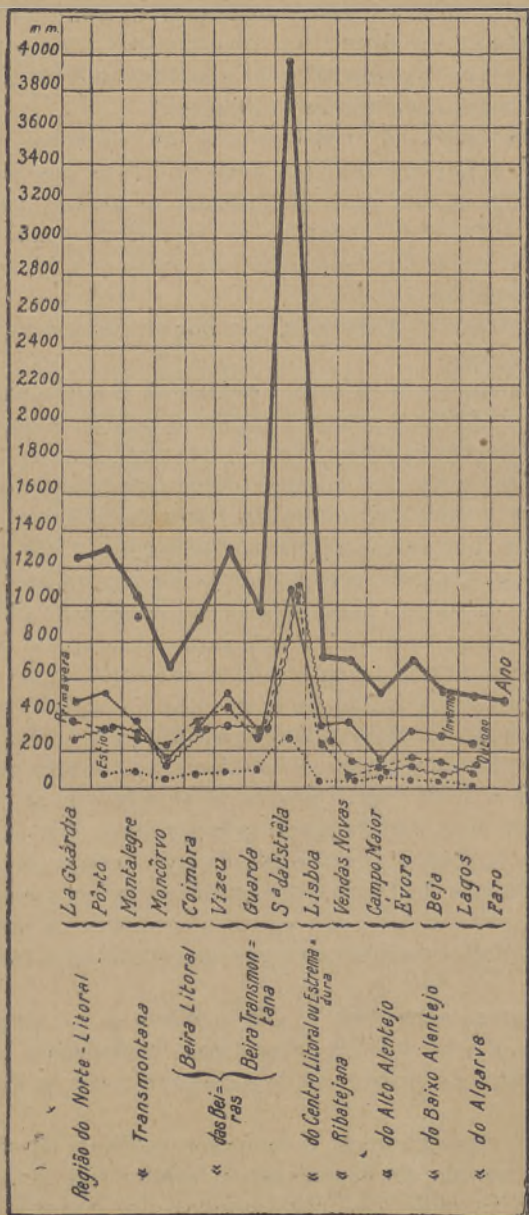
Além da influência geral exercida pelo Oceano sobre o nosso clima, a corrente do Gólfo é um poderoso factor a equilibrar o nosso temperatura, que não encontra também na nossa fraca continentalidade motivos para grandes amplitudes térmicas.

**Elementos climáticos.** — *Temperatura* — A situação de Portugal e a acidentação do seu solo contribuem para que a temperatura do nosso país seja sensivelmente a dos climas temperados.

De uma maneira geral, a temperatura difere de norte para o sul, e, sobretudo, do litoral para o interior (fig 54).

As regiões mais frias correspondem aos distritos de *Vila-Real e Guarda*; e as mais quentes, *Faro e Beja*.





1 ig. 54 — Gráfico da distribuição da temperatura em Portugal

As *temperaturas mínimas* correspondem a dezembro e janeiro; e as *máximas*, a agosto.

As *amplitudes mínimas* encontram-se naturalmente no litoral — Faro, Lagos, Lisboa e Pôrto; as *amplitudes máximas* no interior — Vila Fernando, Montalegre, Guarda, Serra da Estrêla, etc.

A-pesar das amplitudes térmicas serem grandes, a verdade é que as temperaturas extremas são raras, pois que as amplitudes máximas não ultrapassam 25° e as mínimas 1° abaixo de 0°.

A *isotérmica do inverno* (janeiro) passa ao norte do Tejo, entre 8° e 10°, e ao sul do mesmo rio entre 12° e 10°; a *isotérmica do verão* (julho), oscila entre 21°,6 e 22°,2.

*Humidade* — No ponto de vista da humidade, Portugal divide-se em duas regiões distintas, separadas pelo Tejo: a do norte, mais húmida (70 % a 80 %) e constante; e a do sul, menos húmida (56 % a 67 %) e variável.

Na zona do norte, as diferenças de humidade, durante o ano, são pouco profundas, ao passo que, ao sul, são mais sensíveis. Assim, Évora regista diferenças de 30,2 entre os meses de humidade máxima e mínima; Beja, 35; Campo-Maior, 34, etc., ao passo que o Pôrto regista apenas 6,7; Coimbra, 6,4; Lisboa, 16,4; Montalegre, 25,5, etc.

Duma maneira geral, a humidade é máxima no inverno, decresce na primavera e no outono para ser mínima no verão.

A humidade decresce também do litoral para o interior: Campo-Maior, 56,2; Beja, 58,7; ao passo que, no litoral, Pôrto, 75,9 e Lisboa 70,9, etc.

*Luz solar* — Partindo do princípio de que as nuvens absorvem uma boa parte da radiação solar, devem-se distinguir em Portugal duas zonas separadas pelo Tejo.

Sendo a nebulosidade mínima entre Lisboa e Campo-Maior, é nesta região onde a luminosidade é máxima.

De facto, o sul do nosso país tem uma intensidade luminosa muito superior à do norte. No sul, Faro, Beja e Évora são as regiões de maior intensidade de luz solar.



## CAPITULO III

## Vida vegetal

A forma do solo e as suas condições climáticas permitem a Portugal uma vegetação variada, compreendendo quasi tôdas as espécies vegetais dos países temperados e algumas dos países quentes.



Fig. 55 — Castanheiro secular, na aldeia de Reboredo, Bornes, Vila Pouca de Aguiar.  
(Fotografia de Marçal Brandão).

Três são, porém, as nossas grandes regiões fitogeográficas: a 1.<sup>a</sup>, compreendendo toda o norte até ao Tejo; a 2.<sup>a</sup>, desde o Tejo até as elevações do norte do Algarve; e a 3.<sup>a</sup>, todo o Algarve.

A primeira região, incluída na região septentrional da Península, isto é, na Ibéria húmida, é caracterizada por uma vegetação intensa que, nos vales, ao norte do Douro, a quem os observa dos cumes das montanhas, dá a impressão de estarem cobertos

de florestas, densas e ricas.

O tipo da vegetação é constituído por agrupamentos de árvores de folhas caducas e prados.

Entre as essências florestais, a mais rica é o carvalho (fig. 56) que, nesta região, se apresenta constituído de 3 espécies: o carvalho alvarinho ou do Minho, cujas folhas cáem logo no comêço do outono; o carvalho da Beira ou negral, para o interior, de folha mais persistente, delimitado ao sul pelas serras de Aire, Gar-

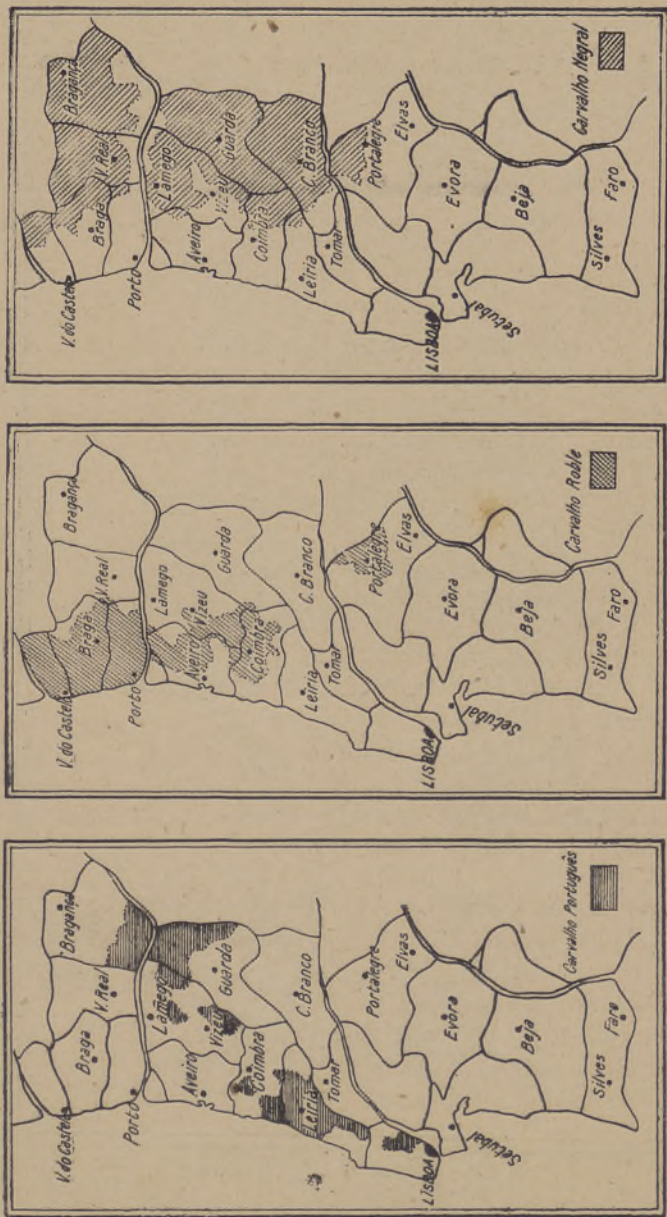


Fig. 56 — Distribuição dos carvalhos : 1) carvalho português, que marca a transição para o carvalho de folhas persistentes — azinheira e o sobreiro ; 2) carvalho roble, atarralho ou do Alentejo, cujas folhas caem no começo do outono ; 3) carvalho da Beira ou negro (de folhas mais persistentes).



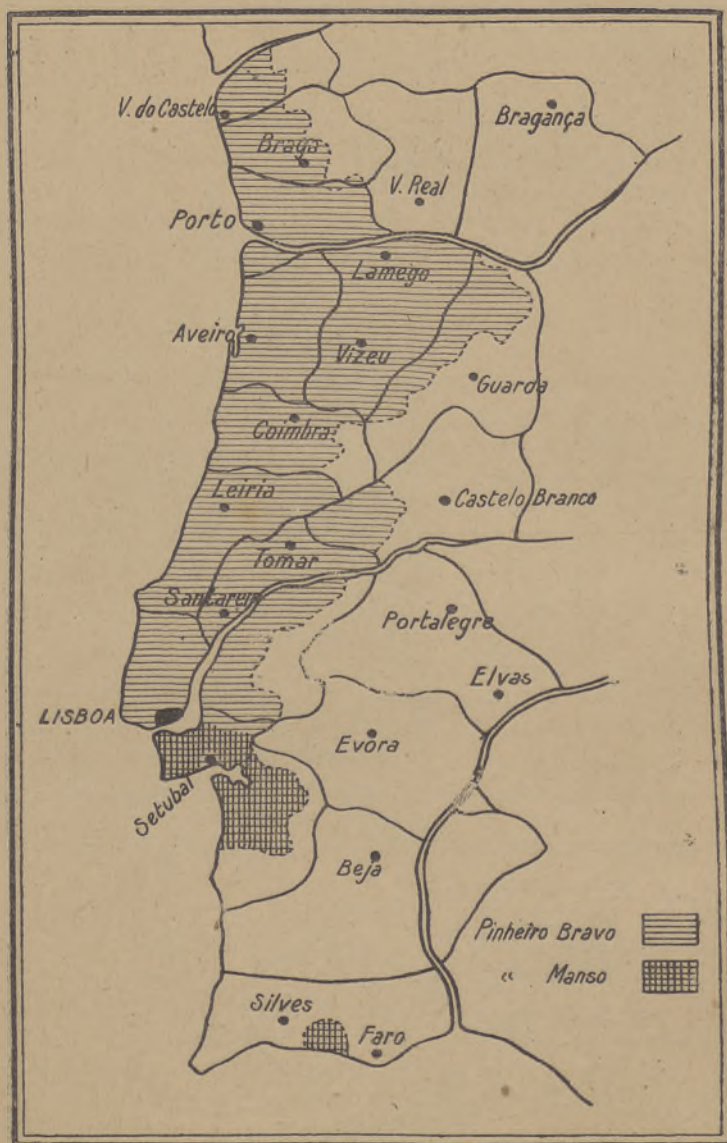


Fig. 57 — Distribuição dos pinheiros

dunha e Portalegre; e na Estremadura, o *carvalho português*,

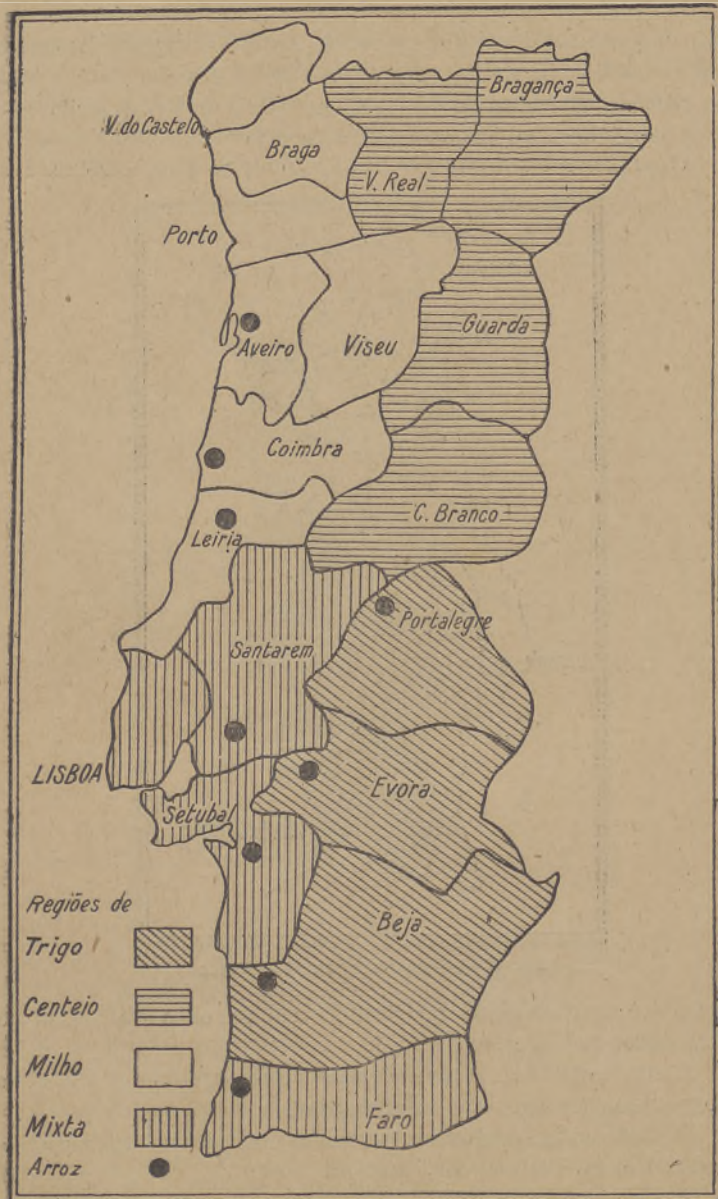


Fig. 58 — Distribuição dos cereais.— Compare esta gravura com a da distribuição da população (fig. 66) e verifique que na região do trigo a população escasseia ao passo que se acumula na do milho



cuja fôlha se renova todos os anos, caído só depois do aparecimento das novas fôlhas. É este carvalho que marca a transição para duas outras espécies de carvalhos de fôlhas persistentes — o *azinheiro* e o *sobreiro*, que se distribuem na 2.ª região.

O *pinheiro marítimo* distribui-se em todos os terrenos des-

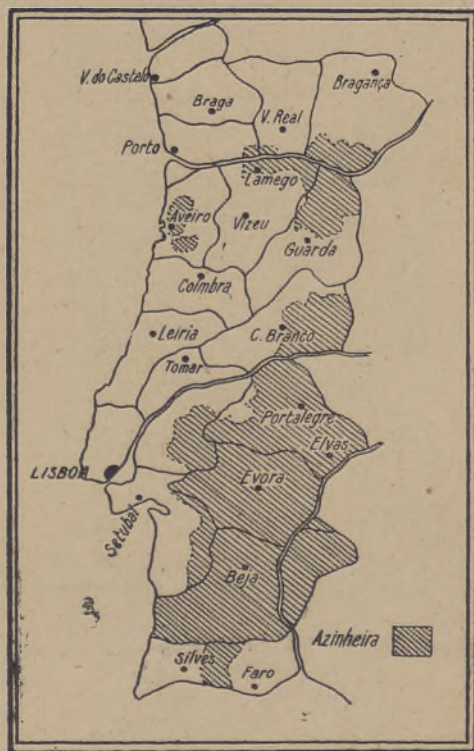


Fig. 59 — Distribuição dos azinheiros

ta região, expostos ao mar, cobrindo grandes extensões, quer no litoral quer no interior (fig. 57).

A sua resistência e sobriedade é que explicam o facto de se encontrar vivendo em solos pobres.

O *pinheiro bravo* domina ao norte, na metade ocidental — Aveiro, Leiria, Lisboa, etc. (fig. 57).

A *oliveira* distribui-se em Trás-os-Montes, nas Beiras e na Estremadura, fugindo das terras frias e das altitudes superiores a 800 metros.

A cultura da vinha e dos cereais (milho — Aveiro, Viana, Pôrto, Braga, etc.; centeio — Guarda, Bragança, Braga, Vila-Real, etc.; cevada — Bragança, Vila-Real, Castelo-Branco, etc.) completam a vegetação principal desta primeira grande região (fig. 58).

Os prados permanentes encontram-se apenas nas altas re-

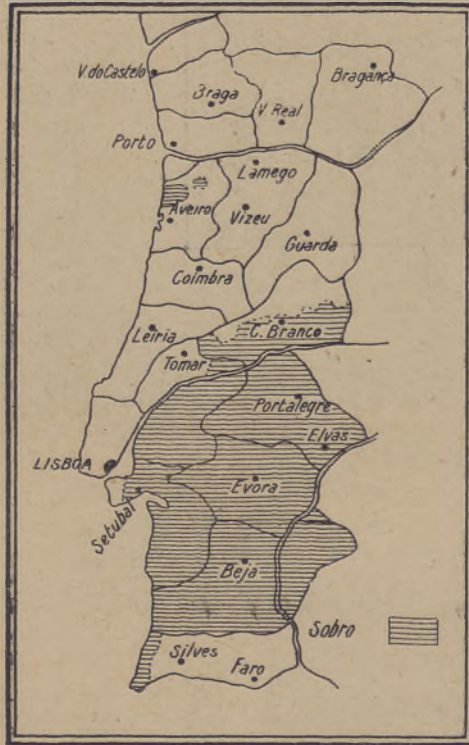


Fig. 60 — Distribuição dos sobreiros

giões do norte, sujeitas ao regime de chuvas de verão e outono, e nos distritos de Lisboa e Santarém.

A segunda região corresponde a um clima mais sêco, de maneira que as árvores desaparecem para darem lugar à vegetação *verófila*: o trigo é a vegetação característica desta região (fig. 58). É nela que se distribuem a *azinheira* e o *sobreiro*, que constituem os *montados alentejanos* (*azinheira* — Alto-Alentejo [fig. 59]; *sobreiro* — Baixo-Alentejo) [fig. 60].



A *oliveira* (Alentejo) e os *pinheiros*, *mansos e bravos*, compõem a principal vegetação desta segunda região (fig. 57).

A secura impede a formação de prados, dando lugar às *gramíneas duras*, ao *esparto*, aos *cardos* e a um grande número de espécies aromáticas que, com os seus perfumes, formam uma capa protectora com um poder absorvente de calor muito maior que o vapor de água (*rosmaninho*, *alfazema*, etc.)



Fig. 61 — Paisagem minhota. Transportando o milho. (Fotografia de Marçal Brandão).

A *terceira região* corresponde a uma vegetação, variada e luxuriante, do tipo da flora mediterrânea, isto é, das regiões semi-tropicais. O Algarve, que constitui esta nova terceira região, marca assim a passagem para a vegetação do norte de África. Ao lado da *vinha*, da *laranjeira*, da *oliveira* e da *alfarrobeira*, distribuem-se a *figueira*, a *amendoeira*, o *loureiro*, as *palmeiras*, a *cana de açúcar*, etc.

De uma maneira geral, nas regiões húmidas, sobretudo do norte, ao longo da parte terminal dos rios, dos canais de derivação, etc., distribuem-se *salgueiros* e *choupas* que, pitorescamente, caracterizam os choupais do Mondego e do Vouga.

## CAPÍTULO IV

### Vida animal

A vida animal do solo português apresenta as características da vida animal da Península, tal como acontece à sua vida vegetal. Porém, a pequena extensão da superfície do nosso solo faz com que os caracteres zoogeográficos se acentuem pouco de região para região, ainda que a distribuição das altitudes seja um factor que regula, até certo ponto, a vida animal.

Ao norte, na região até ao Tejo, correspondente à Ibéria húmida, onde existem prados e pastagens, domina o *gado bovi-*

no, que se apresenta constituindo dois tipos, o de *perfil côncavo* e o *convexo*. Ao primeiro pertencem as raças — *barrosã* (re-



Fig. 62 — Ovelhas e oliveiras no vale de Santarém.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

giões da serra do Gerez e Barroso) e *turina* (regiões de Lisboa), notável pela produção de leite; e ao segundo, as raças *minhota* (Minho e Douro), *mirandesa* (Beira, Trás-os-Montes), *arouquesa* (entre o Douro e Vouga até ao Zézere), *brava* (Ribatejo e Sado) e a *transtagana*, com as sub-raças *alentejana* e *algarvia*, que representam os verdadeiros bois de trabalho.

Nas regiões sêcas e planálticas do interior distribuem-se os *carneiros*, que se apresentam constituindo duas raças: a *bordaleira* e a *merina*, sendo esta, mais corpulenta, a productora da nossa melhor lã.



Fig. 63 — Rebanho de ovelhas e carneiros na Serra da Estréla.

(Fot. de Foto-Beleza, Pôrto).



Bragança, Beja, Évora, Portalegre, Castello-Branco, etc. são os distritos de maior densidade ; Viana, Braga, Pôrto, Aveiro e os de menor densidade.

Os cavalos distribuem-se, com certa uniformidade, ao norte e ao sul do país, pertencendo os do norte, sobretudo nas regiões de Viana, Braga, Trás-os-Montes e Beira, ao tipo que constitui a raça galiciana, de perfil côncavo, em geral castanho, de pequena estatura, mas rijo, próprio para viver nas regiões acidentadas onde se distribui. O cavalo galiciano lembra, de uma maneira geral, os caracteres do cavalo persa. Nas regiões do sul, predomina a raça luso-andalusa, de perfil convexo, mais alto e elegante, mas menos resistente ; é o cavalo das regiões planas e de trânsito fácil, lembrando o cavalo do norte de África.

O cavalo Alter é uma sub-raça do luso-andaluz.

Entre os animais de tiro e transporte, o gado asinino predomina nos distritos de Santarém, Lisboa, Faro, Beja, Leiria, isto é, nas regiões do sul, pouco acidentadas. Contudo, em Bragança, Vila-Real e Guarda aparecem também em número para registrar.

As condições especiais da temperatura e da configuração do solo das regiões meridionais do nosso país fazem que o gado muar se distribua no sul, sobretudo em Beja, Évora, Portalegre e Faro. O centro do país é uma região de grande produção de gado muar, mas a movimentação e altitude do solo fazem com que a produção se destine ao sul e a Espanha.

A distribuição do gado caprino está subordinada à falta de culturas e à configuração do solo. Assim, a cabra chamada barrosã deve a sua pequenez ao pouco pasto que encontra na região de Barroso ; a alentejana, nervosa, sêca e alta, tem estas características em consequência da sua vida nos peneplanos áridos do Alentejo ; a ribatejana é mais baixa que a alentejana por não ter de percorrer tam grandes extensões em procura de alimentos, etc.

O gado suíno distribui-se em duas regiões do país : no Alentejo, onde constitui uma das variedades da raça transtaganana — a alentejana, e ao norte, desde Braga a Viseu, formando a variedade beirão da raça bizarra, distinta da galega pela cor negra daquela variedade.

A região do norte é menos populosa que a do sul. Beja, Évora e Portalegre são os distritos de maior densidade.

\*

\*   \*   \*

Entre os *animais selvagens*, os que principalmente vivem no nosso solo são : o *lôbo*, o *javalí*, o *veado*, a *raposa*, a *lebre*, o *coelho*, o *texugo*, a *doninha*, etc.

O *lôbo* vive sobretudo nas matas do norte e do centro do país, e nos matagais do sul, entre o Tejo e o Algarve ; a *raposa* distribui-se em todo o nosso solo, nas regiões que não sejam despidas de matas ; o *veado* tende a desaparecer das matas do norte, onde se distribuía, etc.

Na *fauna fluvial*, os nossos rios são ricos em : *trutas*, *salmonetes*, *salmões* (rio Minho), *lampreias* (Minho, Vouga e Mondego) etc. ; na *fauna marítima*, as espécies mais abundantes são : a *sardinha* e o *atum* (costa do Algarve), etc.

## CAPÍTULO V

### Vida humana

**Raça e nacionalidade.**—A diversidade de raças e de tradições, o solo e o clima, estabeleceram contrastes nítidos entre Portugal e a Espanha, e até entre cada uma das suas províncias, havendo, na verdade, tantos tipos quantas as regiões naturais.

O *português* constitui uma unidade própria e diferenciou-se do espanhol desde muito cedo.

Isolado do resto da Península, sobre os declives ocidentais da Meseta e nas planícies costeiras, êle nasceu da luta, pertinaz e ameaçadora, contra os mouros,—mas só por si se fez, só por si se criou, pondo muitas vezes o seu sangue e o seu heroísmo ao serviço da independência dos outros povos da Ibéria. Vivendo à beira do Oceano, para êle se lançou em procura da fortuna: depois de guerreiro, fez-se navegador.

**População.**—A população portuguesa pertence, na sua maioria, ao tipo ibero-insular, caracterizado pela configuração da cabeça sobre o comprido, estatura média, ser moreno e possuir olhos e cabelos castanhos.



Além dêste tipo fundamental, como Portugal sofreu invasões de fenícios, de gregos, de povos do norte da Europa e de árabes, a nossa étnia apresenta as diversidades e variantes que se notam na população portuguesa, e que tem levado a encontrar nela quatro tipos diferenciados: o 1.º, de origem peninsular, dolicocefalo, moreno e baixo, distribuindo-se nas *regiões montanhosas do Alto-Minho* (Castro Laboreiro),



Fig. 64 — Casa rústica, caracteristicamente portuguesa, na estrada de Moledo.

(Fotografia de Marçal Brandão).

em *Trás-os-Montes* e na *Beira*; o 2.º, de origem *mongoloide*, braquicefalo, cabeça globosa, moreno e baixo, distribuindo-se no *Alto-Minho* (*Viana*) e nos *vales altos*; o 3.º, de origem nórdica, dolicocefalo, louro e alto, distribuindo-se sobretudo no *Minho*, *Ponte do Lima*, *Pôrto*, *Gaia*, *Póvoa de Varzim*, etc.; o 4.º, de origem *semito-fenícia*, delicocéfalo, rosto alongado, acentuadamente moreno, nariz aquilino e de estatura mediana, distribuindo-se *no litoral*.

De uma maneira geral, o português possui grande poder de assimilação e grande vivacidade intelectual; é sereno, ou-

sado, aventureiro, faltando-lhe porém a persistência própria dos povos do norte.

A população de Portugal é de 6.339.377 habitantes (1920), o que corresponde à densidade média de 69,3 hab. por  $qm^2$ , média muito superior à da Europa — 43, e à da Espanha — 42: O



Fig. 65 — Antigo solar português, em Bornes — Trás-os-Montes.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão)

facto de Portugal se ter formado sôbre o litoral, que é o mais povoado da Península, explica esta nossa superioridade.

A distribuição desta população faz-se, porém, irregularmente: a *densidade máxima* encontra-se ao norte, nos distritos do *Pôrto*, *Braga*, *Aveiro* e *Viana do Castelo*, registando, no primeiro, a forte densidade de 303,7 (fig. 66).

A *densidade média* regista-se em Lisboa, Coimbra, Viseu e Leiria (fig. 66); e a *densidade mínima* em Portalegre (19,6), Évora (20,7) e Beja (19,6), como na Mancha e na Estremadura espanhola (fig. 66).

Acumula-se a população, portanto, ao norte e no litoral.



onde as condições agrícolas e económicas são mais favoráveis,

fugindo, ao sul, das regiões planas, que, nos países de clima sêco, são desfavoráveis à população.

As más condições económicas e o espírito de aventura levam-nos todos os anos um grande número de braços, sendo Portugal um dos países em que a emigração é mais elevada, depois da Itália (fig 70). Em 1912 o nosso coeficiente emigratório foi de 14,81 hab. em 1.000 hab. da população geral; em 1920 baixou para 10,10 ‰ (Holanda, 11,86 ‰; Inglaterra, 10,28 ‰; Espanha, 8,8 ‰), dirigindo-se os emigrantes

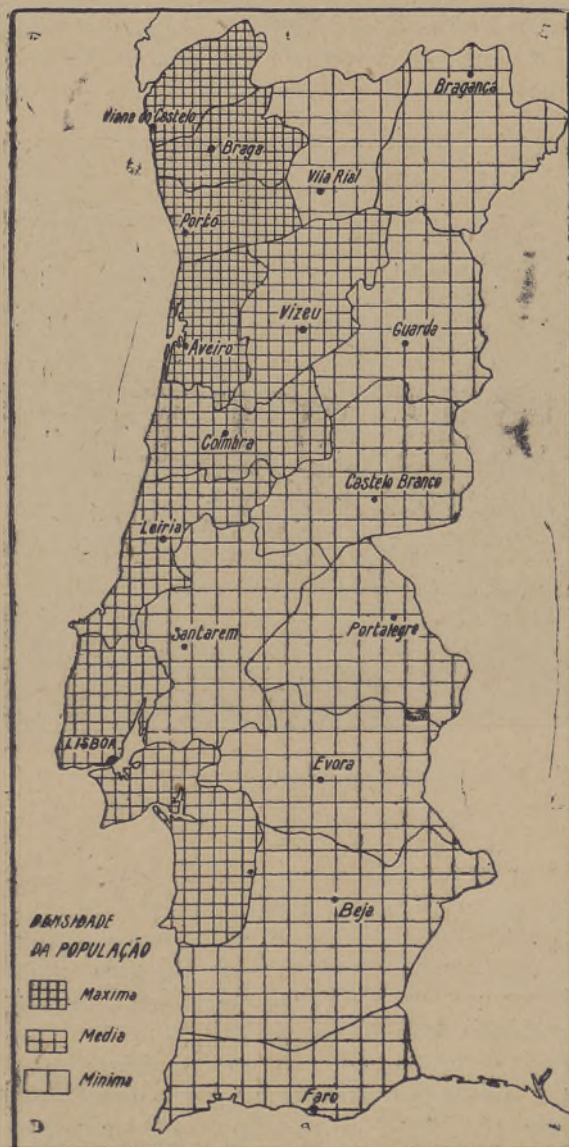


Fig. 66 — Distribuição da densidade da população portuguesa.

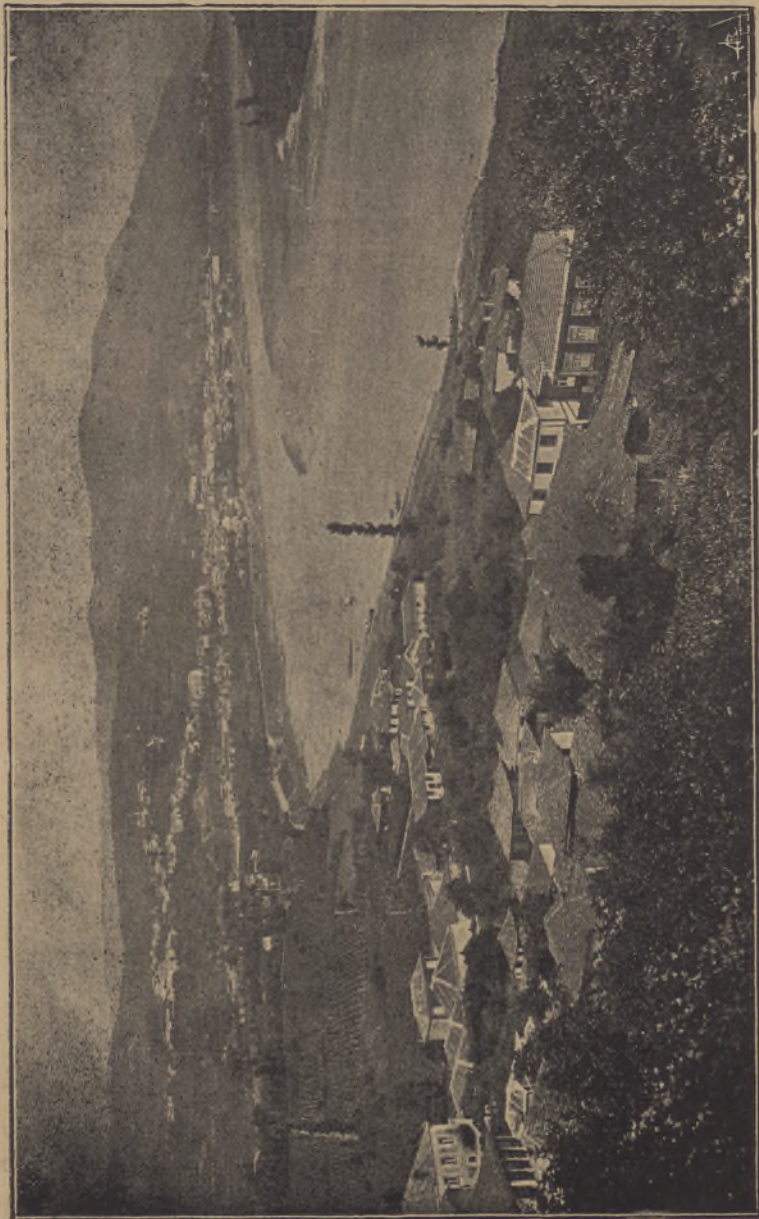


Fig. 67 — O Douro, na Régua, desenhando um grande e gracioso meandro (*Fotografia de Marçal Brandão*).



portugueses das ilhas para a *América do Norte*, onde constituem colónias importantísimas em *Boston*, *New-Bejford*, *Fall-River*, *Providence*, portos do *Estado de Connecticut* e *São-Francisco da Califórnia*, — e os emigrantes do continente principalmente do norte para o *Brasil* (fig. 69).

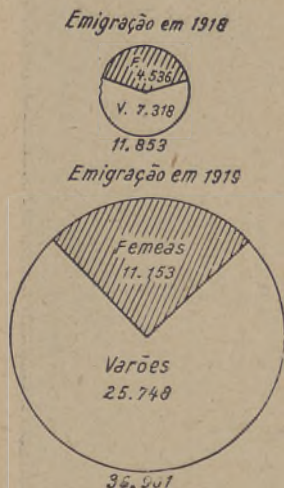


Fig. 68 — A emigração em 1919 e 1920. Em 1920, a crise económica levou a emigração portuguesa a exceder a sua média normal, pois que atingiu o elevado coeficiente de 10, 10 ‰.

A colónia portuguesa no Brasil é calculada em *dois milhões de indivíduos*, e, nos Estados-Unidos da América do Norte, em *menos de meio milhão*.

A pesar d'êste desfalque importante e do que lhe acarreta a grande mortalidade à nascença, a população de Portugal, cresce *anualmente* — 9,6, média de 1910 a 1920, o que mostra bem o valor da vitalidade da nossa raça.

**Centros de população.** — Mais de metade da população portuguesa habita o campo (67,5 %), estando o resto distribuído pelas cidades (15,8 %) e pelas vilas cabeças de concelho (16,7%), o que representa falta de centros importantes de atracção.

A dificuldade de comunicações para o interior da Península impede a formação de grandes centros itinerários, porque nem Bragança (5.476 hab. em 1920), nem Elvas (11.747 hab. em 1920) pode n ter êsse nome.

Pelo contrário, desembocando os grandes rios de Portugal no Atlântico, onde as marés se não fazem sentir com violência, e sendo as redes hidrográficas portuguesas de regime relativamente calmo, os núcleos de população encontram, nas bôcas dos rios, bôas condições para se fixarem.

*Lisboa* (500.000 hab., em 1920) no magnífico e amplo estuário do Tejo, recebendo o comércio de todo o mundo que lhe dá o 8.º lugar entre os portos de maior movimento da Europa, concorrendo e sufocando o movimento dos portos espanhóis do Atlântico — cidade moderna, industrial e comercial, que ocu-





e comercial; *Setúbal* (37.074 hab., em 1920), na foz do Sado, cidade industrial e notável centro piscatório.

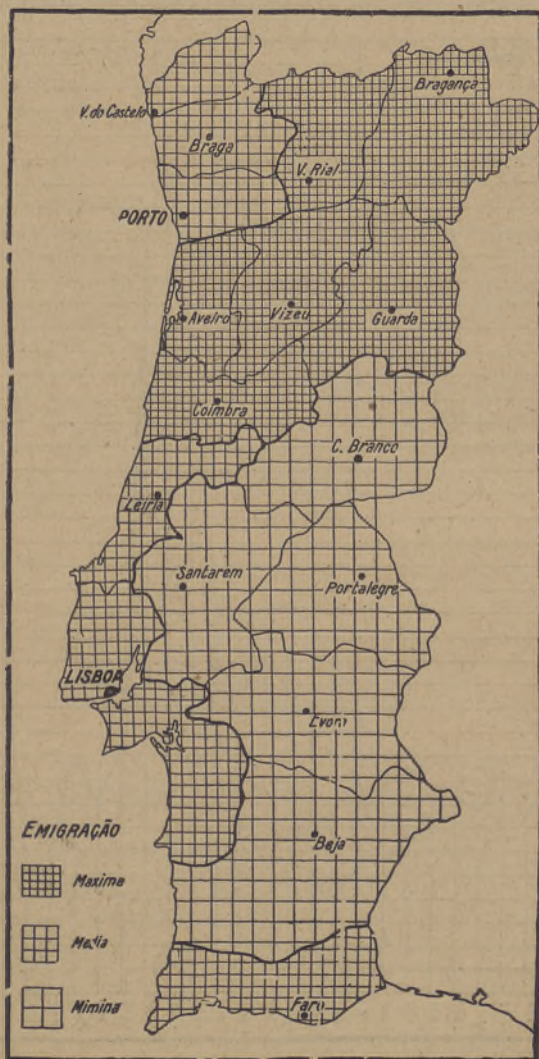


Fig. 70 — Carta da distribuição da emigração portuguesa. Compare com a fig. 66.

Lisboa e Pôrto absorvem quasi que toda a nossa população urbana, ficando unicamente um terço para se distribuir

pelas outras cidades: *Setúbal, Braga e Coimbra* (tôdas com



Fig. 71 — Carta da expansão actual portuguesa. As possessões portuguesas estão assinaladas a negro e as colónias de emigração estão registadas a tracejado.

população superior a mais de 20.000 hab.); *Évora, Covilhã,*

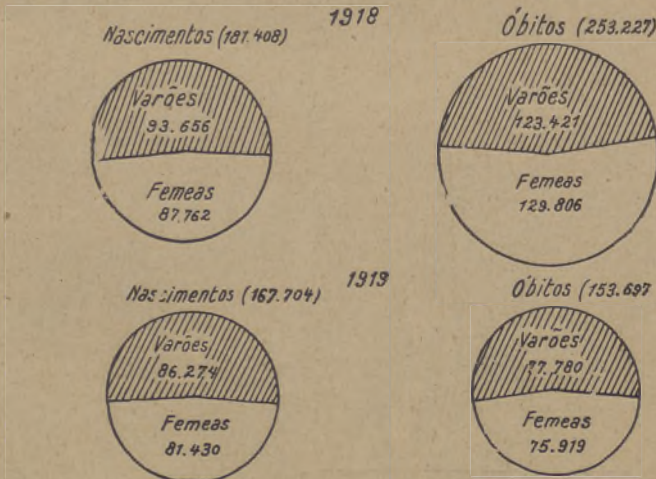


Fig. 72 — Movimento fisiológico da população em 1918 e 1919

*Faro, Aveiro, Elvas, Tavira, Viana do Castelo, Santarém, Portalegre, Beja, etc.* (tôdas de população superior a 10.000 hab.).





Fig. 73 — Porto e Vila Nova de Gaia — Rio Douro e cals da Ribeira. (Fotografia de Marçal Brandão).

*Covilhã*, com 14.409 h., é um centro importante da indústria de tecelagem, a *Manchester portuguesa*, e daí a sua forte den-



Fig. 74 — Benavente. Efeitos do tremor de terra de 23 de Abril de 1908

sidade de população. O mesmo acontece a *Guimarães* com cêrca de 10.000 hab. (fig. 75).

As restantes cidades, por ordem de número dos seus habi-



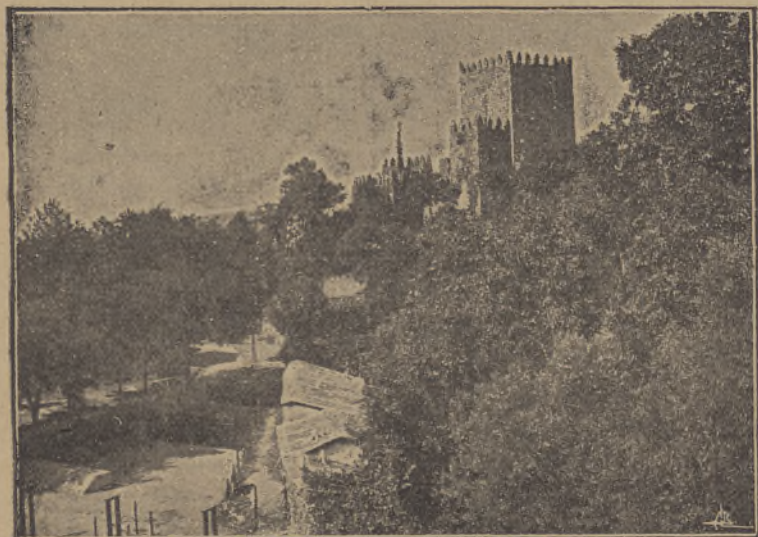


Fig. 75 — Guimarães. Castelo.



Fig. 76 — Pôrto, visto da Tôrre dos Clérigos. Perspectiva das rua<sup>2</sup>  
de 31 de Janeiro e dos Clérigos.  
(Fotografia de Marçal Brandão).



Fig. 77 — Tinheira de Cima. Uma aldeia caracteristicamente transmontana.  
(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).



Fig. 78 — Aspecto da linda povoação de Unhais da Serra, sôbre a encosta da Serra da Estréla, na Beira-Baixa. (Fotografia do Dr. Manuel Feijão).



tantes, são : *Castelo-Branco, Lamego, Guarda, Figueira da Foz, Bragança, Leiria, Penafiel, Silves, Lagos, Viseu, Tomar, Pi-*



F.g. 79 — Habitação rústica no Minho. (Fotografia de Marçal Brandão,

*nhel, Miranda do Douro e Abrantes* — com populações muito inferiores.

## CAPÍTULO VI

### Vida económica

**Agricultura.** — Portugal, mais ainda que a Espanha, é um país essencialmente agrícola, a-pesar-de quási metade do nosso solo não estar ainda aproveitado.

A composição agrícola do solo português, em 1926, era a seguinte :

| Cereais | Vinha | Árvores de fruto | Florestas | Solo improdutivo |                |
|---------|-------|------------------|-----------|------------------|----------------|
| 28 %    | 3,5 % | 4,5 %            | 20 %      | 34 %             |                |
|         |       |                  |           | aproveitável     | inaproveitável |
|         |       |                  |           | 84 %             | 16 %           |

Pode caracterizar-se a nossa agricultura por uma produção *excessiva da vinha* e uma *notável falta de cereais*.

Os processos de cultura usados são ainda rudimentares, e as chuvas caem nalgumas regiões tam irregularmente que

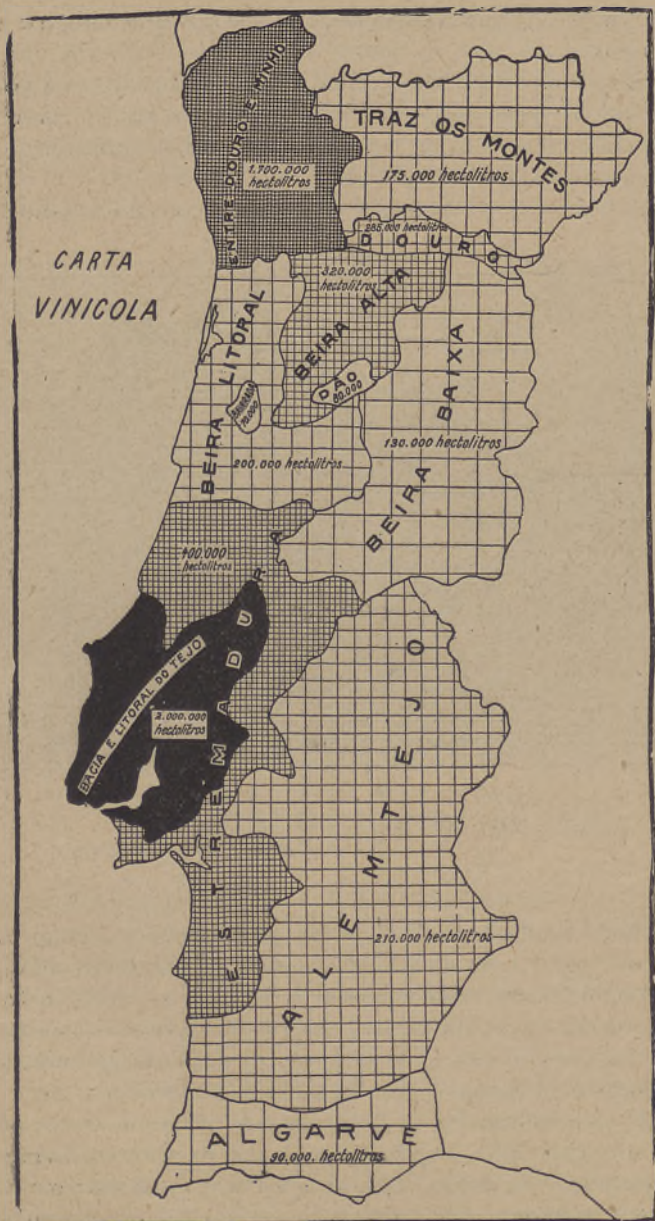


Fig. 80 — Carta das regiões vinícolas de Portugal.



fazem variar a colheita cerealífera de um ao quántuplo, em anos diferentes.

No norte até ao Tejo, a humidade é excessiva, não permitindo que o solo se adapte a tódas as culturas ; ao sul, a secura agravada com a falta de irrigação artificial, tornam improdutivas grandes áreas do Alentejo.

A vinha é a cultura mais extensa e para ela apresenta o



Fig. 81 — Malha de milho em Oliveirinha (Aveiro).

(Fotografia do Dr. Manuel Feijóo).

nosso solo condições excepcionais. A temperatura é-lhe favorável e n quasi todo Portugal e, ainda que a chuva seja irregularmente distribuída, este facto reflecte-se unicamente na produção dos tipos de vinho : *generosos*, *de pasto* e *de caldeira* (próprios para distilar). A produção média é de 24 hectolitros por hectare (França — 39, Espanha — 12, Itália — 8).

Os vales abrigados do Douro e seus afluentes, como o Tâmega e o Tua, são a região vinícola por excelência, dando lugar a grande produção, às vezes, a crise violentas: em 1919 o desenvolvimento da exportação, accidentalmente resultante das circunstâncias especiais do período da guerra, provocaram

um excessivo fabrico de vinhos generosos, a ponto da produção ter sido superior ao triplo da normal.

A nossa produção normal é de 5 a 6 milhões de hect., isto é, milhão e meio de pipas, correspondente ao valor médio de 250 a 300.000 contos. O excesso da produção traz como consequência a dificuldade de colocação dos nossos vinhos e daqui a crise que atravessa actualmente a viticultura portuguesa, em



Fig. 82 — Ceifa da fava. Alhandra  
(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

virtude de a exportação ter estacionado. Normalmente, exportamos para a Inglaterra e Brasil, cêrca de um *milhão e meio de hectolítros de vinho, no valor de 200.000 contos.*

Em 1926, a *região do Douro* produziu 289.688 hectolítros de *vinhos generosos*, isto é, a vigésima parte da nossa produção vinícola geral.

Pelo seu valor e pelo número de braços que emprega, a vinha é a nossa principal cultura, a nossa riqueza, o ouro do nosso país.

▶ O sul de Portugal, mais quente e sêco, presta-se, melhor que o norte, para a cultura de cereais : as *chapadas* do Alentejo são a região do *trigo*. A grande extensão dos incultos e o re-



gime da grande propriedade contribue n para que a produção do trigo seja escassa, não representando, em anos normais, senão cêrea de 70 % do consumo geral. A *nossa produção média de trigo é de 10 hectl. por hectare*. Em 1926, a produção do trigo nacional foi, segundo as estatísticas oficiais, de cêrea de 300.000 T., no valor de 343.000 contos.



Fig. 83 — Batendo o linho, uma aldeia da Serra da Estréla.  
(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

Nas terras húmidas, entre Douro e Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta, produz-se em quantidade o *milho*, a *aveia* e a *cevada*. A produção foi, em 1926, respectivamente, 300.000 T., 149.000 T. (66.000 contos), 56.000 T., (33.000 contos), sendo a última produção superior à colheita dos anos anteriores.

Se compararmos a distribuição do trigo e do milho com a da população, reconhece-se que o trigo tem, entre nós, como nos outros países, uma acção *centrifugante*, isto é, afasta as popula-

ções, concentrando-as em núcleos importantes, mas afastados, ao passo que o milho tem uma acção *centripetante*, este é, de acumulação nos próprios locais da cultura.

O *centeio* produz-se nas regiões mais altas e pobres — Guarda, Bragança, Vila Real e Viseu, sendo a colheita, em 1926, de 125.000 T., no valor de 100.000 contos.

O *arroz* cultiva-se nas bacias arenosas do Tejo, Sado, Vouga e Mondego — 17.000 T., no valor de 23 mil contos (1926).

A produção cerealífera, porém, não chega para o nosso



Fig. 84 — Ceifa do arroz, nas proximidades de Aveiro.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

consumo, a-pesar-de possuímos terrenos incultos em condições de nos poderem dar o pão que nos falta e que tam caro temos de importar. Importamos anualmente, por isto, cereais no valor de 270.000 T. Bastaria trazer para a cultura 250 a 300.000 hectares das charnecas do Alentejo para extinguirmos o nosso *deficit* do trigo e assim nos libertarmos do estrangeiro.

A *oliveira*, como planta mediterrânea, cultiva-se ao sul e nos vales abrigados do norte. Assim, nos distritos de Castelo-Branco, Leiria, Santarém, Portalegre, Évora e Beja. A produção do azeite português é aproximadamente de 510.000 hectolitros e a sua exportação faz-se principalmente para o Brasil.





Fig. 85 — Carta dos principais productos minerais de Portugal.

A arborização tem sofrido cortes numerosos e irracionais, mas, sob a protecção do Estado, ainda que lentamente, a superfície arborizada tem-se desenvolvido.

Entre as essências florestais, a mais rica é o *sobreiro* pela



Fig. 86 — Córte da mina de São João do Deserto, em Aljustrel.

cortiça que origina. Portugal produz 700.000 quintais de cortiça, metade da produção total do mundo (1.580.000 quintais).

Infelizmente, porém, a insuficiência da nossa indústria faz que se exporte a cortiça em bruto, sem ser trabalhada, sendo, por fim, a nossa situação inferior à da Espanha e da Argélia, que produzem menos cortiça que Portugal.

O rendimento da criação e engorda de gado é grande: ao norte, o gado bovino e, ao sul, o gado lanígero e suíno. A criação



do gado reflecte, porém, o pouco desenvolvimento da agricultura. O Pôrto é o distrito de maior riqueza pecuária, que é muito superior à do sul, em consequência da grande extensão dos prados.

**Indústria.** — A indústria não tem tido em Portugal um grande desenvolvimento porque nos faltam em abundância os elementos essenciais: a *hulha* e as *matérias primas*.

Contudo Portugal possui no seu sub-solo riquezas mine-



Fig. 87 — Queda de água do Lindoso, precipitando-se sobre o Lima, de 186 m. de altura. As águas percorrem 6 km. de canais e 4 de túneis até ao ponto donde se precipitam, fornecendo 40 mil cavalos de energia no inverno e 10 mil na estiagem.

rais importantes (fig. 85): *carvão* (antracite), na bacia do Douro (uma extensa faixa desde São-Pedro do Sul até perto de Espozende); na zona que vai do Cabo Mondego e Buçaco até ao sul de Alcobaça, paralela à costa e na região a oeste do Sado, acompanhando a certa distância o litoral (Santa-Suzana); *ferro*: em Trás-os-Montes, na região de Moncorvo, em Alcáçova e Alvito, no Alentejo, etc. — *cobre*: em todo o Alto-Alentejo, dominando principalmente numa larga zona central, entre Mértola e Barrancos, a leste, e Grândola e Odeira, a oeste; *manganês*, numa faixa paralela, mais estreita que a anterior, vinda de Huelva e terminando em Alcácer do Sal; *zinco* e *chumbo*, associados, na região do Caima e Douro, na Beira Baixa em

São-Miguel d'Achá, em Trás-os-Montes e no Alentejo, etc.; *antimónio*, associado ao quartzo aurífero, numa faixa de Valongo a Castelo de Paiva; *volfrâmio*, e n quasi todo o país, principalmente nas Beiras e Trás-os-Montes, sendo Portugal um dos países de maior extracção (a produção passou de 50 T. em



Fig. 88 — Fábrica de lanifícios em Unhais da Serra, Beira-Baixa. Durante o princípio e meados do século XIX, a indústria portuguesa foi subsidiária das pequenas quedas de água que lhe moviam os seus engenhos privativos. Hoje as grandes indústrias voltam a servir-se das quedas de água, usando, porém, processos muito mais aperfeiçoados e cómodos.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijóo).

1900 para 1.650 T. em 1917); *alabastro e mármore*, em Vimioso, Vila-Viçosa e Sintra; *nióbio*, na zona meridional do distrito de Viseu, etc.

A extracção tem sido difícil e pequena. Durante a guerra a dificuldade de abastecimentos, proveniente da crise de transportes, trouxe maior desenvolvimento da nossa produção mineira, sobretudo de carvão, que contudo não chega para as exigências da nossa indústria, dependente por isso do estrangeiro.

Este facto tem feito pensar no aproveitamento da energia



proveniente das quedas de água dos nossos rios, principalmente as, do *Douro internacional*, do *Rólão*, do *Lindoso*, do *Varosa*, etc., afim de desenvolvermos as indústrias, que, tendo força motriz por um preço muito mais baixo, poderiam então facilmente concorrer com as estrangeiras.

Portugal possui também, nas suas vastas colónias, terrenos próprios para a produção do algodão que necessita ir buscar, a pêsso de ouro, ao estrangeiro, para alimentar as exigências crescentes da sua florescente indústria algodoeira.

Portugal nunca foi um país industrial. A indústria tem

entre nós uma vida subsidiária, conseguindo porém uma ou outra desenvolver-se e vigorizar-se.

No tempo de Pomal a indústria floresceu, decaiu em seguida para depois de 1892 se engrandecer novamente.

A guerra veio dar-lhe novos alentos, porque novas indústrias se criaram e se



Fig. 89 — Rendeiras em Vila do Conde. A linda renda de bilros que aqui se fabrica lembra a famosa renda de Bruxelas.

desenvolveram, como as do *fabrico da massa para papel*, no Caima e no Pôrto, as de *produtos químicos* no Pôrto e em Lisboa, e as *metalúrgicas*.

A principal indústria portuguesa é a *téxtil*, estando em primeiro lugar a *algodeira*, com centros principais no Pôrto, em Fafe, Guimarães, Alcobaca, Tomar, Lisboa, etc. Vem depois a de *lanifícios*: Covilhã, Lisboa, Arrentela, Pôrto. Ambas porém necessitam de matérias primas que não possuímos: a *lã nacional*, cêrca de 3 milhões de kg., *chega só para metade do consumo*; e *não temos algodão*, a-pesar-de Angola possuir magníficas condições para a sua produção.

A indústria de *linhos* pratica-se em Guimarães, Tórres Novas, Viana do Castelo, Viseu, Coímbra. etc.; e a das *sêdas* no Pôrto, em Lisboa e Braga. As *rendas* de Peniche, Viana do Castelo e Guimarães são conhecidas em todo o mundo (fig. 89).

A *cerâmica* tem, nos seus diferentes ramos, os seguintes centros produtores : *vidros*, Marinha-Grande, Lisboa e Pôrto ; *porcelanas*, Vista-Alegre ; *faianças*, Sacavém, Caldas da Rainha, Lisboa, Vila Nova de Gaia, etc.

Guimarães é um centro importante da antiga *indústria de cutelaria*.



Fig. 90 — Descarga do atum em Portimão.

(Fotografia do Dr. Manuel Feijão).

A *indústria de lacticínios*, derivada da criação do gado, sustenta já hoje o nosso mercado com *manteigas* e *queijos*.

A pesca exerce-se em larga escala em tóda a costa, porque não só os nossos mares são pouco profundos e muito calmos, como a sua riqueza é grande em todo o litoral. Contudo, é na costa do Algarve que a pesca tira maiores rendimentos, provenientes do *atum* (fig. 90) e da *sardinha*, tendo aquele o seu único centro nesta costa, ao passo que a sardinha se encontra por todo o litoral : Póvoa do Varzim, Matozinhos, Espinho, Aveiro, Figueira, Setúbal e Algarve.

Grande parte da pesca é consumida pelas populações do



litoral ; outra, porém, sustenta indústrias de *conservas alimentícias* em Matozinhos, Espinho, Lisboa, Setúbal, Olhão e Vila Real de Santo António, etc.

O pescador português não se limita, porém, a percorrer os mares litorais. Ousado e atrevido, como no século **XV** e **XVI**, não teme a travessia do Atlântico, e parte de Lisboa, de Aveiro e

do Pôrto, em veleiros para a *grande pesca* nos buixos da Terra-Nova, afim de pescar, preparar e carregar para Portugal o bacalhau.



Fig. 91 — Túnel de Pôrto-Rei.  
(Fotografia de Marçal Brandão).

**Vias de comunicação.** — A extensão da *rêde das estradas portuguesas* é aproximadamente de 13.500 qm., o que representa, em relação à superfície de Portugal, um pequeno desenvolvimento = 22,5 qm. para 10.000 hab. O sul, o Alentejo, principalmente, tem menos estradas que o norte.

A extensão das *vias férreas* é hoje de 3.500 qm., 5,5 qm. para 10.000 hab. dis-

tribuídos pelas linhas (fig 92): do *Norte e Leste*, Lisboa-Pôrto, e Entroncamento-Elvas donde segue para Madrid ; de *Cáceres* que sai da linha de leste, encurtando a viagem para Madrid; da *Beira-Alta*, Figueira da Foz, Pampilhosa e Vilar Formoso, na fronteira, seguindo para Salamanca ; de *oeste*, Lisboa-Alfarelos-Figueira, com um ramal para Sintra ; da *Beira-Baixa*, Abrantes-Guarda ; de *Sul e Susste* — Barreiro-Vila-Real de Santo António, e Beja a Moura donde seguirá até à fronteira, com ramais para Setúbal, Vila-Viçosa e Portimão ;



Fig. 92 — Distribuição da rede ferroviária portuguesa.



do *Minho*, Pôrto-Valença para Espanha, com ramal para Braga; do *Douro*, Pôrto-Barca de Alva, seguindo para Salamanca.

Os caminhos de ferro do *Vale do Vouga*, *Vale do Sabor*, *Vale do Tâmega*, *Vale do Sado*, de *Chaves*, de *Bragança*, de *Guimarães* e da *Póvoa* são de via reduzida (fig. 92).

A navegação marítima faz-se hoje numa frota mercante de



Fig. 93 — Ponte de Mosteirô, sôbre o Douro, destruída pelos revoltosos monárquicos em 1919.

(Fotografia de Marçal Brandão).

370 navios, correspondente a 322.922 T., sendo 110 vapores com 279.078 T., e 260 navios de vela, com 43.844 T. — o que não chega para as necessidades do nosso vasto domínio colonial, que nos últimos anos se tem desenvolvido muito.

As *linhas telegráficas* contavam 20.284 quilómetros de fio e 8.942 quilómetros de linhas; a *telegrafia sem fios* tem hoje estações em Lisboa, Pôrto, Coimbra, Braga, Madeira, Açores, etc.; e as *estações postais* são em número superior a 4.266.

**Comércio.** — O comércio de Portugal seria relativamente pequeno se se limitasse aos produtos da metrópole, porque dado

o pequeno desenvolvimento da sua indústria, o comércio reduziu-se principalmente aos vinhos, à cortiça e à criação de gado. O nosso domínio colonial e a situação incomparável do porto de Lisboa dão porém ao nosso tráfego um valor excepcional, pois que Portugal é o país da Europa que, antes da guerra, maior expansão imprimiu ao seu comércio (fig. 94).

O movimento do comércio português, em 1924, foi de 4.500:000 contos, concorrendo as colónias com pouco mais da 4.ª



Fig. 94 — Expansão do comércio português, no período de 24 anos (1900-1924).

parte aproximadamente (1 milhão de contos), — o que corresponde a 750 escudos por habitante, dos quais 96 escudos dizem respeito ao comércio geral com as colónias (fig. 93).

Nesse mesmo ano o valor da importação foi de 3.179.000 contos, sendo 21.000 contos de produtos importados das colónias; a exportação representa 1.272:000 contos, dos quais 402.000 se referem à exportação para as nossas colónias (fig. 96).

A nossa importação representa, portanto, 70,6 % da totalidade do nosso comércio, correspondendo a exportação apenas a 29,4 %, o que quer dizer que compramos mais do dôbro do que vendemos.

Os milhares de contos que todos os anos saem do nosso país (fig. 97) são empregados na compra: de *matérias primas* (46 %), principalmente *carvão* e *algodão*; de *produtos alimentares* (12,1 %), sobretudo *trigo* e *arroz*; de *tecidos* (8,3 %); de *ma-*



*nufacturadas* (5,7 %); e de *maquinismos* (3,4 %), — tudo produtos de extrema necessidade que o nosso solo não possui ou que ainda não são explorados.

A *exportação* é caracterizada (fig. 98) pelos *produtos alimentares* (37,3 % do total da exportação), pelas *matérias primas* (27,4 %), pelas *manufaturas* (5,4 %) e pelos *tecidos* (5,3 %). A pequena percentagem na exportação das manufaturas e dos tecidos reflecte o pouco desenvolvimento da nossa indústria.

O *comércio geral de Portugal com as nossas colónias* desenvolveu-se extraordinariamente nos últimos 19 anos, pois que de 1905 para cá se tornou 240 vezes maior (fig. 103).

A *importação colonial* aumentou, no mesmo período, 50 vezes; e a *exportação* tornou-se 60 vezes maior, sendo quasi todo este comércio absorvido pelas colónias de África (fig. 103).



Fig. 95 — O característico *barco rebelo*, que faz o transporte dos produtos da região do Douro para o Porto. (Fotografia de Marçal Brandão).

A *importação colonial* é caracterizada (fig. 99): pelos *produtos alimentares* — um quarto da importação (28 %), principalmente *açúcar*, *cacau*, *café*, *milho* e *arroz*; e pelas *matérias primas* (19 %), sobretudo *oleaginosas*, *algodão*, *cauchu*, etc. Dos 3.179.000 contos de mercadorias que a Metrópole comprou, apenas 382.000 contos pertencem à produção colonial, e destes apenas 196.000 contos ficaram para consumo metropolitano, por que os restantes 186.000 foram para reexportar.

A *exportação para as colónias* (fig. 100) caracteriza-se pe-

los *produtos alimentares* — quasi um t $\frac{1}{3}$  da exportação geral para as nossas possessões (30 % da exportação), sobretudo *vinhos*; pelos *fios e tecidos* (26 %), algodão principalmente; pelos *objectos manufacturados* (16,3 %).

Os nossos principais *clientes* (fig. 102), são, por ordem do seu valor comercial : as *Colónias portuguesas* que nos compram



Fig. 96 — O comércio português em 1924, incluindo a importação e exportação geral, a importação e exportação colonial.

um sexto da nossa exportação (15,5 %); a *Inglaterra* (10 %); a *França* (9,5 %); o *Brasil* (4,6 %); a *Espanha* (3 %); os *Estados-Unidos da América do Norte* (2,7 %); etc.; e os nossos principais *fornecedores* (fig. 101), foram, na mesma época : a *Inglaterra* que nos forneceu um quarto da nossa importação (26,5 %); os *Estados-Unidos da América do Norte* (23,2 %); as *Colónias portuguesas* (16,7 %); a *França* (5,2 %); a *Espanha* (4,7 %); o *Brasil* (1,8 %), etc.



Dos povos com quem temos maior comércio só a França e o Brasil nos compram mais do que nos vendem; as outras nações vendem-nos muito, mas compram-nos pouco.

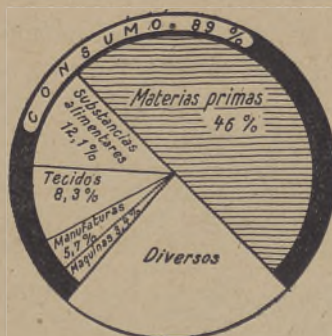


Fig. 97 — Característica da importação. Observar a percentagem dos produtos que compramos ao estrangeiro.

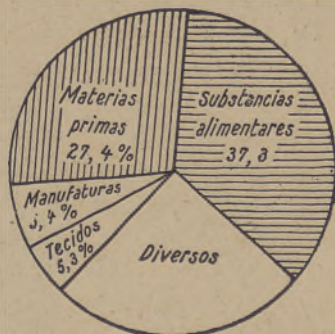


Fig. 98 — Característica da exportação. Observar a percentagem e o valor dos produtos que vendemos. Comparar com a fig. 97.

A Inglaterra tem o primeiro lugar no nosso comércio, servindo-lhe o nosso país mais para a colocação dos seus produtos



Fig. 99 — Característica da importação colonial. Observar a importância dos produtos que importamos das nossas colônias.

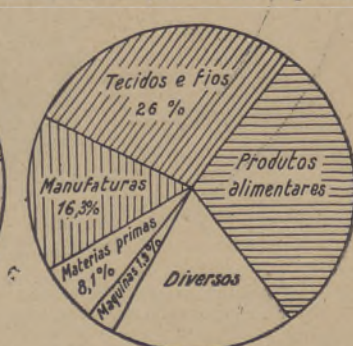


Fig. 100 — Característica da exportação para as colônias. Observar a importância dos produtos de que necessitam as nossas possessões. Comparar com a fig. 99.

do que para a compra dos nossos: quâsi 27% da nossa importação procede da Inglaterra que compra apenas 10% da nossa exportação.

O comércio com os *Estados- Unidos da América do Norte* ainda mais patenteia esta desproporção : 23,2 % de importação

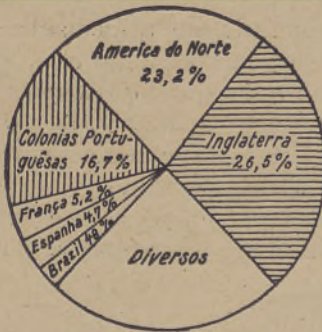


Fig. 101 — Fornecedores: Característica da importação por origens. Observar a importância dos fornecimentos em relação a cada um dos países.

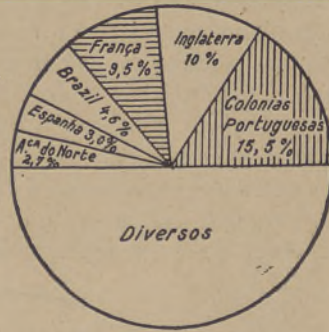


Fig. 102 — Clientes. Característica da exportação por países de destino. Observar a importância das compras em relação a cada um dos países. Comparar com a fig. 101.

para a insignificante percentagem de 2,7 % de exportação, importância inferior mesmo às compras que a Espanha nos faz

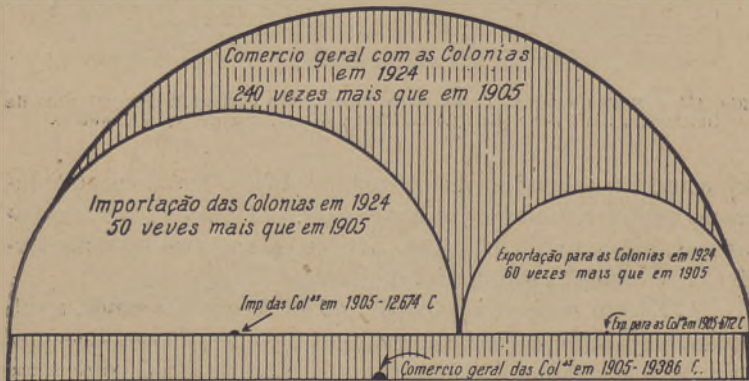


Fig. 103 — Expansão do comércio português com as colónias no período de 1905 a 1924.

— isto é, a Grande Guerra fez-nos grandes clientes dos *Estados- Unidos da América*, quando ainda antes dessa época estávamos longe de tal.

O mercado alemão perdeu-se em resultado do conflito de 1914, o que prejudicou o comércio português que colocava nes-



se país, sobretudo, os seus productos coloniais, em troca do açúcar e do arroz ; actualmente, o comércio alemão com Portugal reanima-se.

O que caracterizava o nosso comércio com a Alemanha — facto que se dava no comércio dêsse país com todos os outros — era o seu crescimento prodigioso : tinha quasi *quadruplicado* a importação e *triplicado* a exportação, em 20 anos, ao passo que no nosso comércio com a Inglaterra, no mesmo tempo, apenas duplicou a importação e diminuiu a exportação.

O espirito commerciante do alemão estava-nos assim servindo melhor do que a Inglaterra não só nos nossos abastecimen-

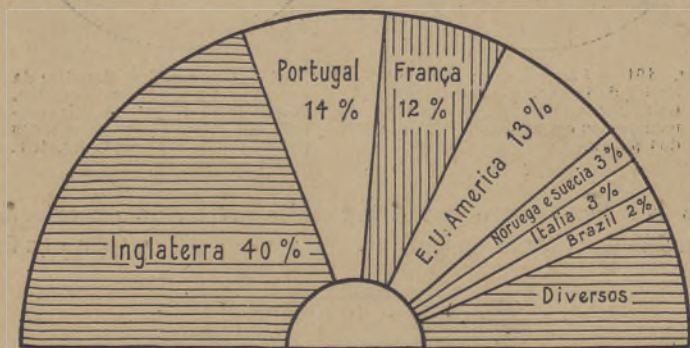


Fig. 104 — Frotas mercantes ao serviço do comércio português. Percentagens da tonelagem. Observar a situação da frota portuguesa em relação às outras.

tos como na colocação dos nossos productos. Era a consequência da guerra commercial que a Alemanha planeava para avassallar o mundo e que, ambiciosa, a levou a lançar-se na mais terrível luta armada de que há memória.

A França compra-nos quasi o dôbro do que nos vende, avultando, nas suas compras a Portugal, os vinhos, de que este país é um bom mercado ; e o Brasil, que nos comprava 3 vezes mais do que lhe vendíamos, fornece-nos hoje já mais do que nos compra.

Com a Espanha estabelecemos quasi o equilibrio commercial, sendo Portugal o país que a abastece de gados. Facto análogo acontece, em muito maior escala, com as nossas colónias, que se encontram no primeiro lugar entre os clientes, e em terceiro entre os fornecedores (fig.<sup>as</sup> 102 e 101).

A falta de comunicações por intermédio de navios portugueses, é uma das causas por que o nosso comércio não tem tido o desenvolvimento que era de esperar.

De confiar é que, organizados êstes serviços e normalizada um pouco a crise resultante da Grande Guerra — o comércio

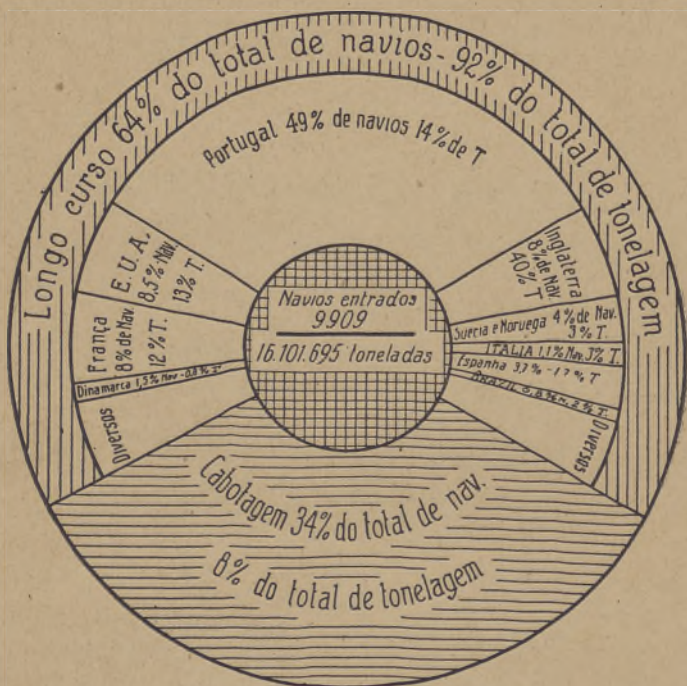


Fig. 105 — Movimento dos portos portugueses em 1920, indicando a percentagem de navios entrados segundo as nacionalidades.

português tome uma notável expansão em consequência do nosso vasto domínio colonial—22 vezes maior que a metrópole — e da privilegiada situação geográfica dos nossos portos, sobretudo Lisboa.

Em 1914 — em período normal — entraram e saíram dos portos portugueses 9.107 navios, com 20.505.334 T. ; em 1920, durante a guerra, 9.909 navios com 16.101.650 T. (fig. 105), cabendo ao *pôrto de Lisboa* 3.368 navios entrados e saídos, com 7.243.662 T., aproximadamente metade da tonelagem total;



*Leixões e Pôrto*, 1.237 navios entrados e saídos com 805.655 T.; *Setúbal*, 5.5 navios, com 61.000 toneladas; *Vila Rial de Santo António*, 209 navios e 90.000 T.; *Faro*, 370 navios e 96.333 T.; *Vila Nova de Portimão*, 319 navios e 87.000 T., etc.

*Aveiro, Setúbal, Portimão e Olhão* são portos de cabotagem.

# PORTUGAL INSULAR

## ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

### O solo

Situação, composição e superfície. — O arquipélago da Madeira está situado a sudoeste do cabo São-Vicente, ao largo



Fig. 106 — Situação dos arquipélagos da Madeira e Açores, em relação a Portugal. Os dois arquipélagos estão envolvidos por um rectângulo a traço negro.

da costa de Portugal, mais perto da África que da Europa, distante de Lisboa 40 a 50 horas de viagem (1.300 qm.) [fig. 106]. Compõem-no duas ilhas — a *Madeira* e *Pôrto Santo*, e uma fieira de





A ilha de Pôrto Santo, menos alta, pois que o *Pico do Facho* regista apenas 554 m. — é uma miniatura da Madeira (fig. 107).



Fig. 108 — Carta em relêvo da Ilha da Madeira. Na parte inferior da gravura o perfil do sólo da ilha. Comparar com a fig. n.º 109.

**Hidrografia.** — Os cursos de água do arquipélago são ri-

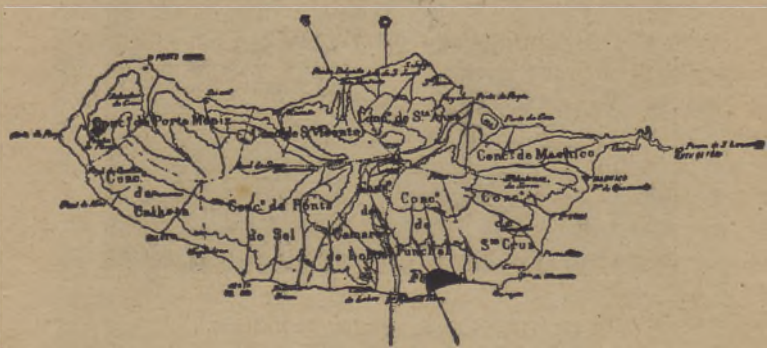


Fig. 109 — Carta da Madeira. Comparar com a fig. 108.

beiras de carácter torrencial, sendo porém os da vertente meridional mais extensos que os da septentrional.



O principal é o que desce do Paúl da Serra — a *Janela*, que irrigando os campos marginaes, vai desaguar na ponta oeste da costa septentrional. *Machico*, *Torreão*, *Brava* e *Ponta*



Fig. 110 — Uma *terada* (Ilhas da Madeira).

*do Sol*, são outras tantas torrentes cuja energia é aproveitada para mover várias máquinas hidráulicas.

**Costas.** — O litoral é mais alto ao norte que ao sul, em

consequência do declive dos relevos ser mais brusco. Daqui re-

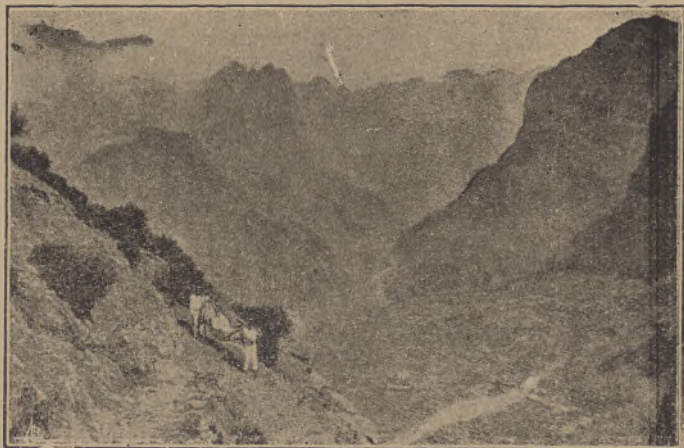


Fig. 111 — Grande Curral, Madeira. Tipo do vale escavado pela erosão das torrentes. Observar a grande acidentação do solo da Madeira.

sulta a inacessibilidade da costa septentrional e o facto dos me-



Fig. 112 — Ribeira do Rabaçal, nas 35 Fontes, Madeira.

lhores fundeadouros se encontrarem na costa meridional : Fun-



*chal* (fig. 113), *Câmara de Lobos* (fig. 114), *Ponta do Sol*,



Fig. 113 — Baía do Funchal. No primeiro plano um carro, sem rodas, para transporte, muito usado na Madeira.

*Calheta, Machico* (fig. 107); e ao norte — *Pôrto Moniz, Pôrto Seixal, São-Vicente, Pôrto da Cruz*, etc. (fig. 107).



Fig. 114 — Câmara de Lobos, na Madeira, vendo-se a curva da baía.

As *pontas do Pargo*, a oeste, e *São-Lourenço*, a leste, marcam os acidentes extremos do litoral (fig. 107).

## Clima

O clima das ilhas do arquipélago é verdadeiramente oceânico, com uma temperatura constante e agradável: tem-



Fig. 115 — Paisagem da Madeira : no primeiro plano, vegetação intensa e variada ; no último o perfil imponente das montanhas.

peratura máxima 22° e mínima 15°; as chuvas são abundantes no inverno em que sopram ventos de oeste, e menores no verão em que sopra o alisado de nordeste.



Contudo as diferenças de altitude dão origem a que a região do norte das ilhas seja mais fria que a do sul. A regularidade do clima do arquipélago faz que estas linhas sejam consi-



Fig. 146 — Pôrto-Santo. Costa norte da ilha, mostrando um vale cayado por uma ribeira.

deradas como uma deliciosa estação de inverno, freqüentada por numerosos estrangeiros, principalmente ingleses e americanos.

### Vida vegetal e animal

Pela sua situação, intermediária entre a Europa e a África, a vegetação do arquipélago da Madeira apresenta produtos europeus e africanos.

A flora é abundantíssima, sendo porém mais intensa na vertente sul. A natureza vulcânica das ilhas e o clima explicam a riqueza vegetal e a fertilidade do solo.

A Madeira divide-se nas seguintes zonas de vegetação : a da *cana do açúcar* e da *bananeira*, que vai do mar até 200 metros de altitude; a da *vinha*, até 750 metros; a dos *cereais* e *pastagens*, até 1.650 metros ; e a das *florestas* daí para cima.

A vegetação é, em geral, do tipo mediterrâneo, tendo tido

outrora tam grande desenvolvimento a vida florestal que dela



Fig. 117 — A cidade do Funchal.

derivou o nome de Madeira que usa o arquipélago. Para redu-



Fig. 118 — A cidade do Funchal, vista de leste.

zirem o solo à cultura foi necessário lançar fogo a grande parte



da floresta, sendo sôbre estas cinzas que se plantaram, pela primeira vez, a vinha e a cana sacarina.

A *vinha* tem, neste solo, condições excepcionais para o seu desenvolvimento, assim como os *cercais*.

Da vegetação tropical encontra-se a *banana*, o *ananz*, a *goiaba*, a *nona* e a *cana sacarina*, etc.

A *fauna útil* é constituída por numerosas cabeças de gado



Fig. 119 — Uma aldeia. Habitações rurais. O gado bovino constitui uma raça menos resistente mas de maior produção leiteira.

*bovino*, *lanígero* e *caprino*, e por grande quantidade de *peixes* que povoam os mares — o *atum*, principalmente.

## Vida humana

**População.** — As ilhas da Madeira e Pôrto-Santo eram desertas quando em 1418 foram descobertas por Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. A população é originária de Portugal, havendo também bastantes estrangeiros, principalmente ingleses.

A população *total* é de 200.000 h. (1920), o que corresponde

à forte densidade de 219,6 h. por  $\text{qm}^2$  — *mais do triplo de Portugal.*

A distribuição desta população é irregular: mais densa na vertente sul que na zona norte, mais acidentada e de acesso difícil.

A zona central tem uma população insignificante.

A população do arquipélago seria muito maior se não fôsse



Fig. 120 — Crianças vestidas com trajes ilhéus.

o número elevado de madeirenses que anualmente *emigram* para a América do Norte e para as Guianas—em proporção *três vezes maior que o número de emigrantes do continente.*

Os únicos centros importantes da população são (fig. 107) : o *Funchal* (fig. 117 e 118) [25.000 h.], capital do distrito, pôrto sôbre o litoral sul; *Santo António* (8.839 h.); *Machico* (8.610 h.); *Câmara de Lóbos* (8.749 h.), a oeste do Funchal, a vila mais



importante da ilha; *Ponta do Sol* (6.190 h.), centro industrial; *Calheta* no litoral sul, e *Pôrto Santo*, na ilha do mesmo nome.

## Vida económica

A agricultura é a melhor fonte de receita, sendo a *vinha* e a *cana sacarina* as principais culturas. O solo po-



Fig. 121 — Espécie de *machila*, usada como meio de transporte na Madeira. A acidentação do solo faz que seja utilizado este meio de transporte.

rém não está todo aproveitado em consequência da sua aspezeza e das aluviões que os rios arrastam desordenadamente nas épocas das chuvas, o que prejudica grandemente as culturas.

O *vinho* é o melhor do mundo e a sua exportação chegou a ser excepcional. Sobreveio porém a doença e a maior parte dos vinhedos foi dizimada. Tratou-se então dos *cereais* e da *cana do açúcar* que atingiu também grande produção, já hoje menor pela concorrência do Brasil. Em 1926, a produção do vinho da Madeira foi de 55.462 hectolitros, isto é, a *quinta parte* da produção dos vinhos generosos do Douro. Além da in-

dústria do açúcar e da aguardente, as outras, são : os trabalhos em vêrga, as rendas, os bordados, etc.

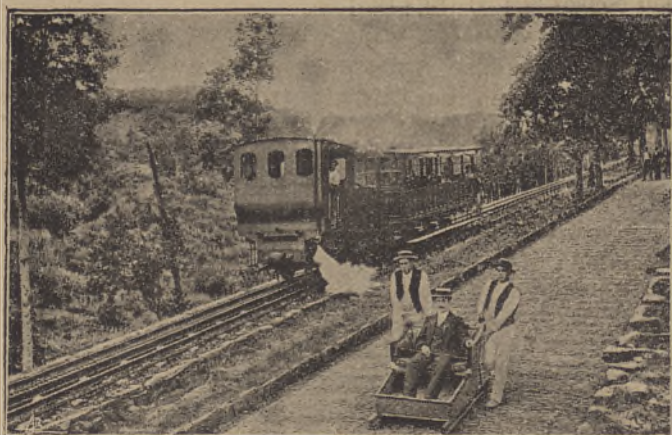


Fig. 122 — O elevador subindo a encosta da montanha. Ao lado, um carro sem rodas em que, por divertimento, se costuma descer a calçada.

**Comércio.** — A situação do arquipélago, no roteiro dos na-



Fig. 123 — Característica do comércio da Madeira (1923): importação e exportação.

vios que vão para a América do Norte e para a África Ocidental, dá-lhe importância notável como pórtio de escala.



As vendas feitas à *Metrópole*, à *Inglaterra* e aos *Estados-  
-Unidos*, são superiores a 74.000 contos (1923); [fig. 123] e as *compras*, quasi tôdas feitas à *Metrópole*, são superiores a 30.000 contos (1923) [fig. 123].

As *vendas* consistem principalmente em *vinho* à *Inglaterra* e aos *Estados-  
-Unidos*; *açúcar*, *aguardente* e *bordados*, a *Portugal*. A exportação de *bordados* representa mais da sexta parte da exportação geral da *Madeira*.

## ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

### O solo

**Situação, composição, superfície.** — Os Açores encontram-se no oceano Atlântico, mais perto da Europa que da África, a uma latitude correspondente a metade de Portugal,

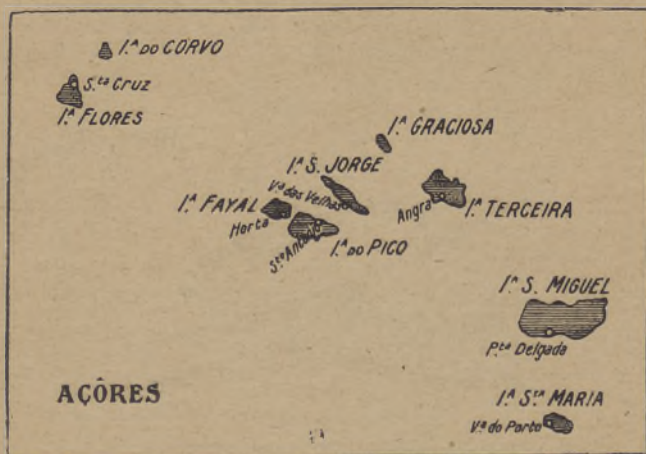


Fig. 124 — Carta do arquipélago dos Açores.

distante três dias de Lisboa, a menos de um terço da América, mais ao largo que a Madeira (fig. 106).

O arquipélago compõe-se de três grupos (fig. 124): o grupo oriental, constituído pelas ilhas de São-Miguel, Santa-Maria e









A ilha do Córvo é a mais afastada de Portugal, e a de São-Miguel a mais próxima.

A maior ilha é a de São-Miguel, seguindo-se-lhe a Terceira, Pico, São-Jorge, Faial, Flores, Santa-Maria, Graciosa e Córvo.

A superfície do arquipélago é três vezes maior que a da Madeira, isto é, 2.400 qm<sup>2</sup>.

**Relevos.** — O arquipélago faz parte da crista vulcânica do Atlântico, sendo portanto de constituição vulcânica.



Fig. 127 — Grupo ocidental dos Açores.

As manifestações secundárias do vulcanismo são claras nas *Caldeiras*, nos terremotos de 1528 (São-Miguel), nas erupções submarinas a noroeste da Terceira e a oeste de São-Miguel que deram lugar em 1812 à formação da ilha Sabrina, tomada, em nome da Inglaterra, por um capitão dum navio que a descobriu mas que as ondas desfizeram com a mesma facilidade com que a viram formar.

A acidentação é grande em tôdas as ilhas. A maior alti-

tude encontra-se na ilha do *Pico* (2.320 m.), onde ainda fume um vulcão (fig. 126).

São-Miguel, muito vulcânica, é acidentada por uma larga cadeia que forma dois maciços — o oriental e o ocidental, entre os quais há um vale fértil, de formação aluvial, recente. No maciço oriental, existe

o ponto mais elevado da ilha (fig. 125) — o *Pico da Vara* (1.088 m.), donde partem duas ramificações, uma para o sul (*Pico do Passo*—927 m. e do *Bartolomeu* — 893 m.) e outra para o oeste (*serra da Água de Pau* — 936 m.).

O maciço ocidental, menos elevado, é constituído pelos *Picos da Cruz* (847 m.) e do *Vigário* (505 m.).

A *Caldeira das Sete Cidades* (fig. 125), a ocidente da ilha de *São-Miguel* (fig. 128), é a cratera de um grande vulcão extinto, a 800 m. de



Fig. 128 — *Caldeira das Sete Cidades*. São-Miguel.

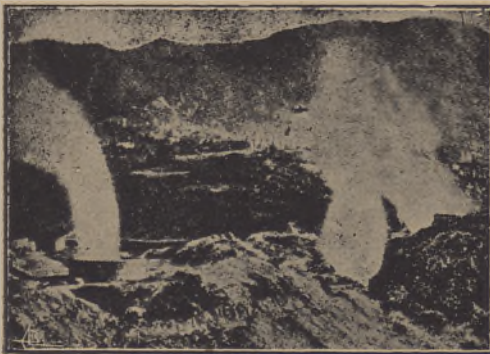


Fig. 129 — *Caldeira das Furnas* — São-Miguel.

altitude, uma das crateras mais novas do glôbo pela grandeza e configuração, lembrando um pôço, formidável, de 400 m. de profundidade e 12 qm. de circunferência. Nas suas vertentes, a prumo e com uma vegetação intensíssima, grupos de casitas

brancas, de duas aldeolas, espreitam, receosas das convulsões e dos jórros de lava que outrora dali brotavam e se esten-



diam, em lençóis, por todo o ocidente de São-Miguel até ao lugar das Capelas, onde, ainda hoje, se vêem as lavas a cobrir o antigo solo, em que vegetam plantas indígenas, e se podem extrair troncos soterrados em perfeito estado de conservação.

O *Vale das Furnas* (fig. 129), no maciço de São-Miguel (fig. 125), é um vale de 2 mil hectares, onde se manifestam ainda hoje todos os fenómenos atenuados do vulcanismo da ilha—uma larga *caldeira* no fundo de uma enorme *cratera de*



Fig. 130 — Quebradas da Água da Fajãzinha, nas Flores

*explosão*, como a das *Sete Cidades*. O que a torna interessante são as *sulfataras*, os *geysers*, os *vulcões de lama*, as *mojetas* a agitar as águas em constantes cachões ou a fazer tremular no ar os penachos esbranquiçados de vapores.

*Faial* é também muito acidentada, elevando-se a oeste a cratera dum vulcão extinto — a *Caldeira* (fig. 126). O fundo desta cratera, muito acima do nível do mar, é ocupado por um lago de 5 qm. de circunferência e 2 de diâmetro.

A *Terceira* (fig. 126) é, como São-Miguel, mais acidentada nos extremos: a *Serra de Santa Bárbara*, situada no maciço ocidental tem 1.066 m. de altitude; a leste desta elevação, na vertente norte, há ainda o *Pico do Norte* (818 m.) e o *Agudo* (808 m.), próximos um do outro. A Terceira possui também crateras de vulcões extintos, sendo a maior a *Caldeira*, a oeste.

A máxima altitude da ilha de *São-Jorge* é 1.067 m.; *Flores*

conta, como picos mais elevado, o *Morro Grande* (927 m.) e o *Caboco* (720 m.) [fig. 127]; o *Côrvo* possui também crateras extintas—a *Caldeira*, a 763 metros de altitude, com 250 metros de profundidade e 5,5 qm. de circunferência.

Nos Açôres, assim como na Madeira e nas Canárias, dá-se o nome de *caldeiras* às crateras largas, em forma de bacias. *Santa Maria* e *Graciosa* são as ilhas menos elevadas.

**Hidrografia.** — Os cursos de água açoreanos são torren-



Fig. 131 — Baía do Faial, abrigada pela ilha do Pico.

tes, curtas e caudalosas (fig. 130), em consequência da forma do solo e da constituição insular.

As ribeiras principais são: a *Ribeira Grande* e a *Água de Pau*, que se lançam na costa sul de São-Miguel, a da *Lapa* e do *Ponto*, respectivamente ao norte e ao sul da Terceira. A maior parte das crateras estão ocupadas por lagos: *Caldeira das Sete Cidades* e as *Furnas*, em São-Miguel, respectivamente no maciço ocidental e oriental, etc.

**Costas.** — A forma do solo explica a natureza do litoral: alto e rochoso, e, em geral, difícil de abordar.

Por este motivo, a falta de baías e enseadas seguras para fundeadouros. Com excepção do pórto de *Horta*, no Faial, e a enseada de *Angra do Heroísmo*, na Terceira, todos os



outros fundeadouros não são seguros. O de *Ponta Delgada*, em São-Miguel, é um pôrto artificial e, por isso, muito freqüentado. Na ilha de Santa-Maria, o pôrto importante é *São-Lourenço*, a nordeste, muito abrigado dos ventos do sul; na Graciosa, o melhor é o da *Praia*, a leste, muito desabrigado porém; no Pico, o melhor é o *Cais do Pico*, ao norte; nas Flores, *Santa Cruz*,



Fig. 132 — Pôrto de Santa Cruz, nas Flores.

protegido pela ponta da Cabreira (fig. 132); e no Cârvo, o do *Rosário*, a sudoeste, o único pôrto abordável da ilha.

## Clima

O clima dos Açores é *oceânico*, com pequenas oscilações de temperatura entre o verão e o inverno, e muita humidade. A temperatura máxima é 24° e a mínima 11°.

Os ventos de oeste e sudoeste são os dominantes nas ilhas ocidentais; nas orientais, mais para o sul, sopra, quási todo o ano, o *alisado* do nordeste, que, no inverno, é substituído pelo *contra-alisado* de sudoeste. Na passagem do alisado para o contra-alisado, os *ciclones*, vindos de oeste, são freqüentes.

As chuvas, muito intensas, não se distribuem regularmente, pois são mais violentas no grupo ocidental. Assim, chove mais na Horta que em Angra, e nesta mais que em Ponta Delgada. As diferenças de altitude tornam, porém, irregular o clima, imprimindo-lhe pequenas modalidades.

De uma maneira geral, o clima é, como o da Madeira, excelente.

### Vida vegetal e animal

A flora açoreana é a prova manifesta de que os Açores fazem parte do continente europeu e não do africano, pois que



Fig 133 — Extensos campos de milho, cercandó a villa de Santa Cruz, nas Flore

a vegetação é verdadeiramente mediterrânea. Difere, porém, da flora mediterrânea pela profusão de *jetos polipodiácios* que povoam as ilhas.

A paisagem dos Açores é das mais encantadoras do glóbo. Viajantes ingleses e americanos, que tem percorrido as regiões mais pitorescas do mundo, são unânimes em afirmar que os Açores não tem rival no aspecto maravilhoso das suas paisagens.

Cada ilha pode ser dividida nas seguintes zonas de vegetação : a do *litoral*, própria para *cereais*, *tubérculos* e *legumes*, a da *encosta*, onde se desenvolvem a *vinha* e as *árvores frutíferas* ; e a da *zona das pastagens*.



Se a vegetação dos Açores nos impressiona pela verdura e variedade das espécies, a *vida animal* causa verdadeira decepção pela sua pobreza. Afóra os animais domésticos, apenas seis ou sete espécies de mamíferos se encontram nos Açores. Entre as aves, os *pássaros* constituem um flagelo para a agricultura.

A extensão e a qualidade das pastagens permitem, porém, a criação de gado, em que a maior densidade pertence ao *gado caprino*, seguindo-se o *bovino* e o *suíno*. No mar, rico em *peixes*, aparece a *baleia* que se caça para fins industriais.

### Vida humana

Os Açores, descobertos em 1439, por Conçalo Velho Cabral, foram povoados por portugueses, que formam o fundo da

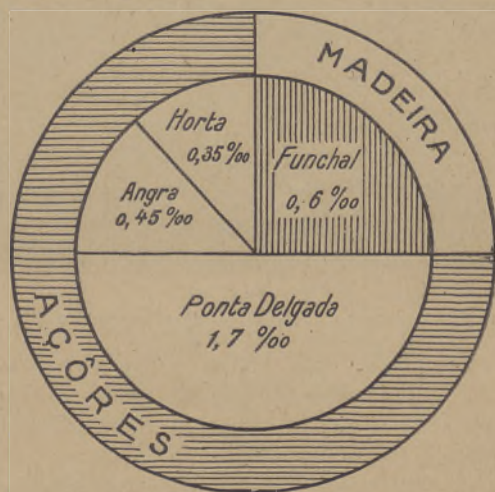


Fig. 134 — Emigração insular, por distrito. Percentagens.

étnia insulana, encontrando-se também vestígios de tipos do norte da Europa, como no Faial, na povoação de *Flamengos*.

A população açoreana é, principalmente, constituída pelos descendentes dos antigos *colonos minhotos* e *algarvios*, como nos mostram os usos e costumes dos seus habitantes. Os açoreanos são activos, pacientes e muito vivos.

A população dos Açores é de 233.000 h. (1920), o que corresponde quási ao *dóbro da densidade de Portugal*. Maior



Fig. 135 — Panorama de Horta, na ilha do Faial

seria ainda o número dos seus habitantes se não emigrassem



Fig. 136 — Vila-Nova, no Córvo.

em tam grande escala para os Estados-Unidos da América do Norte e ilhas Sandwich. (fig. 134)



De tôdas as ilhas, São-Miguel é a mais populosa, seguindo-

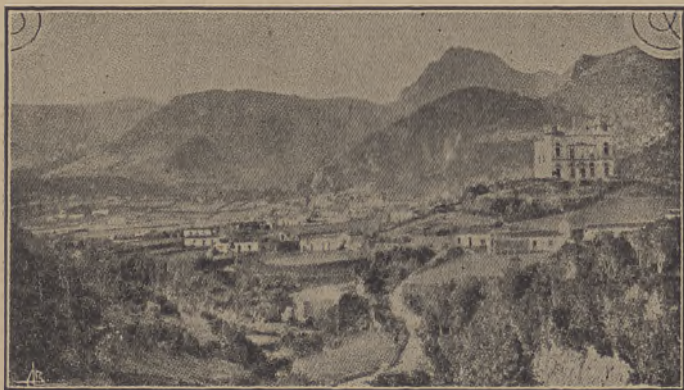


Fig. 137 — Santa Cruz — Flores

-se-lhe Terceira, Pico, Faial, São-Jorge, Graciosa, Flôres, Santa-Maria e Côrvo.



Fig. 138 — Fajã-Grande, Flores.

Os centros de população mais importantes são (fig. 125, 126

e 127) : *Ponta Delgada* (15.000 h.), ao sul de São-Miguel, pôrto com uma doca de abrigo, centro notável de comércio de exportação; *Angra do Heroísmo*, ao sul da Terceira (9.958 h.), cidade histórica, que lutou pela independência contra os Filipes, prisão de D. Afonso VI e local onde D. Pedro IV organizou a expedição liberal do Mindêlo; *Horta*, (5.732 h.), bom pôrto, na costa oriental do Faial (fig. 135); *Lagôa* (7.581 h.), a leste de Ponta Delgada, em São-Miguel; *Ribeira Grande* (7.472 h.), no litoral norte de São-Miguel; *Praia da Vitória* (3.062 h.), na Terceira, recordando a vitória dos liberais sobre os absolutistas; *Santa Cruz da Graciosa*, na Graciosa; *Velas*, em São-Jorge, etc.

## Vida económica

A agricultura está muito adiantada, encontrando-se contudo ainda mais desenvolvida em São-Miguel.

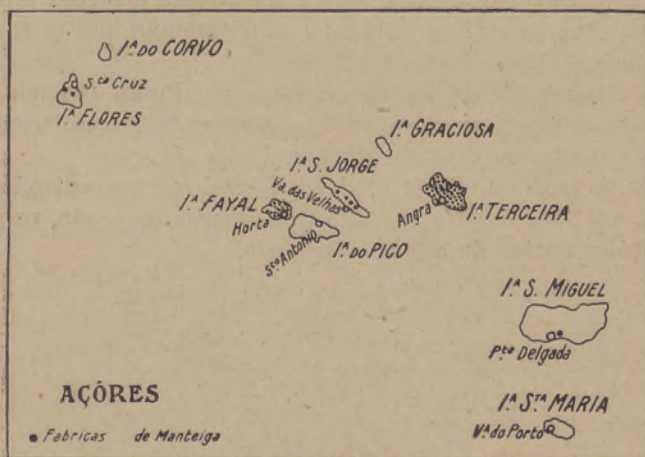


Fig. 139 — Distribuição de indústrias de laticínios : manteiga.

A fertilidade do solo açoreano é tal que, a-pesar-de fracamente adubado, chega a produzir duas e três colheitas anuais. O milho (fig. 133) é o cereal que maior produção dá, chegando, em anos bons, para o consumo e para a exportação.

A vinha prosperou nos tempos em que o oídium e a filoxera



permitiram o seu desenvolvimento, sendo hoje pequena a produção.

A *cultura da laranja* foi também uma grande receita, hoje muito decaída por causa da doença que destruiu os laranjais. A *cultura do ananás*, em estufas, veio compensar essa perda. Só São-Miguel exporta mais de um milhão destes frutos.

A *beterraba* tem uma larga produção e alimenta a indústria açucareira.

O *chá* é cultivado, sobretudo, em São-Miguel, tendo largo consumo no continente e no arquipélago.

A *pesca*, a *criação de gado* e *indústrias derivadas* — *manteigas* e *queijos* — desempenham um papel importantíssimo na riqueza do arquipélago, sendo a Terceira e o Faial os principais centros produtores (fig. 139). O rendimento agrícola, incluindo a pecuária, é superior a 200:000 contos.

**Comércio.** — Como conseqüência da magnífica situação — entre a Europa e a América — e da riqueza dos seus produtos agrícolas, os Açores mantem um comércio activo com a Metrópole e com os Estados- Unidos.

A maior parte da *exportação* faz-se por Ponta Delgada, ao passo que a *importação* se faz pelos portos de Ponta Delgada, Angra e Horta.

Os portos de *Ponta Delgada* — 874 navios entrados e saídos, em 1924 — e *Horta* — 496 navios entrados — são, respectivamente, portos de *escala e carvoeiro*.

## PORTUGAL COLONIAL

Os actuais domínios coloniais de Portugal distribuem-se pela *África*, pela *Ásia* e pela *Insulíndia*: ao todo *dois milhões e setenta e nove mil quilómetros quadrados*, o que nos coloca em *4.º lugar*, entre as potências coloniais, muito perto da *Bélgica* que ocupa o *3.º lugar* (2.419.000 qm<sup>2</sup>.)



## PORTUGAL EM ÁFRICA

---

As colónias portuguesas na África são: o arquipélago de *Cabo-Verde*, a *Guiné*, *São-Tomé e Príncipe*, *Angola* e *Moçambique*—ao todo *dois milhões e cinqüenta e sete mil quilómetros quadrados*, isto é, quasi a totalidade da área das nossas colónias (98 <sup>0</sup>/<sub>0</sub>).

## ARQUIPÉLAGO DE CABO-VERDE

### O solo

**Situação e limites, área, composição, etc.** — As ilhas de Cabo-Verde (fig. 141) estão situadas no Oceano Atlântico, a 600 quilómetros de Cabo-Verde (África). As suas 14 ilhas formam dois grupos: o de *barlavento*, ao norte, orientado na direcção sudeste-noroeste, e o de *sotavento*, ao sul, orientado na direcção leste-oeste. Ao primeiro pertencem: *Santo-Antão*, *São-Vicente*, *Santa-Luzia*, *São-Nicolau*, *Sal*, *Bôa-Vista* e os ilhéus *Branco*, e *Razo* (entre Santa-Luzia e São-Nicolau); ao segundo grupo, *Brava*, *Fogo*, *Santiago* e *Maio* e os ilhéus *Sêcos* (entre Brava e o Fogo). *Santo-Antão* é a ilha mais ocidental e *Bôa-Vista* a mais oriental (fig. 141).

A superfície de todo o arquipélago regula por 3.927 quilómetros quadrados. A maior de tôdas é a ilha de São-Tiago (930 qm<sup>2</sup>) e a mais pequena, Santa-Luzia (28 qm<sup>2</sup>), seguindo-se, em ordem decrescente a São-Tiago, Santo-Antão, Bôa-Vista, Fogo, São-Nicolau, São-Vicente, Maio e Brava.

**Relevos.** — A estrutura das ilhas é vulcânica, constituindo uma elevação do fundo do Atlântico que para o norte se prolonga pelo Atlas e a que pertencem também as Canárias. As Ilhas de Cabo-Verde são pois africanas.

O aspecto, na maioria das ilhas, é o de um amontoado de crateras, cortando-se e sobrepondo-se umas às outras, correspondendo a períodos de actividade vulcânica muito diferentes.





Fig. 140 — Santo Antão — Em baixo Ribeira Grande, o maior centro comercial da ilha. Observar a grande acidentação do solo.

As crateras, as torrentes de lavas solidificadas, as escórias vulcânicas e os estratos fragmentados e dispersos ou enterrados na argila, são visíveis em tôdas as ilhas, sobretudo em São-Tiago, São-Vicente e Fogo. O grande Pico da ilha do Fogo é uma enorme cratera, e, no bordo sul da ilha, levanta-se um vulcão mui recente, que ainda emite fumo e que, em 1852, teve a sua última erupção, tam violenta que as lavas alagaram os campos de cultura vizinhos, causando muitos estragos.

O solo das Ilhas é bastante acidentado, com excepção do de Maio, Sal e Bôa-Vista, em geral mais planos. Ainda assim, Bôa-Vista é dominada por uma cordilheira de altitudes superiores a 300 m., orientada no senti-

do leste-oeste; o solo da ilha Maio, a leste, é por tal forma aci-

dentado e em pendor sôbre o mar, que se avista a grande distância. A do Sal apresenta, do lado norte, três elevações de altitude superior a 400 m. A ilha do Fogo é tôda constituída por uma alta montanha, de forma cônica, terminando por um pico, com a altitude de 3.200 metros.

São-Tiago é formada por três cordilheiras, que convergem para oeste, sendo a do centro dominada pelo *Pico da Antônia* (1.355 m.), restos dum antigo vulcão extinto. São-Nicolau é dominada por uma sinuosa cumiada, de que os pontos de maior importância são: o *Morro do Frade* e o *Monte Gordo* (1.285 m.) cujos vales, a descerem para o norte, fazem lembrar, em pequena escala, os *canhões* de Colorado.

A ilha de São-Vicente é constituída por três cadeias montanhosas, de formas angulosas, cujos nós principais são o *Monte-Verde*, o *Vigia*, o *Tope da Caixa* e o *Monte da Cara* ou *do Infante*.

A Brava é tôda formada por um nó orográfico, cujos braços caem para o mar.

Santo-Antão é, porém, de tôdas as ilhas a mais elevada, pois é dominada por uma cordilheira, de altitude superior a 2.400 m., orientada no sentido leste-oeste—o *Tope da Corôa*. Na costa norte, a oeste da Ponta do Sol, massas enormes de rochas mergulham a prumo no mar, em fundos de 400 metros.

Finalmente, Santa Luzia e os ilhéus são os cumes de grandes elevações de fundos oceânicos, a aflorar à superfície do Atlântico.

**Hidrografia.** — O modelado do solo, a sua pequena área e o clima explicam-nos a impossibilidade de estas ilhas terem rios; unicamente se encontram ribeiras que correm, como torrentes, na época das chuvas, e, na época sêca, limitam as suas águas a um reduzido volume ou se extinguem.

A única ilha em que os cursos de água são de regime permanente é São-Tiago: *Guindão* e *Praia*—a oeste, *Grande*, *São-Martinho* e *São-Jorge*—ao sul; *São-Domingos* e *Flamengos*—a leste — são as ribeiras principais dessa ilha.

Em Santo-Antão: a ribeira do *Tarrafal*, no monte do Trigo, a oeste; a *Grande*, a nordeste, e a ribeira do *Paúl* (fig. 142).









Na Bôa-Vista a ribeira principal é o *Arvatão*, a leste, e em São-Nicolau, *Chã*, *Tarrajal* e *Brava*.

**Costa.** — Dada a grande acidentação das ilhas, as costas são, em geral, altas, em arribas e falésias, com recortes e reen-trâncias, sobretudo nas ilhas de barlavento. Na do Sal, as cos-

tas são muito recortadas, formando algumas baías como a da *Fragata*, a sudeste, a de *Santa Maria*, ao sul, e *Palmeira*, a oeste (fig. 141).

Como consequência da natureza das costas, as ilhas apresentam um pequeno número de fundeadouros. A não ser o de *São-Vicente* ou *Porto Grande*, (fig. 145) na ilha de São-Vicente, um dos melhores portos do Atlântico, o da *Praia*, em São-Tiago — *ambos estações carvoeiras*, e o de *Tarrajal*, a nordeste da mesma ilha, os



Fig. 142 — Santo Antão — Ribeira do Paúl, dando bem a impressão de quanto é acidentada a ilha.

outros portos não teem grande valor, a não ser para a cabotagem. Dêstes, os mais freqüentados são, na Brava, *Fajã da Água* — o melhor da ilha, e o do *Guincho*, a oeste; em Maio, o *Pôrto Inglês*, a sueste, e *Calheta*, a oeste; na ilha do Sal *Santa Maria*, ao sul, o melhor da ilha.

## Clima

As condições climáticas do arquipélago são muito variáveis de ilha para ilha, oferecendo o clima todos os aspectos, desde o tropical, insalubre e doentio, ao regular, temperado e saudável, da Madeira. De uma maneira geral, o clima é considerado próprio para a aclimação do branco. No litoral é insalubre, mas, à medida que se sobe, esta feição desaparece, registando-se, nos pontos mais elevados de Santo Antão e Brava, tempera-



Fig. 143 — Santo-Antão. Baía de Paúl. O aspecto do litoral dá bem a impressão de como a ilha é acidentada

turas de 0°. A temperatura média é, na capital, Cidade da Praia, 24°,4. A temperatura é inferior e mais constante que nas regiões continentais, à mesma latitude, devido não só ao isolamento do arquipélago, no Oceano, como às brisas marítimas que, nos meses de novembro a julho, arrastam as areias, derribam as culturas e impedem a arborização.

Em consequência da situação do arquipélago, o clima apresenta diferenças sensíveis entre as ilhas de barlavento e as de sotavento. Quanto mais para o oriente, maior é a in-



fluência da África. É o que acontece nas ilhas do Sal, Bôa-



Fig. 144 — Santo-Antão — Pôrto e baía de Sinagoga, cujos habitantes se entregam unicamente à pesca.

-Vista, Maio e São-Tiago. As que apresentam melhores condi-



Fig. 145 — São-Vicente. Pôrto de São-Vicente ou Pôrto Grande. Ao fun do o Monte da Cara ou do Infante.

ções climáticas são as mais ocidentais — Santo-Antão e Brava, consideradas como sanatórios.

Cabo-Verde, já próximo dos trópicos, tem duas estações : a das *chuvas*, de agosto a outubro, quente e húmida ; e a das *sécas*, de novembro a julho, beneficiada pelas brisas do nordeste, que às vezes sopram com intensidade.

O arquipélago está sujeito a fortes temporais, em geral, acompanhados de abundantes chuvas que danificam a agricultura ; outras vezes, a falta de água, freqüente, é acompanhada dos horrores da fome. Contudo, a inclinação do solo, a influência das brisas de nordeste e a própria altitude das ilhas, são magníficas condições que, bem aproveitadas, poderiam concorrer para modificar a insalubridade do clima.

## Vida vegetal e animal

A flora de Cabo-Verde apresenta o aspecto da zona tropical, modificado com a altitude.

O aspecto geral é árido, alterado unicamente junto das ribeiras em que toma o *facies* das regiões intertropicais.

O *café*, que constitui um tipo muito apreciado, é a principal cultura (São-Tiago, Santo-Antão e Fogo). Em segundo lugar vem a *purgueira* (todo o arquipélago), seguindo-se a *cana sacarina* (Santo-Antão, Brava e Fogo), o *tabaco*, a *batata doce*, a *alfarrobeira* ; a *laranjeira*, as *palmeiras*, as *bananeiras*, as *nozeiras*, etc. — tudo plantas dos países quentes.

A laranjeira encontra-se em quasi tôdas as ilhas, sobretudo em São-Tiago, Santo-Antão e São-Nicolau. O fruto pode competir com a laranja da Baía, com vantagem de estar mais perto da Europa.

Nas regiões do arquipélago, produzem-se também tôdas as plantas alimentares do continente, incluindo a *vinha*, cujo fruto é hoje empregado apenas como alimento.

A arborização é insignificante, estando muitas ilhas completamente nuas.

A *criação do gado* pratica-se em tôdas as ilhas, abundando as *cabras*, os *bois*, os *cavalos* e as *ovelhas*. Na *fauna marítima* há a registar a grande riqueza em *peixes*. Não existem animais ferozes nem reptis venenosos.



## Vida humana

**População.** — A população do arquipélago compõe-se de três elementos : o *negro*, o *português* e o *crioulo*. O negro apresenta-se com dois tipos : o *negro* pròpriamente dito e o *fula* — oriundos da Guiné e para ali levados pelos portugueses para colonização das ilhas.

O elemento português domina nas ilhas Brava e Santo-Antão:

O elemento negro e o crioulo (mestiço) constituem a maioria da população, pois que para 1.000 hab. há apenas 27 brancos.



Fig. 146 — São-Vicente — Pôrto carvoeiro. Observar como as encostas das montanhas são escalvadas e despidas de arborização.

A população caboverdiana é de 160.000 habitantes, o que representa a densidade de 40 hab. por  $\text{qm}^2$  — a densidade da Europa.

A sua distribuição faz-se porém irregularmente. Brava corresponde à densidade máxima (113 hab. por  $\text{qm}^2$ ); segue-se São-Vicente (73), e depois São-Tiago (70), Fogo (40), São-Nicolau (31), etc. Bôa-Vista e Sal correspondem ao mínimo de densidade — respectivamente 4 e 3 habitantes por  $\text{qm}^2$ .

A população acumula-se principalmente sôbre as costas, no fundo das baías. Dois são os seus principais centros : São-Vi-

cente ou *Mindelo* (16.000 hab.), na baía do Pôrto Grande (fig. 146), na ilha de São-Vicente, com grandes depósitos de carvão para os navios que por ali fazem carreira, e *Praia* (5.000 hab.), em São-Tiago, respectivamente com 5<sup>0</sup>/<sub>0</sub> e 3<sup>0</sup>/<sub>0</sub> da população total. *Santa Maria*, ao norte da ilha de Santo-Antão; *São-Filipe* (4.000 h.) a oeste, no Fogo; *Ribeira Brava*, ao norte da ilha de São-Nicolau; *Povoação* (2.500 hab.) ao norte da



Fig. 147 — Pôrto de São-Vicente. Ponte de desembarque.

Brava, o mais antigo povoado estabelecido no arquipélago; e *Tarrafal* em São-Tiago — são as principais povoações.

## Vida económica

Cabo-Verde é hoje uma colónia de tipo misto, tendo já perdido o aspecto de colónia-plantação de cana sacarina. A agricultura, de uma maneira geral, está atrasada, sendo maior o seu desenvolvimento nas ilhas ocidentais, onde se introduziram novas culturas, como a *quina* ou *chinchona*, e se desenvolveram outras mais intensivamente: *cana sacarina*, *purgueira*, *café*, *algodão*, etc. O indígena cultiva porém só o que necessita para seu uso: *feijão*, *milho*, *mandioca* e *batata doce*.



As ilhas agrícolas de São-Tiago, Santo-Antão, Fogo, Brava e São-Nicolau produzem, as três primeiras, *café*, e tôdas, exportam *purgueira*. A produção de *cana sacarina* baixou tanto que é necessário importá-la para o fabrico da aguardente de cana de que nas ilhas se faz consumo.



Fig. 148 — Características do comércio geral de Cabo-Verde em 1922. Importação e exportação.

São-Tiago é a ilha onde a agricultura está mais desenvolvida.

A indústria está reduzida ao fabrico do açúcar e da aguardente de cana, à pesca do coral (São-Tiago e São-Vicente), à extração de sal (Maio e Sal). A ilha Brava é o centro da indústria do fabrico de objectos de palha tamareira.

O comércio faz-se principalmente com a metrópole—em 1925, no

valor de 76.900 contos, sendo 15.600 de exportação e 61.300 de importação, quasi tudo correspondente ao valor do carvão importado.

As exportações consistem principalmente em *café*, *purgueira*, *aguardente de cana*, *peles*, *peixe seco* (para a América do Norte), *coral* (para a Itália), *sal* e *laranjas*, etc.

As importações constam de: *hulha*, *óleos*, *tecidos*, *açúcar*, *farinha de trigo*, *milho*, *vinhos*, etc.

De 1914 a 1925, o comércio geral de Cabo Verde tem-se desenvolvido progressivamente, mas ao passo que a exportação tem subido lentamente (6 vezes maior em 1925), as importações tornaram-se 38 vezes maiores (1925)—o que denota bem as más condições económicas em que o arquipélago se debate.

A importância do arquipélago provém da sua situação geográfica, no meio do Oceano, entre a Europa e a América, o que faz de São-Vicente, sobre o Pôrto-Grande, um ponto de escala forçado para as carreiras do Brasil e navegação transatlântica. A sua distância a Lisboa é de 2.861 qm.

O movimento do pôrto de São-Vicente é por isso importante, a-pesar-de sofrer a concorrência dos portos das Caná-

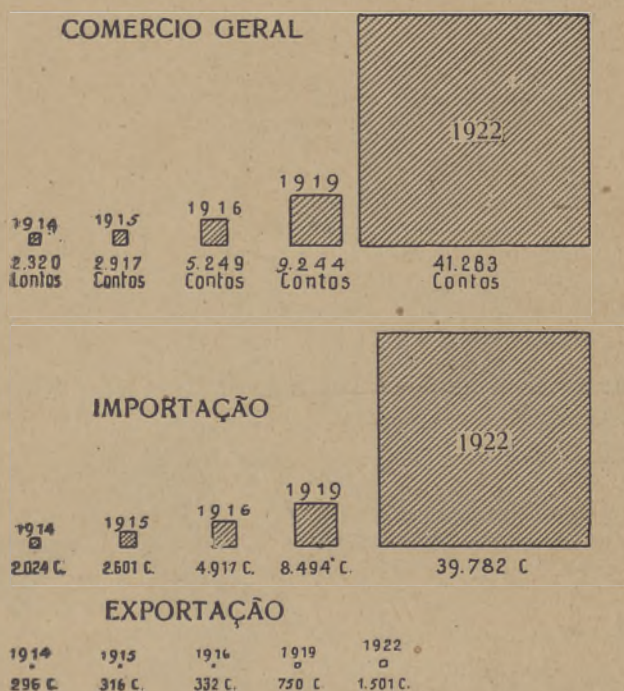


Fig. 149 — Comércio geral, importação e exportação, comparadas, em 1914, 1915, 1916, 1919 e 1922. Observar a expansão crescente do comércio, o desenvolvimento da importação e a subida lenta da exportação.

rias e de Dakar. São-Vicente está ligado à metrópole por um cabo submarino, e São-Tiago, por meio de outro, com a África.



## GUINÉ

### O solo

**Situação e área.** — A Guiné portuguesa está delimitada, a leste e sul, pela colónia francesa da Guiné (fig. 151).

A superfície é de 36.125 qm<sup>2</sup>, aproximadamente, um tço da superfície de Portugal (fig. 150).

**Relevos.** — O solo da Guiné representa uma planície de insignificante declive para o Oceano, sôbre a qual, progressivamente, se vai elevando para o interior, já fóra dos nossos domínios, o maciço da *Futa-Djalon*, o nó orográfico que regula a distribuição das águas em tôda a possessão portuguesa (fig. 152). As aluviões, que cobrem a planície, são, ao sul e a sudeste, levemente enrugadas por pequenas elevações, que representam o avanço do maciço da *Futa-Djalon* donde, na época glaciária, desceram glaciares potentes que depositaram *moreias* frontais na região entre o Gâmbia e a costa da Malagueta, dando origem aos núcleos em tórno dos quais se formou depois o arquipélago de Bijagoz e demais ilhas. O aspecto geral do solo da Guiné é o de *um enorme delta*.

O aspecto plano do solo da Guiné explica a natureza das suas rédes hidrográficas, extremamente navegáveis, exacta-



Fig. 150 — Superfícies comparadas da Guiné e Portugal.





mente por causa do trabalho d'êstes glaciares emitidos, outrora, dos altos montes da Futa-Djalon.

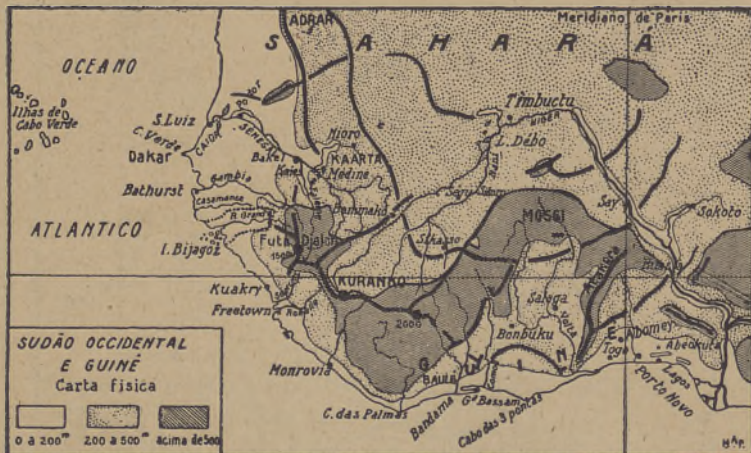


Fig. 152 — Rêlêvo da Guiné e do Sudão. A nossa Guiné está delimitada a pontuado. Observar que as últimas ramificações da Futa-Djalon atingem o nosso solo, ao de leve, no extremo oriental.

**Hidrografia.** — Os rios nascem todos no maciço da Futa-Djalon e são caracterizados por serem de planície, navegáveis, coalhados de ilhas, limitados por esteiros e canais, de maneira a estabelecerem múltiplas comunicações e passagens entre si. Descem todos por quedas de água, e terminam por largos estuários, cobertos de vegetação luxuriante e espessa.



Fig. 153 — Rio Geba, com margens planas e facilmente inundáveis. Pôrto de Bafatá.

As embarcações de pequena tonelagem podem por isto navegar até grande distância do litoral.

As principais rêdes hidrográficas são: *Cacheu* ou *São-Do-*

*mingos*, profundo e navegável até 170 quilómetros da foz, passando por Farin e desembocando no Oceano onde forma o pôrto de Cacheu ; o *Geba* (fig. 153), o maior da Guiné, cheio de meandros tortuosos, desagua no Atlântico, ao sul de Bissau, por um estuário de 12 qm. de largura, tornando-se difícil a sua navegação na época das chuvas em consequência de vasar com grande velocidade ; o *Corubal*, que corre junto à fronteira meridional até se lançar no estuário de Geba, assemelhando-se ao Amazonas pelos diferentes nomes que toma conforme as regiões que atravessa ; o *Rio Grande* ou *Rio de Buba*, subdividindo-se num grande número de braços e indo desembocar em frente de Bolama, é um largo braço de mar, onde se juntam as águas de outros braços que lemtram os fiordes escandinavos ; e o *Cacine*, de menor extensão e importância, é também outro braço de mar.

**Costas.** — As costas são baixas e cobertas de aluviões, trazidas pelos rios, que encontram na forma plana do solo magníficas condições para o açoreamento.

O mar e a corrente equatorial atacam violentamente o litoral, esboroando-o e arrancando-lhe inúmeros blocos, que freqüentemente são arrastados e deslocados. Daqui, em parte, o grande número de ilhas, nas quais estão os principais portos [*Bolama*, *Bissau* (fig. 154) e *Cacheu*], todos de formação aluvial, sujeitos a modificações de forma e grandeza, conforme a violência das cheias, das correntes e a impetuosidade das ondas: o *arquipélago de Bijagoz*, a pouca distância da foz do Geba, composto das ilhas da Caravela, Formosa, Une, Roxa e Orango; e entre este arquipélago e a costa, as ilhas de *Bissau*, *Bolama* e *Escravos*, etc. (fig. 151).

## Clima

O clima é quente, húmido e insalubre.

Na Guiné há duas estações — a *sêca* ou fresca e a das *chuvas* : a primeira, de Outubro a Abril, a segunda, de Maio a Setembro, sendo melhor aquela para o europeu.

Durante a estação sêca sopram ventos de leste, quentes, por passarem sobre o deserto fortemente aquecido. O que vale



então ao europeu é a brisa do mar e a frescura da noite que



Fig. 154 — Pôrto de Bissau, no Geba. As nuvens do fundo da gravura denunciam a aproximação de um *tornado*

assim amenizam a elevada temperatura. Na outra estação, as



Fig. 155 — Paisagem de Buba. Vegetação intensa das florestas equatoriais

chuvas são freqüentes assim como as trovoadas e *tornados*. Em média a temperatura é de 25 a 30 graus, à sombra, e durante

o ano há, em média, 100 dias de chuva. No interior, porém, há regiões onde a temperatura é de 42°.

A impermeabilidade, o quási nulo declive do solo e a acumulação de aluviões, facilitando a formação de pântanos, fazem do clima da Guiné um dos piores para o europeu, principalmente de Maio a Agosto em que o clima é péssimo.

Únicamente a sudeste, onde o solo se eleva um pouco de forma a não permitir as inundações, o clima se modifica e se torna razoável.

## Vida vegetal e animal

Compreendida na zona equatorial, a flora da Guiné é essencialmente florestal (fig. 155). Daqui o grande número de árvores que se desenvolvem por toda a sua superfície, atingindo



Fig. 156 — Cana de açúcar; produção sem cuidados de cultura

algumas proporções gigantescas: o *mangue*, o *cauchu*, o *imbondeiro*, o *zimborão*, o *ébano*, o *mogno*, o *cedro*, etc.

As plantas tropicais como o *tabaco*, o *café*, a *cana sacarina*, o *algodão*, a *cola*, a *mancarra* ou *amendoim*, encontram ótimas condições para o seu desenvolvimento, a ponto de o *algodão* e o *anil* nascerem espontaneamente. O tabaco e a cola dão-se esplendidamente na Guiné, tendo a sua cultura largo futuro.



Tôda a região do litoral e as margens dos rios são de grande fertilidade, próprias para a cultura dos cereais, principalmente milho e arroz.

As ilhas do arquipélago de Bijagoz são ricas em *cauchú* e em matas da palmeira que dá o *coconote*, uma das grandes riquezas da Guiné.

Os sertões são povoados de animais ferozes, como o tigre, o leão, as panteras e as onças, pelos macacos, pelos pa-



[Fig. 157 — Árvore do pão]



Fig. 158 — Cola (*Sterculia acuminata*)

*pagaio*s e *insectos*, entre os quais a formiga branca, isto é, animais que tem de viver, em geral, sobre as árvores, ou nos rios, como o *jacaré* e o *cavalo-marinho*. O elefante é já hoje raro.

Nas planícies e no interior distribuem-se os gados: *bovino* (100 mil cabeças), *lanífero* (14 mil), *caprino* (40 mil) e *suíno* (31 mil).

As aves são abundantes, não só as domésticas, como as de plumagem, produtoras das *aigrettes* e *marabouths*.

## Vida humana

População.— A população da Guiné, avaliada em 770.791



Fig. 159 — Uma aldeia de indígenas «bijagoz»

hab. (1924) é composta pelo elemento indígena, em grande número, e pelo branco, em quantidade mais reduzida.



[ Fig. 160 — Indígenas «mancanhas» (Buramos)

O elemento indígena, compõe-se de 3 tipos : os negros *bantus* ; os *fulas*, a leste da região de Geba, criadores de gado e guerreiros, de origem etíope, invasores de todo o ocidente africano ; e os *saarianos*, nómadas em menor número, semelhantes aos árabes e a outros povos do norte da Senegâmbia.

Cada tribo toma prém nomes especiais : em Bissau, os *papeis* (fig. 162 e 163), mais selvagens ; os *bijagoz* (fig. 159 e 161)



agricultores e marinheiros ; os *mandingas*, na região de Farin — os mais civilizados ; os *grumetes*, magníficos marinheiros, etc.

A população acumula-se nas regiões de criação de gado e nos centros comerciais : *Bolama* (4.000 habitantes), capital, na ilha do mesmo nome : *Bissau*, sôbre o Geba ; *Cacheu*, sôbre o rio São-Domingos ou Cacheu ; *Geba*, no curso médio do rio Geba ; *Buba*, sôbre o Rio Grande ; *Farin* ôbre o altoCacheu.

## Vida económica

Dentro de uma região de civilização primitiva, a Guiné acontece o mesmo que a todos os países em análogas condições : a colheita dos frutos precede a exploração agrícola.

De tôdas as colónias portuguesas é a Guiné a mais atrasada

em agricultura, a-pesar-de apresentar condições para ser o tipo da verdadeira colónia de plantação ou exploração.

O indígena, além de se limitar a produzir só para o seu consumo, empregava, até há pouco, processos atrasadíssimos de cultura.

Pode dizer-se, ainda assim, que a agricultura se limita quasi ao que a natureza produz. As culturas mais produtivas são : o *cauchu*, o *coconote* (*amêndoa de palma*), a *mancarra* (*amen-dóim*), o *tabaco* e o *arroz*, que é a base do alimento indígena.



Fig. 161 — Indígenas *bijagoz*, agricultores e marinheiros.

Os resultados obtidos pela introdução de algumas culturas novas, como a *cana sacarina*, tem sido compensadores, de maneira a ser um incentivo ao desenvolvimento da colónia.

A criação de gado em que, no interior, principalmente esta região é rica, faz-se por processos primitivos, permitindo prever uma fonte grande de receita quando convenientemente cuidada.



Fig. 162 — Um indigena pertencente aos « papeis »

da sua incomparável rede fluvial, mais de 2 mil quilómetros de estradas magníficas, que permitem uma comunicação fácil e cómoda.

**Comércio.** — O movimento comercial da Guiné é hoje ainda modesto, em consequência da pequenez dos seus recursos, mas promissor, visto que em 1925 era 48 vezes maior que em 1914. Em 1924 (fig. 169) o valor total do comér-

O aproveitamento agrícola e florestal, em que a Guiné é riquíssima, está ainda no seu início, em consequência do clima e do espírito guerreiro de algumas tribus, sempre em rebelião.

A *indústria* ainda, naturalmente, está mais atrasada que a agricultura, sendo os seus raros produtos dela derivados.

Fabricam-se *panos grosseiros, cortumes, aguardente, mel e óleo de palma*.

**Vias de comunicação.** — A Guiné possui, actualmente, além





Fig. 163 — Uma aldeia  
de «papeis»

cio era avaliado em 110.764 contos (61.571 de importação e 49.193 de exportação).

A *importação* consiste em: *tecidos de algodão, nozes de cola, substâncias alimentícias, tabaco em fôlha, vinho, pólvora e armas de fogo*; a *exportação* compõe-se essencialmente de *oleaginosas — mancarra ou amendoim (17.000 T.), amêndoa de palma ou coconote (10.000 T.), borracha (100 T.), couros (630 T.), cera (60 T.) e arroz (640 T.)*

A *mancarra* é sobretudo exportada para a *Holanda* (45,5 % da exportação do género) e para a *Inglaterra*



Fig. Fig. 164 — Um feiticeiro da região de Cacicne

(44 %); o coconote para a *Holanda* (35 %), para *Portugal*



Fig. 165 — Indígenas da feitoria de Cambaia, descarregando arroz,<sup>1</sup> o principal alimento das populações indígenas.

(23 %), para a *Inglaterra* (22,5 %) e para a *França* (14 %);



Fig. 166 — Uma montanha de mancarra (amendoim) perto de Farin.

a *borracha*, cuja cultura tem sido até certo ponto abando-



nada pelo baixo preço que tem tido, para a *Guiné e Congo*



Fig. 167 — Bomba a vapor irrigando as plantações da cana de açúcar

*Francês* (61 %), *Congo belga* (24 %) e *Portugal* (11 %); os couros



Fig. 168 — Tractor em trabalho agrícola

para *Portugal* (50 %), *Holanda* (18 %), *Bélgica* (11 %), *Guiné e*

Congo Francês (10 %); e a cera para a Holanda (50 %) e Guiné e Congo Francês (50 %).

De uma maneira geral, a distribuição da exportação é para



Fig. 169 — Comércio da Guiné, em 1924, mostrando o valor da importação e da exportação.

a Holanda (34 % da exportação geral), para a Inglaterra (25 %), para Portugal e colónias (23 %), para a França e colónias (5,5 %), para a Bélgica (5 %), para a Espanha (2 %), etc.

Bissau é o pôrto por onde, em navios franceses e portugueses, se faz quási todo o comércio da colónia.

O exame comparado do comércio geral, da importação e exportação, nos anos de 1914 e 1924, mostra cla-

ramente o desenvolvimento económico da Guiné.

É, porém, no *crescimento constante de exportação* que melhor se pode avaliar do progresso desta nossa colónia que é uma das mais prometedoras do domínio colonial português. De facto, em 1924, (fig. 169) a exportação quási correspondeu ao valor da importação.

Para êste resultado muito contribuiu a pacificação da província e o seu melhor conhecimento que vem desde que se concluíram os trabalhos de delimitação de fronteiras.

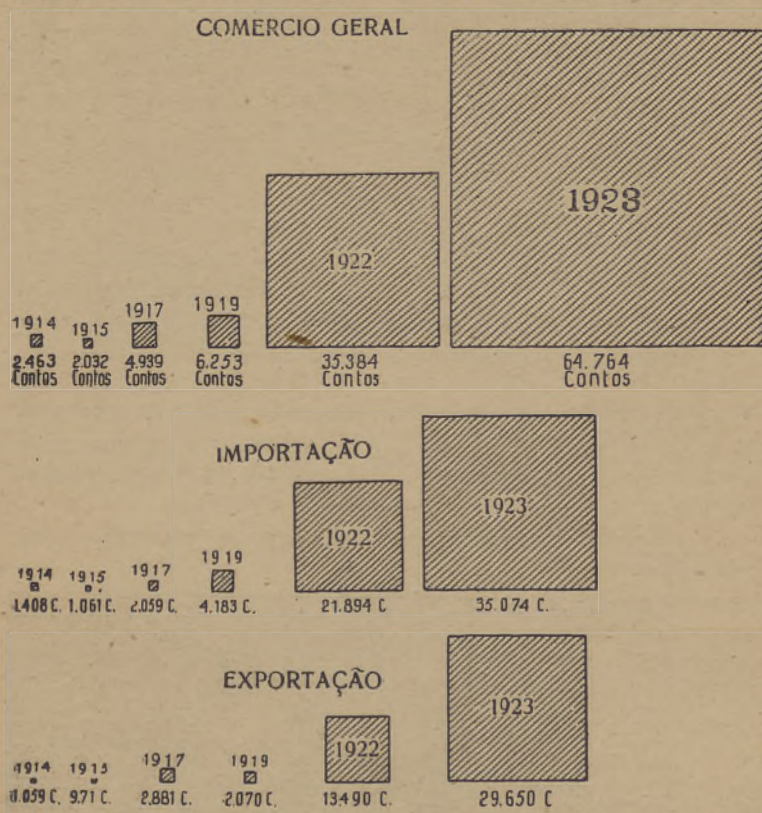
É de registar que, antes da Grande Guerra, a Guiné impor-



Fig. 170 — Um mercado «fula»



tava largamente arroz para o seu consumo (1.100 T.), ao passo que, em 1919, a produção de arroz chegou não só para as suas necessidades de alimentação como para abastecer outras po-



Efig. 171 — Comércio geral, importação e exportação, comparadas, em 1914, 1915, 1917, 1919, 1922 e 1923

pulações, pois que nesse ano se exportaram já 640 T. de arroz, sobretudo para Portugal e possessões portuguesas (96 % da exportação desse género), mostrando-se assim o esforço empregado no desenvolvimento desta cultura, base essencial da alimentação indígena.

## Vida social

As *linguas* usadas no litoral são compreensíveis, falando os mandingas um dialecto árabe.

No ponto de vista religioso, algumas tribus, mandingas e fulas, seguem o *islamismo* — outras, os grumetes, o *catolicismo*, e a maior parte o *feiticismo* (fig. 164).



# SÃO-TOMÉ E PRÍNCIPE e FEITORIA DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ

---

## O solo

**Situação — Área.** — As ilhas de São-Tomé e Príncipe ficam situadas no Atlântico, ao fundo do gôlfo da Guiné : a primeira, no Equador, e a segunda, mais ao norte, a 150 qm. daquela (fig. 172).

A superfície total é de 971 qm<sup>2</sup>, respectivamente de 857 e 114, isto é, Príncipe é cêrca de oito vezes menor que São-Tomé.

A feitoria de São-João Baptista de Ajudá fica encravada na Costa da Mina, no antigo reino de Dahomé, hoje possessão franceza, e representa a pequena superfície de 5 qm<sup>2</sup>.

**Relêvo.** — O solo das duas ilhas é a continuação do relêvo vulcânico, que borda a sudoeste a bacia deprimida do lago Tchad : no continente, os relevos do maciço Adamua, continuados pelos Montes do Camarão e prolongados, no Oceano, pelas ilhas Fernando-Pó, Príncipe, São-Tomé e Ano Bom.

São-Tomé é uma das mais acidentadas ilhas do mundo, cortada de ravinas e numerosas colinas, donde surgem freqüentemente grandes massas rochosas que, por vezes, formam grandes agulhas da altura de 663 m., como o Cão Grande, a sudeste de São-Tomé.

As ilhas são de constituição vulcânica, atingindo São-Tomé, no Pico do mesmo nome, a altitude de 2.023 m.

O nó orográfico da Ilha, constituindo um maciço, distribui-se para o norte, paralelamente à costa occidental, e é formado pelos *Picos do Calvário* (1.608 m.), *Pinheiro* (1.611 m.)





e *São-Tomé* (2.023 m.), estendendo-se ainda, para leste e sul, por uma série de elevações: *Monte da Lagoa Amélia* (1.480 m.),



Fig. 173 — Água-Grande. Catarata Blublú, a 4 qm. de São-Tomé.

*Ana Chaves* (1.654 m.) e *Charuto* (1.346 m.), e para o norte pelo *Pico de Santa Maria* (1.710 m.) [fig 172].

O aspecto e a distribuição das formações orográficas actuais

fazem-nos pensar que o rebordo da cratera do vuicão primitivo, que deu origem à Ilha, deveria passar por *Picos Vaz e Esperança, Lagôa Amélia, Calvário, Pinheiro, Estação Sousa, Pico de São-Tomé* e entre as ravinas que descem rapidamente para as ribeiras de *Móça e Papa-Fogo*.



Fig. 174 — Cascata da roça Guegué. Observar a riqueza da vegetação.

A altitude máxima de Príncipe é 833 metros, ao sul, no *Pico do Papagaio* (fig. 172).

O aspecto geral das ilhas é, junto ao Oceano, uma faixa bastante plana variando em largura, depois os vales e os planaltos que vão subindo até chegar ao maciço central.

#### Hidrografia. —

A Ilha de São-Tomé é das regiões do globo mais abundantes de águas, a ponto dos naturais dizerem que há tantos cursos de água como de dias tem o ano. A pequena extensão do solo e a sua acidentação explicam po-

rém o pouco desenvolvimento da rêde hidrográfica, constituída por ribeiros, com carácter de torrentes—*águas*, como lhe chamam em São-Tomé—correndo impetuosamente pelas encostas, de maneira a modelarem profundamente o solo (fig. 175).

A maior parte dêstes rios possuem cascatas e cataratas interessantes e valiosas, no ponto de vista de fôrça motriz.

Na ilha de São-Tomé as ribeiras principais são: *Água-Grande* (fig. 173), atravessando a cidade de São-Tomé; *Água-Abade* e *Água-Izé* na costa ocidental; o rio *Ió-Grande*, que se dirige para o sul da ilha, onde desemboca próximo da



roça « Fraternidade », depois de receber, na margem direita, o Umbugú, com uma notável queda de água na qual o rio se pulverisa entre margens talhadas a pique, etc.



Fig. 175 — Rio na roça do Monte Macaco.

No Príncipe, as principais ribeiras são: *Frades, Izé e Papagaio*.

**Costas.** — O litoral é extraordinariamente rendilhado, mas são poucos os portos que os seus recortes deixam: em geral, pequenos ancoradouros,

em frente de inúmeras praias, separadas por pontas rochosas — a não ser as baías de *Ana Chaves, São-Miguel, Angra de São-João* e, ao sul, *Praia-Grande*.

As costas do Príncipe são mais denteadas, formando, a leste, a baía de *Santo António* e a oeste a das *Agulhas*.

Em volta da ilha de São-Tomé encontram-se grande número de ilhéus: *Cobras, Sant'Ana, Sete Pedras*, etc.; e em volta do Príncipe: *Nosteiro, Portinho*, etc.

## Clima

O clima de São-Tomé e Príncipe apresenta dois aspectos distintos: o *clima das montanhas*, a começar a 400 metros de altitude, fresco, agradável a-pesar-de húmido; e o *clima do litoral*, muito quente, extremamente húmido e pantanoso. A temperatura é elevada e constante durante todo o ano.

As chuvas são abundantes, equatoriais, sobretudo ao sul da ilha e nas regiões elevadas, tão contínuas que alguns fazendeiros teem desistido da cultura por falta de Sol para amadurecer as sementes e os frutos. Contudo, na maior parte das ilhas, estabelecem-se duas épocas nítidas: a *estação da chuva*, quente e má, de Outubro a Maio, e a *estação seca*, mais fresca e boa, nos meses restantes.

## Vida vegetal e animal

A elevada temperatura, a extrema humidade e a magnífica qualidade do solo, dão o carácter de riqueza à vegetação de São-Tomé e Príncipe (fig. 176 e 183). Vistas a distância, parecem ilhas de capim. O aspecto geral é semelhante ao das pequenas Antilhas inglesas.

A vegetação florestal (fig. 177) é naturalmente enorme :



Fig. 176 — Riqueza de vegetação, em São-Tomé. Roça Bôa-Entrada.

palmeiras, cedros, mangue, oca, egofé — madeira muito leve — árvore do pão, cauchu, etc. Das plantas tropicais desenvolvem-se : o cacau (fig. 178), o café, a cana sacarina, a quina, a cola, o côco, etc., e árvores de fruto, como a bananeira, a nona, a manga, a laranjeira, etc. A agricultura é prejudicada pelos macacos e ratos que devastam as plantações. Nos mares limítrofes há muitos peixes, sendo abundantes as tartarugas.



## Vida humana

**População.** — A população é composta, na sua essência, por *negros*, vindos das diferentes regiões de África, sendo os elementos principais: os *indígenas de São-Tomé* e os *angolares*.

O *indígena de São-Tomé*, indolente, miserável e sem respeito pela propriedade alheia, é o produto do cruzamento dos primeiros colonos negros vindos de Gabão, na África, e de outros que depois para ali tem sido trazidos sucessivamente (fig. 180).

Os *angolares*, descendentes dos negros que se salvaram do naufrágio de um navio negro, vivem à parte, são trabalhadores, em contraposição ao miserável indígena de São-Tomé.

O elemento *branco* é avaliado em 2.500 homens.

Há ainda um outro elemento na população

de São-Tomé e Príncipe — o *judeu*, descendente dos judeus portugueses que para ali foram mandados como colonos.

A população total é de 68.221 habitantes, o que representa a densidade média superior à da Europa — em número, porém, insuficiente para o desenvolvimento crescente da colónia.

O alcoolismo e sobretudo a doença do sono, que tem feito subir a mortalidade, principalmente no Príncipe, são o flagelo



Fig. 177 — Vegetação florestal em São-Tomé. Roca Monte Macaco. Água Sebastiana.

da população. Hoje, medidas profiláticas, tem feito desaparecer esta última causa de diminuição da população.



Fig. 178 — Apanha do cacau em São-Tomé

*Centros de população.* — Os principais centros de população são: *São-Tomé* (6.200 habitantes), na baía de Ana Chaves (fig. 181); *Santo António*, no Príncipe, e *Trindade* (fig. 182), no interior

de São-Tomé, povoação importante, a 342 metros de altitude.

### Vida económica

*Agricultura.* — São-Tomé e Príncipe é uma verdadeira co-



Fig. 179 — Uma mangueira na roça São-Miguel, em São-Tomé.

*lónia de plantação*, em que a agricultura tem tomado um grande desenvolvimento.



A exploração agrícola faz-se intensivamente nas *roças* — nome que ali se dá às propriedades. A falta de braços

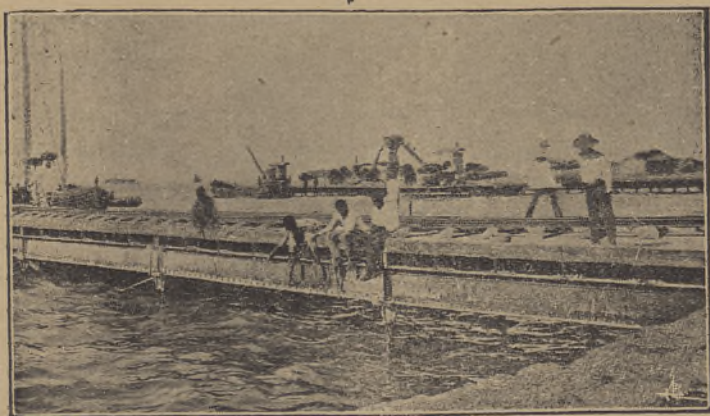


Fig. 180 — Pescadores indígenas de São-Tomé

concorre [para] que o aproveitamento do solo não seja tão completo como devia ser, sendo necessário ir buscar tra-

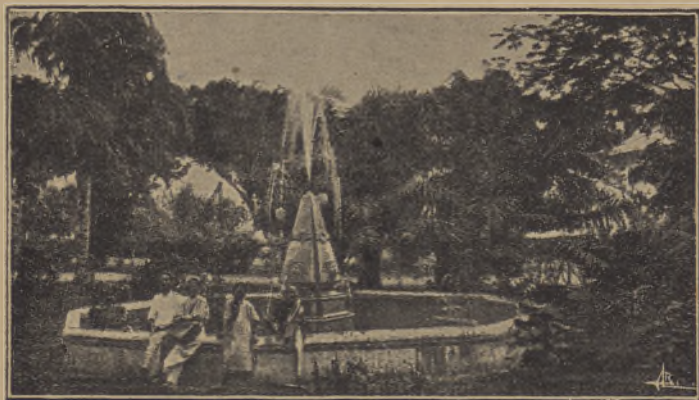


Fig. 181 — Cidade de São-Tomé. Jardim público

balhadores a Angola e a Moçambique (*Zambézia*), o que provoca dificuldades à cultura do solo angolense e de Moçambi-

que. O princípio agrícola hoje ali dominante é a variedade de cultura, visto que o solo a isso se presta admiravelmente.



Fig. 182 — Uma rua na vila Trindade.

O cacau, o café, a cana do açúcar, o cauchu, o coconote, a quina, a cola, são, porém, as culturas principais.

O cacau de São-Tomé (fig. 186 e 187) é de boa qualidade e as suas colheitas ocupam o quarto lugar na produção mundial, fazendo concorrência

vantajosa com a Costa do Ouro, com o Equador e com o Brasil — os três primeiros produtores.



Fig. 183 — Ilha do Príncipe. Vista panorâmica. Santo António  
Vegetação florestal intensa.

A produção do cacau aumenta, proporcionalmente, de ano para ano, ao passo que a do café baixa por ter aumentado a área de produção mundial, e, portanto, ser menos rendoso, e ainda porque existe nas ilhas um outro produto que não exige



cuidados e que é muito procurado nos mercados agrícolas—o *coconote*, fruto oleoso da palmeira «*dem-dem*» que tem grande



Fig. 184 — Vila de Guadalupe (São-Tomé).

valor para a indústria. A exportação do *coconote* é, por isso, progressivamente maior. A produção de cacau é hoje



Fig. 185 — Descarga de cacau para secar ao Sol nos tableiros.  
(Roça Vista-Alegre).

superior a 36.000 contos por ano : a produção média em São-Tomé é de 650 quilogramas por hectare, ao passo que a do Príncipe é metade.



Fig. 186 — Estendendo o cacau para secar (São-Tomé)



Fig. 187 — Debulha do cacau junto a uma magnífica plantação de cacauzeiros. (São-Tomé).



As ilhas de São-Tomé e Príncipe são tidas pelos estrangeiros como « a pérola da colonização universal », o que para nós é uma honra e um incentivo a proceder de igual forma para com outras colónias. O esforço português afirma-se aqui de uma forma perdurável.



Fig. 188 — Características do comércio geral, importação e exportação, em 1921.

Comércio. — Em 1925 o movimento comercial da colónia correspondeu aproximadamente a 99.600 contos: 31.100 contos de importação e 68.500 contos de exportação, registando-se um aumento progressivo e intenso de ano para ano: de 1914 a 1925 quasi que *decuplicou* o valor do comércio geral.



Fig. 189 — Comércio geral, importação e exportação, comparadas em 1914, 1915, 1916, 1920, 1921 e 1922. Observar o desenvolvimento progressivo do comércio de São-Tomé.

Em 1921 a exportação correspondeu a 20.000 contos, dos quais 18.000 eram de cacau, sendo aproximadamente 16.000 vendidos aos estrangeiros.



Fig. 190 — Armazem e ponte de embarque de uma roça — S. Tomé.

A exportação consiste quasi que unicamente em *cacau*, co-

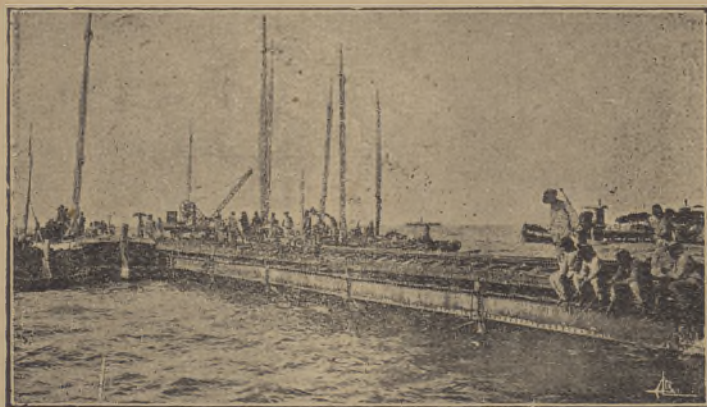


Fig. 191 — Ponte da Alfândega — Cidade de São-Tomé.

*conote* e *café* para os Estados-Unidos, Alemanha (antes da guerra), França, Inglaterra, Holanda e Suíça, sendo intermediário Portugal.



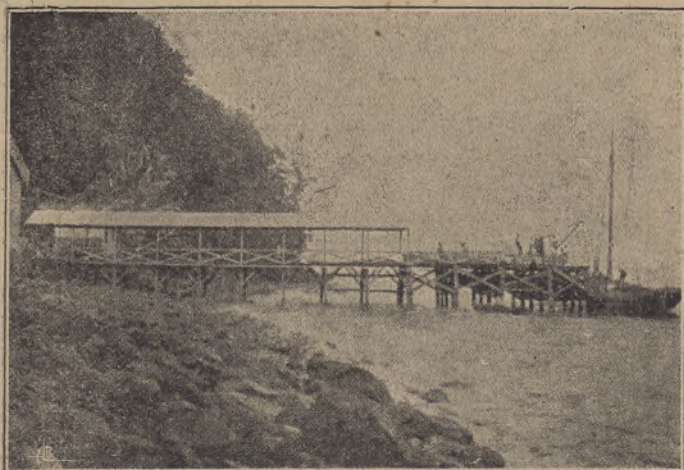


Fig. 192 — Ponte de carga e descarga, na roça Diogo-Vaz, em São-Tomé

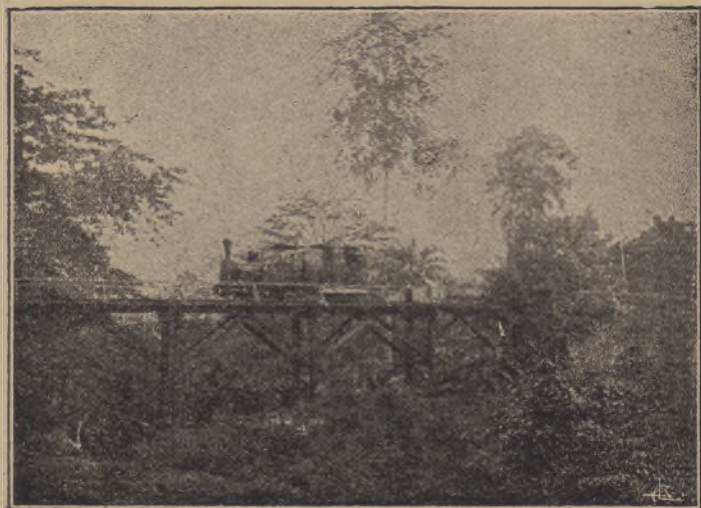


Fig. 193 — Ponte do caminho de ferro. Roça do Ouro (São-Tomé).

A importação consiste em *substâncias alimentícias, máquinas, objectos manufacturados*, etc.

Os principais *fornecedores* de São-Tomé e Príncipe são : *Portugal, Inglaterra, Índia inglesa, Estados-Unidos, Espanha, França*, etc., ocupando assim a Metrópole um lugar de destaque.

O comércio de São-Tomé é feito quasi todo com o pôrto de Lisboa, que expede depois os productos para os centros commerciaes da Europa, invariavelmente debaixo da bandeira portuguesa, pois que a maior parte dos navios que aportam a São-Tomé são portugueses.

É esta uma prova de que São-Tomé e Príncipe é, de tôdas as nossas colónias, a mais genuinamente portuguesa.

As ilhas possuem uma rêde ferroviária Decauville, de mais de 500 quilómetros de extensão para trabalho e serviço partindo das diferentes roças (fig. 193), sendo 189 qm. de tracção a vapor e 319 de tracção animal. O Estado possui uma linha, na extensão de 19 qm., ligando São-Tomé e Trindade à roça «Milagrosa».



# ANGOLA

## O solo

*Belga* Situação — área. — Angola está situada, na costa ocidental da África, no hemisfério sul, entre o Congo Francês *e Congo* ao norte, o Congo Belga e a Rodésia Inglesa, a oriente, e a



Fig. 194 — Superfícies comparadas de Portugal e Angola. Observar que a área de Angola é cerca de 15 vezes maior que a de Portugal.

Botlândia, antiga África Ocidental Alemã, ao sul (fig. 195) isto é, delimitada ao norte e ao sul, respectivamente, pelo Zaire e pelo Cunéae. *entre 5°50' e 18° S., e entre 31°48' e 25° W. E. G. A.*

Compõe-se de dois territórios: um maior, ao sul, — Angola própria dita; e outro, muito menor, Cabinda e Landana — ao norte, sobre a costa africana, a pouca distância do primeiro, entre o Congo Francês e o Belga (fig. 195)

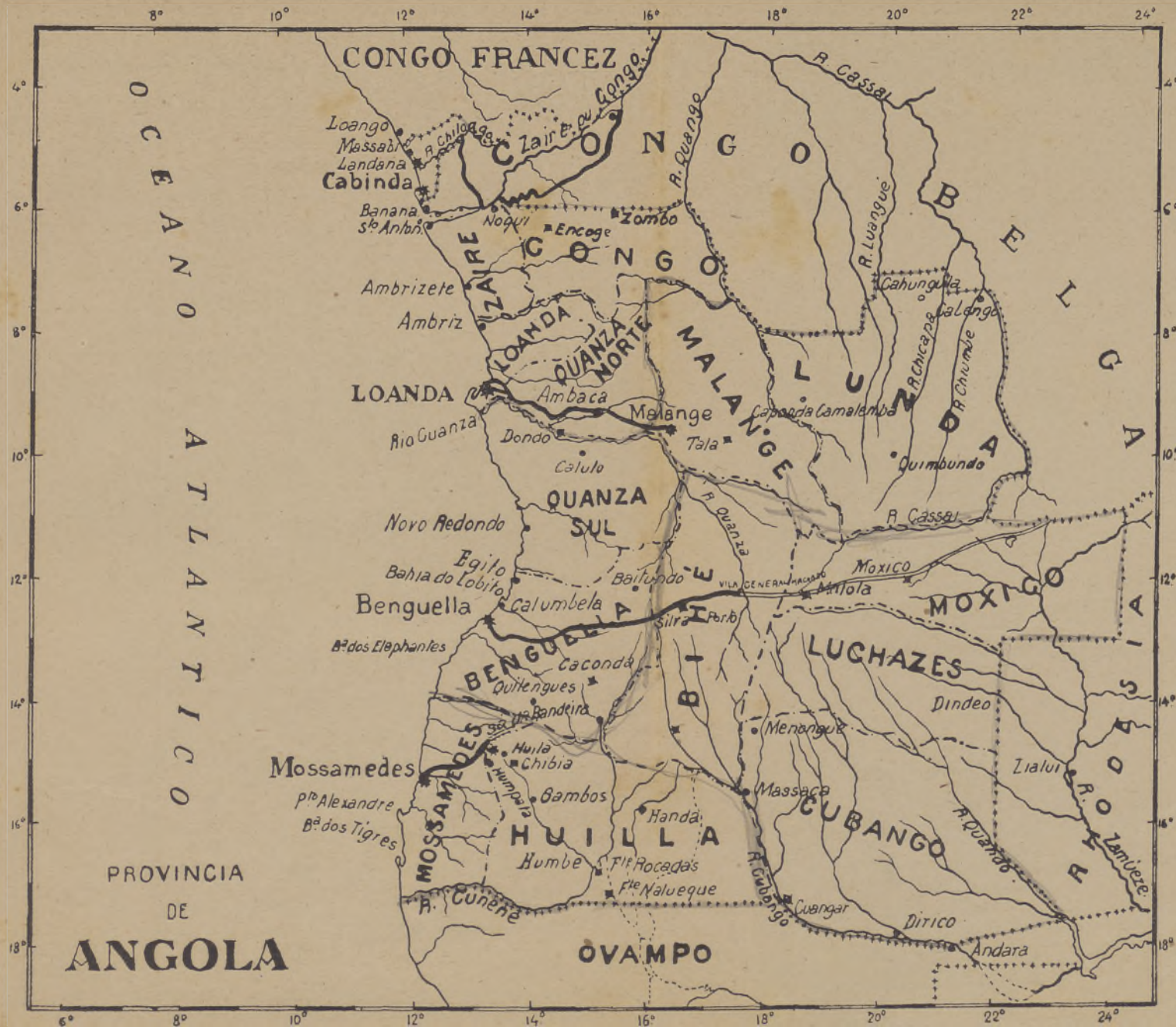


Fig. 195 — Carta de Angola



Bd





Angola é a mais vasta das nossas possessões, aproximadamente *quinze vezes maior que a superfície de Portugal*: 1.263.000 qm<sup>2</sup>, quasi tanto como as superfícies de Portugal, Espanha e França, reunidas (fig. 194).

**Relévo.** — O solo de Angola corresponde a duas regiões distintas — *a do norte*, bacia do Zaire, com declive septentrio-



Fig. 197 — *Serra de Chela*. Morro Maluco, 3.000 m. alt., que se avista de toda a região de Mossâmedes. O morro é um autêntico *neck* vulcânico, a denunciar a natureza vulcânica da região, como se reconhece também em todo o país, de Libolo e norte de Bailundo. (Fot. do major António José Teixeira).

nal; e *a do sul*, bacia do Zambeze, com declive para o sul e para sudeste (fig. 196).

A bacia do Zaire é enrugada por duas cadeias: os montes de *Cristal*, paralelos à costa, e os montes *Mitumba*, a leste, que se prolongam por forma a acompanhar as margens dos lagos Tanganica e Niassa. A bacia do Zaire fica assim dividida em três zonas distintas: — *uma exterior*, restrita, limitada pelos montes Cristais; outra *superior*, no extremo leste, constituída pelos montes Mitumba; e, finalmente, uma *central*, deprimida e vasta (fig. 196).

Ao solo de Angola apenas pertencem a zona exterior e parte da central.

Igualmente a bacia do Zambeze se decompõe em três zo-



Fig. 198 — Descida de Serra de Chela.

nas ; uma bordando o Atlântico e delimitada pelo prolonga-



Fig. 199 — Montes M'copue (Angoche).

mento dos montes *Cristais* até aos montes *Omataco*, ao sul, na Botlândia ; outra, bordando o Índico ; e, finalmente, a central, muito extensa e deprimida (fig. 196).



Os montes *Cristais* acompanham paralelamente a costa, aumentando gradualmente de altitude para o sul. Este sistema, orientado na direcção nordeste-sudoeste, é formado pela *serra Canganza*, que separa a bacia do Ambriz da do Cuango, e pela *serra de Tala-Mugongo*, que divide o Cuanza do Cuango.

Ao sul, já na bacia do Zambeze, os relevos que limitam a zona exterior, tem ainda orientação mais nitidamente nordeste-sudoeste: *serra de Catanga*; montes *Lovoli* (2.370 metros), separando o Cuanza do Cuvo; o monte *Elonga* (2.300 m.)



Fig. 290 — Margens do Cunéne. Gentio do "Humbo" em preparativos para uma pescaria (Fot. do major Antonio José Teixeira).

e a *serra de Chela* (fig. 197), que não só separa os *planaltos* de Mossamedes e Huila como se prolonga para o norte pelas *Serras de Numpaca, Hanha e Upanda*.

A zona do interior é uma vasta superfície constituída por *planaltos* sobrepostos e deprimidos, inclinados, ao norte, para o Zaire e ao sul para o deserto de Calaari: *planaltos* do *Bihé*, do *Bailundo*, de *Caconda*, de *Malange*, da *Lunda*, etc. *Huila*

Os montes de *Caomba*, já no Congo Belga, separam a bacia superior do Zaire da do Zambeze.

**Hidrografia.** — O *nó orográfico*, que faz a linha divisória das águas, é o *planalto do Bihé*, centro de duas cadeias montanhosas em forma de *T* deitado, uma paralela e outra per-

pendicular à costa, enviando águas para a vertente do Zaire, para a do Zambeze e para a do Atlântico (fig. 196).

Exceptuando o Zaire e o Zambeze, os rios, que se lançam no Atlântico, descem os planaltos por rápidos e cataractas só podendo servir à navegação em curtos sectores do curso médio e inferior. Ao sul, os rios são torrentes temporárias, porque a secura é mais prolongada e intensa.

O *Cuanza* (900 qm.) e o *Cunéne* (1.200 qm.), vindos do planalto do Bihé, descrevem, em sentido oposto, duas curvas simétricas.



Fig. 201 — Cunene. Passagem a vau, dando idéa da pouca quantidade das águas do rio.



Fig. 202 — Grande cataracta de Ruacáná, na fronteira da Damaralândia (Cunéne).

O Cunéne (fig. 201), mais perto dos trópicos e, portanto, na região sêca dos desertos, é um rio cujas águas, na estação sêca, empobrecem tanto que chegam a desaparecer; o seu vale médio é tam falto de declive que as águas, formando como um grande lago, se dividem, esgotando-se umas, por eva-

O Cuanza, mais perto do Equador, tem um grande volume de águas que lhe é trazido pelos seus afluentes — conseguindo, depois de contornar tóda a serra de *Tala Mugongo*, transpôr, em cascatas, as elevações dos montes de *Cristal* e lançar-se no Atlântico por um estuário, ao norte do qual fica o pôrto de *São-Paulo de Loanda*.



poração, no lago *Etocha*, na Botlândia, e outras conseguindo, nos meses de Dezembro a Abril — época das chuvas —, depois



Fig. 203 — Um trecho do Cubango, na Bunja.

de contornar a serra de *Chela*, atrir, através de areias, uma passagem difícil para o mar.



Fig. 204 — Rápidos do rio Lucála.

O *Zaire*, rio de regime equatorial, o segundo do mundo pelo volume das águas, descreve, desde a sua origem, ao sul do lago Tangânica, e, depois de ter atravessado os lagos *Banguelo*, *Moero* e transposto os montes *Mitumba*, — uma série

de largas curvas, características dos rios africanos, semeadas de rápidos e cataractas ; para lá das *cataractas de Stanley*, num

dos rochedos em que os descobridores portugueses gravaram as armas de Portugal, o Zaire, mais largo que o mar da Mancha, percorre 1.450 qm. sem que as quedas de água o interrompam; inflecte-se em seguida para o sul, transpõe novamente o Equador, e, reunindo as águas na bacia de Stanley, consegue, apertado e profundo, transpôr os montes de Cristal, atingindo, por 32 cataractas (cataractas de Levingston), o Atlântico, onde entra por um vasto estuário. O volume de água que o Zaire lança no Oceano é tão grande que, a 20 qm. da foz, se reconhece, no meio do mar, uma corrente de água doce, onde os navios podem fazer aguada.

Do Zaire só pertence a Portugal a margem esquerda do estuário, o médio e baixo Cuango, e o alto e médio Cassai, afluentes da margem esquerda.

O Cuango nasce no planalto da Lunda e, correndo a oriente dos montes de Cristal, leva as suas águas ao Cassai que, por sua vez, nasce também no mesmo planalto, recebendo quasi todas as águas do sul; os montes Caomba separam-no da bacia do Zambeze.

O alto Zambeze ou Liâmbai corre de norte ao sul até aos rápidos de Catina, no território de Angola, no Mexico, perto da fronteira oriental.

E, finalmente, o Cubango ou Ocavango, o Cuito e o Quando afluentes antigos do Zambeze que adquiriram a sua autonomia, são rios que descem também das vertentes do Bihé tomando a direcção sudeste, de maneira a esgotarem-se no lago Ngami e na Grande Bacia Salgada (o Macaricari), do deserto de Calaari, não tendo por isso escoante para o mar.

**Costas.** — A costa, aproximadamente na extensão de 1.600 qm., é baixa, monótona e maciça.

As areias e as dunas substituem, a pouco e pouco, as aluviões do norte, e, por isso, poucos fundeadouros e abrigos apparecem.

Ao sul, porém, a costa desenha algumas arribas e cabos que as correntes marítimas do sul alongam para noroeste, abrigando boas baías: Pôrto-Alexandre, na baía dos Tigres, que os ingleses chamam Great fish bay em consequência da sua riqueza em peixe, o melhor e o mais vasto pôrto de Angola; São-Paulo de Loanda, protegida a oeste por uma língua de areia,



é *Lobitô*, *Benguela*, *Mossâmedes*, ancoradouros seguros sôbre a costa, estando reservado ao primeiro um grande futuro quando servir o tráfego das minas de Catanga, no Congo Belga.

Os restantes fundeadouros não dão garantia de segurança, principalmente quando se faz sentir a *calema* — nome que em Angola se dá a uma ondulação especial das águas do Oceano.

## Clima

O clima de Angola é tropical, sendo, porém, a época chuvosa correspondente à época sêca dos climas análogos do hemisfério norte, isto é, as estações estão invertidas. São as chuvas que marcam a estação e não a temperatura.



Fig. 205 — Margens do Bero. Pujante vegetação : cafeeiros, algodoeiros, pitandeiras, papeieiras, cana de açúcar, batata doce; vinha com 3 produções, reguladas pela poda. (Fot. do major António José Teixeira).

Contudo, as diferentes altitudes do solo e a influência da corrente fria de Benguela, paralela à costa africana até Mossâmedes, fazem distinguir em Angola três tipos de climas : o do *litoral septentrional*, o do *litoral meridional* e o dos *planaltos do interior*.

O *primeiro*, quente, húmido e *extremamente chuvoso*, é in-

salubre, sobretudo junto às margens dos rios; as chuvas caem em tal quantidade que constituem verdadeiros dilúvios.

O *clima do litoral meridional* é comparável ao da América do Sul, na costa do Pacífico, à mesma latitude: *fresco e sêco*. A corrente fria de Bengueia, vinda dos mares austrais, refresca a atmosfera e faz baixar a temperatura; os ventos de sudoeste,

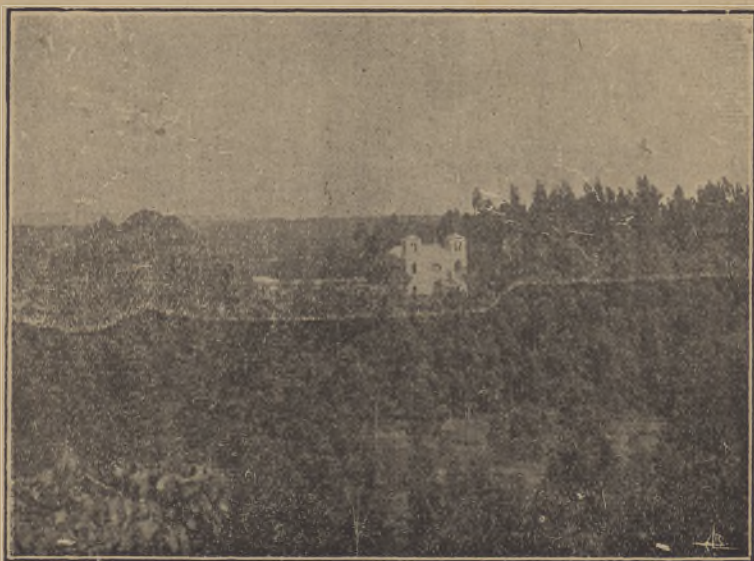


Fig. 206 — Sul de Angola. Vegetação intensa, obra da missão Chiminguiso  
(Fot. do major António José Teixeira).

que dominam, são frescos e dão lugar à formação do *cacimbo*, uma espécie de nevoeiro, de maio a agosto — a *estação fresca*.

Por tudo isto, o clima do litoral sul é muito salubre.

Finalmente o *clima dos planaltos* é já um clima continental, atenuado, com amplitudes térmicas acentuadas, mas *com chuvas ainda abundantes*; é por isso um clima saudável e muito bom para a colonização europeia. A região mais salubre de toda esta colónia é por isso o vasto planalto que se estende de Huila ao Bihé.



## Vida vegetal e animal

Ao norte, até 17° 30' lat., distribui-se a região da *savana* e ao sul a *estepe*, separadas, pouco mais ou menos, por uma linha que começa em Mossâmedes e se flecte para o sul. Estabelecendo a transição para a savana, a *floresta* (fig. 206), formando



Fig. 207 — Humpata. Escolhendo batata. (Fot. do major António José Teixeira).

extensas galerias, de um e de outro lado dos rios, é constituída pelo *mangue* e por *cajueiros*, *imbondeiros*, *acácias*, *árvores da borracha*, etc. A região entre o Cunene, o Cubango e ao longo da vertente da Serra de Chela é uma região pobre de vegetação, correspondente ao prolongamento do deserto de Calaari. A zona da savana e da palmeira de azeite ou *dem-dem* é mais rica em vegetação arbórea.

A irregularidade na distribuição das chuvas, conseqüência da diversidade de altitudes, modifica as condições de vegetação: no litoral norte, a savana toma o nome indígena de *capim*, sendo rica em *urzela*, *tabaco*, *cana sacarina*, *batata*, *milho*, etc.; na zona dos planaltos, a *região do caucho*, as culturas euro-

peias, asiáticas e americanas, desenvolvem-se ao lado da *mandioca*, do *sorgo*, da *batata-doce*.

O trigo pode dar duas colheitas anuais.



Fig. 208 — Um hipopótamo caçado no Eval. (Fot. do major António José Teixeira).

A *vida animal* é a da savana e a da estepe, caracterizada por herbívoros e carniceiros: *elefantes* (nas bacias do Zaire e Zam-



Fig. 209 — Céfos no pasto. Alto Dondo. (Fot. do major António José Teixeira).

beze, entre o Cunene e o Cubango), *búfalos* (nas vertentes do Cuanza), *zebras*, *girafas*, *leões*, *tigres*, *leopardos*, etc.; a da floresta: *macacos* (chimpanzé e gorila no Zaire médio), *hienas*,



*aves* (avestruz no Cuamato e no Cuito ; papagaios cinzentos, e pássaros de côres finíssimas em Benguela); e, nos rios, os *jacarés* e *hipopótamos* (fig. 208).



Fig. 210 — Mosca *tsé-tsé*, ampliada, visto que as suas dimensões são as da mosca vulgar.

Na zona dos planaltos (Benguela, Mossâmedes, Malange), encontram-se grande número de *bois*, que teem na mosca *tsé-tsé* (fig. 210) um inimigo terrível e mortal.

As costas são extraordinariamente ricas em *peixes*, tal como a igual latitude no hemisfério norte (Cabo-Verde

e costa do Saará), trazendo-lhe, porém, a corrente fria de Benguela espécies novas — a *balix* e o *otário*, uma espécie de foca com orelhas.



Fig. 211 — Mulher hotentote, feia e robusta. Algumas trazem os dentes limados como os de uma serra.

## Vida humana

A população de Angola compõe-se de três elementos : o *negro bantu* que forma a grande maioria dos habitantes e representa a transição do *negro* para o *hamita* ; o *hotentote* (fig. 211), em número reduzido, ao sul, nas regiões mais sêcas, muito atrasado em civilização e pastor-nómada; e o *branco*, consequência da colonização.



Fig. 212 — Mulher cuanhama, decidida e enérgica.

Os *negros bantus* tomam nomes diversos conforme as regiões que habitam: *cabindas*, no território de Cabinda; *bangalás*, no Cuango; *bailundos*, no planalto do Bailundo; *cuamatas* e *cuanhamas* (fig. 212), além Cunene; *dembos*, no planalto dos Dembos; os *ambaquistas*, etc.

Os cuamatas, os cuanhamas e os dembos são extremamente aguerridos e turbulentos.

Os *pombeiros* ou *bihenos* são os agentes de comércio que ligam os centros agrícolas do sertão (*pombe*) com o litoral, vivendo um pouco à maneira dos *boers*—emigrados do Transval, de origem francesa-holandesa, que na Huila constituem uma colônia importante.

Os *ambaquistas* assimilaram facilmente a civilização dos missionários, conservando a tradição da escrita e da leitura, razão porque ocupam lugares de destaque entre os sobas, como secretários e conselheiros.

A população total é avaliada em cerca de cinco milhões de habitantes, o que corresponde à fraca densidade média de quatro habitantes por quilómetro quadrado.



Fig. 213 — « Seles » cujo luxo consiste num pedaço de marfim atravessando a base do nariz. Os seles são *bundas* e muito supersticiosos, sendo considerados como antropófagos.

**Centros de população.** — É na costa e nos planaltos que se encontram os centros de população, correspondendo assim à necessidade do estreitamento de relações entre o indígena e o europeu (fig. 195):

*São-Paulo de Loanda* (20.000 h.), capital da província, pôrto importante sobre o caminho das Índias pelo Cabo, o que lhe deu e ainda lhe dá valor (fig. 215); *Ambriz*, na costa, ao norte de Loanda (fig. 217); *Ambaca*, centro agrícola importante, ligado a Loanda por uma linha férrea; *Malange*, ligado a

4500000 h. (3,52 h/k<sup>2</sup>) Contos 3000000 Pretos 50000 Brancos



Ambaca por caminho de ferro, centro donde irradiam para o interior as caravanas de comércio; *Cazengo*, no interior, ao norte do Cuanza, produzindo o melhor café; *Dondo* (4.000 h.), grande vila, com comércio activo, sôbre o Cuanza; *Novo-Rondono*, pôito entre Loanda e Benguela; *São-Filipe de Benguela*



Fig. 214 — Gentio da Mulondo (Mossâmedes), pisando o milho destinado à farinha de «pirão». Ao fundo a característica vedação para o recinto da cubata.

(fig. 218) ou simplesmente *Benguela* (4.000 h.), cidade em anfiteatro, ao fundo de uma baía, ligada por caminho de ferro com *Silva Pôrto*, ou *Bihé*, no fértil planalto do mesmo nome, em estreitas relações comerciais com o interior; *Mossâmedes* (5.000 h.), pôito muito salubre, servindo *Huíla*, centro riquíssimo de colonização bóer, com o qual está ligado por uma linha férrea (fig. 219); *Sá da Bandeira* ou *Lubango*, ligado ao pôito de Mossâmedes por caminho de ferro; *Humbe*, pôito sôbre o Cunene.

No território de *Cabinda* e *Landana*, os centros principais, são (fig. 195): *Cabinda*, bom pôito, e *Landana*, pôito, ao norte do Zaire.

### Vida económica

Angola é uma colónia de tipo misto.

Possui muitos portos e vilas que são puras feitorias e muitas regiões que são verdadeiras colónias de plantação.

A bacia do Cuanza divide Angola em duas regiões: a do

norte, própria para o estabelecimento dos prazos e fazendas



Fig. 215 — Vista geral da cidade de São-Paulo de Loanda — Angola.

— colónias de plantação ; e a do sul, a dos planaltos, própria



Fig. 216 — Loanda. Ponte de desembarque e alfândega.

para o estabelecimento de *colónias agrícolas* de povoamento.  
A *agricultura* é a maior fonte de receita. À colheita do



*cauchu*, em todo o leste e principalmente nas proximidades de Benguela, junta-se o rendimento da cultura das plantas tropicais : *café* (bacia superior do Cuanza, no Cazengo, Encoge e



Fig. 217 — Ambriz. Vista geral.

Colongo Alto), *tabaco*, *cana de açúcar*, *algodão*, etc., no litoral, nos vales dos rios desde o Ambriz até ao Coróca (fig. 221);



Fig. 218 — Benguela. Vista parcial.

nos planaltos, a *vinha*, as *árvores de fruto*, os *cereais*, etc., já adaptados, aumentam a riqueza agrícola de Angola (planaltos de Benguela, de Huila, Caconda e Mossâmedes) [fig. 221].

A videira selvagem e enxertada produz perfeitamente no planalto de Caconda.

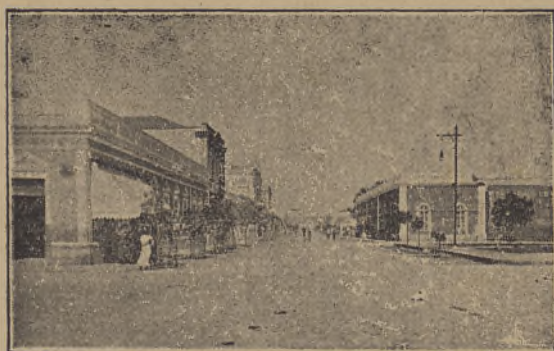


Fig. 219 — Mossamedes. Uma rua, lembrando os arruamentos de Espinho.

O milho e o trigo produzem-se òptimamente nos vales e meias encostas dos planaltos, com ou sem irrigação artificial (fig. 221). O trigo produz, nos planaltos de Benguela e Mossâ-



Fig. 220 — Estação agronómica de Cazengo (Quanza do Norte) — Angola.

medes, uma média de 30 sementes, ao passo que no nosso Alentejo dá em média 9!

A criação do gado tem nos planaltos do interior um grande





bongo, em Quinzáu ao sul do Zaire, e, sobretudo, a sueste de



Fig. 222 — Camelos transportando farinha e cereal na região de Mossâmedes (Fot. do major António José Teixeira).

Quissama ; ouro, nos campos de Lombige e minas de Cassinga



Fig. 223 — Um grande agricultor, em Lubango, auxiliando o gentio da região no trabalho da 1.ª debulhadora mecânica. (Fot. do major António José Teixeira).

(Huila) ; diamantes, na Lunda — nordeste, junto à fronteira.



Pesquisas recentes dão em Angola a existência de um *manto petrolífero*, contendo *óleo cru asfáltico*. É por isso que



Fig. 224 — Um palmar numa fazenda, no Cazengo.

no Dondo, em Calucala e Libolo se extráem *carvões asfálticos*, que, no Libolo, tomam o nome de *libolites*.



Fig. 225 — Mossâmedes. Colónia algarvia exercendo a indústria da pesca, dando lugar ao fabrico de conserva de peixe sêco (corvina). (Fot. do major António José Teixeira).

A *pesca* é explorada com muito proveito, principalmente na *Baía dos Tigres*, em *Mossâmedes* e no *Pôrto Alexandre*, por colónias de pescadores algarvios e poveiros, que encontram nelas grande riqueza a explorar (fig. 225).

**Vias de comunicação.**—Em Angola, como em toda a África, a penetração é difícil em consequência da modelação do solo e da navegabilidade dos rios só se fazer por sectores.



Fig. 226 — Estrada de Lubango a Quipungo (Caconda)

Durante muito tempo o indígena só conheceu, como meio de transportê, o carro boéi, puxado por numerosas juntas de bois, ou os cordões intermináveis de carregadores que às costas transportavam, através do capim e da floresta, os produtos do interior.

Hoje, porém, as estradas e as vias férreas de penetração, que atingem já os centros agrícolas mais impor-

taentes e que, num futuro próximo, atingirão a fronteira para ligarem com as linhas do Congo Belga, da Rodésia e com as da África do Sul—deram um incremento extraordinário ao fomento da riqueza da nossa colónia.

Os camilhões de ferro tinham em 1925 uma extensão de mais de 1.675 qm., números insignificantes relativamente à superfície de Angola (fig. 227), distribuindo-se por sete linhas, a maior

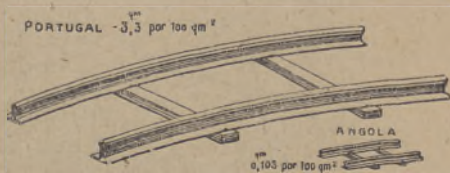


Fig. 227 — Extensão da rede ferroviária de Angola comparada com a de Portugal.



parte das quais ainda não atingiram os seus objectivos (fig. 195): *Loanda a Malange* passando por *Ambaca* (fig. 228); a do *Lobito, Benguela e Silva Pôrto* (Bihé), que já hoje atinge *Matola* (fig. 228); e de *Mossâmedes a Sá da Bandeira e Huíla*

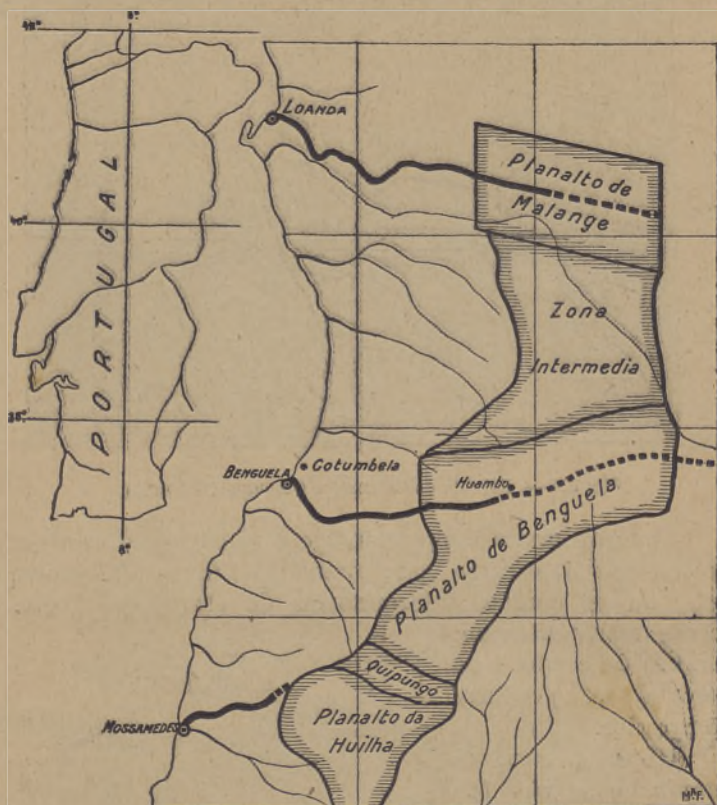


Fig. 228 — As três principais vias férreas de Angola. Extensão dos planaltos comparados com a área de Portugal.

(fig. 228), necessitando tôdas de ser prolongadas afim de, como a de Lobito, poderem servir a riquíssima região mineira de Catanga, no Congo Belga, que assim poderá utilizar a via mais rápida e curta (fig. 229); o caminho de ferro de Amboim e os ramaes de Calumbo, Cabiri e Golungo Alto.

**Comércio.** — O movimento comercial de Angola, em 1925,

foi de 486.700 contos, sendo 233.600 de exportação e 253.100 de importação — números redondos.



Fig. 229 — A região das minas de ouro de Catanga está assinalada a negro. O traço pontado indica claramente ser o caminho de ferro de Benguela a via mais rápida e curta para serviço desta rica região.

Analisando os últimos anos de movimento comercial, re-

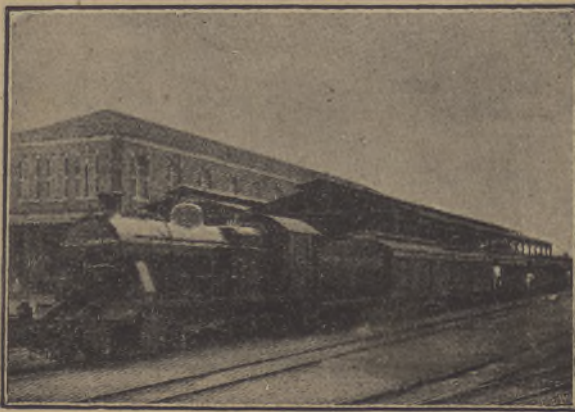


Fig. 230 — Estação de Loanda e combóio do Malange.

conhece-se que Angola vai saindo da crise que lhe originou a



criação do Estado Independente do Congo, hoje colónia Belga, e a derivação de braços para São-Tomé.

De facto, desde 1914 a 1925, no comércio de Angola, tanto a impor-



Fig. 231 — Entroncamento da Estação de Canhoca com a linha de Ambaca.

tação como a exportação tem progressivamente crescido (fig. 234).



Fig. 232 — Angola. Ponte e caes do Lobito: testa do caminho de ferro de Benguela.

A exportação consiste principalmente em: *café, milho,*

açúcar, algodão, cêra, coconote, óleos vegetais e peixe; e a importação em: tecidos de algodão, material ferroviário, produtos alimentícios, vinho, máquinas, ferro e aço, armas, etc.

O principal fornecedor e único comprador de Angola é Portugal, pois que o comércio é todo feito com a metrópole, o que faz considerar esta coló-



Fig. 233 — Comércio geral de Angola em 1922. Características da importação e exportação. Comparar o valor da importação com o da exportação.



Fig. 234 — Comércio geral, importação e exportação, comparadas, desde 1912 a 1916. Observar o desenvolvimento da importação e da exportação.

nia, juntamente com São-Tomé, como sendo de tódas a mais portuguesa.



Os portos de maior movimento são: *Lobito*, o melhor apetrechado de Angola (fig. 232), *Loanda* (fig. 216), *Mossamedes*, *Benguela* e *Amboim*.

## Vida social

**Língua e religião** — A língua mais geralmente falada no sertão é o *quimbundo*; e a religião dominante é o *feiticismo*, havendo ainda alguns católicos que os missionários teem trazido para a civilização.

## MOÇAMBIQUE

### O solo

**Situação, área, etc.** — Moçambique está situado na África Oriental (fig. 236) no hemisfério sul, confinando: ao

norte, com a antiga possessão alemã da África Oriental ou Tangânica; ao sul e a oeste, com as possessões inglesas do Transval, da Rodésia, da Zululândia e Suasilândia; e a leste, com o Oceano Índico (fig. 236).

A sua superfície excede 760.000 qm<sup>2</sup>, isto é, aproximadamente nove vezes mais que Portugal (fig. 235), mais que qualquer dos grandes estados europeus, exceptuando a Rússia.



Fig. 235 — Superfícies comparadas de Moçambique e Portugal.

**Relevos.** — O solo de Moçambique constitui parte do bôrdio oriental da bacia do Zambeze. (Veja o relêvo

de Angola). Tem, portanto, a sua estrutura.

Em consequência da forma do solo, Moçambique pode ser dividido em cinco zonas distintas: 1.<sup>a</sup>, a do norte, entre o Rovuma e o Zambeze, de tôdas a mais elevada; 2.<sup>a</sup>, a do mé-



do Zambeze ; 3.<sup>a</sup>, a planície do baixo Zambeze ; 4.<sup>a</sup>, a zona alta



Fig. 237 — Falésias rochosas da serra Lupata, cortada pelo Zambeze.

do Gorongosa, Manica e Libombos ; 5.<sup>a</sup>, o litoral plano do Save até Lourenço Marques.









Os montes *Matopo* (1.700 m.), na Rodésia inglesa, são, como o planalto do Bihé, o nó orográfico donde irradiam várias cadeias de montanhas, orientadas ao nordeste — a orientação de todos os levantamentos que até ao Mar Morto acidentam esta região.

Dêstes montes partem, ainda fóra do solo de Moçambique, os planaltos denteados de *Matabêles* e de *Machona* (1.600 a 1.000 metros), descendo êstes, a noroeste, para o médio Zambeze, a leste — já em Moçambique — pelo *planalto de*



Fig. 238 — Estreito de Lupata (Lupata George), com 40 qm. de extensão. Transposta esta majestosa barreira, o Zambeze espraia-se na Baixa Zambézia.

*Manica* (2.400 m.) para o Índico, e ao sul para o Limpopo (fig. 196).

Ao sul do Limpopo, acompanhando o curso superior e médio dêste rio e na fronteira que nos separa do Transval, a *cadeia dos Libombos*, de pequena altitude (630 m.), é um sistema orográfico que se estende para o interior pela *montanha dos Dragões* — o Drakensberg — no Transval, e para o Norte pela serra *Gorongosa* (*Monte Miranga* — 2.000 m.), que borda a oeste o *maciço de Manica* (fig. 196), [Monte Dôe, 2.400 m. Monte Panga, 2.320 m.]

Para o norte do Zambeze a estrutura do solo de Moçambique pertence já à região que se estende até ao Mar Morto:



um imenso vale de afundimento, coberto de lagos extensos e profundos, bordados pelos mais altos levantamentos vulcânicos do solo africanò (o Ruvensóri ou Runsóri—5.096 m., e o Kénia — 5.200 m., na antiga África Alemã), em cujos cumes fuma ainda o Mirunga (4.000 m.) [fig. 196].

Nesta região e no nosso território, a serra *Lupata* (fig. 237), os montes da *Maganja*, e, mais ao norte, os montes *Milange* (3.000 m.) e os montes *Namuli* (2.700 m.), dominam o lago *Chirua*. E, bordando o lago *Niassa* (30 mil qm.<sup>2</sup> de su-



[Fig. 239 — Zambeze. Rápidos do Songo, acima de Tete, entre Boroma e Chicóa, na extensão de 140 qm.

perfície, aproximadamente um terço da área de Portugal), elevam-se os montes *Lichingo* (2.000 m.), *Luchilingo* e *M'senga* (fig. 236).

**Hidrografia.** — Sendo a orientação do sistema orográfico nordeste-sudoeste, os rios de Moçambique lançam tôdas as suas águas no Índico pois que as cadeias, que constituem o rebôrdo da zona central da bacia do Zambeze, impedem o seu desenvolvimento para o ocidente. São, por isso, com excepção do Zambeze, rios costeiros, de regime tropical, correndo sôbre

os degraus dos planaltos, cheios de quedas e rápidos, impróprios para a navegação.

O *Zambeze* (fig. 236), quarto rio africano pela sua extensão e pelo volume de água, é um rio de regime tropical; nasce, pelos seus afluentes (Bungo), sobre os contrafortes do maciço do Bibé, em Angola e corre na direcção norte-sul até entrar no deserto de Calaári, donde foge para leste, galgando as grandiosas quedas da Vitória, a maior queda de água do globo (200 metros de altura por 1.600 metros de largura), cujo



Fig. 240 — Zambeze. Estrada de rápidos do Quernabassa. Ponto mais estreito do Zambeze, perto de Chicôa.

barulho se ouve a 32 qm. de distância — « a fumarada trovejante » como lhe chamam os indígenas; e, curvando-se para nordeste, diante dos montes Matopo, consegue, — já em território português — cheio de rápidos, atingir os planaltos entre Zumbo e Tete (fig. 239), onde se flecte para o sudeste, carregando-se então de aluviões. Transpostas as falésias rochosas da serra Lupata (fig. 237), o Zambeze espraia-se na Baixa Zambézia e desenha os braços de um delta, cujos canais, quasi sempre obstruídos, ou são incertos para a navegação (Luabo de Este), ou estão completamente inutilizados, como o de



*Quelimane*. O braço do *Chinde* é o que hoje serve a navegação.

O *Chire* é o emissário do lago Niassa, que se junta ao Zambeze numa região aluvial e palustre, fornecendo, contudo, um bom acesso para o Niassa (fig. 236).

Como via de navegação, o Zambeze não se pode comparar ao Zaire, porque é menos profundo e menos largo; porque tem uma rede menor de afluentes e maior quantidade de quedas, mais próximas umas das outras; e ainda porque, pelo

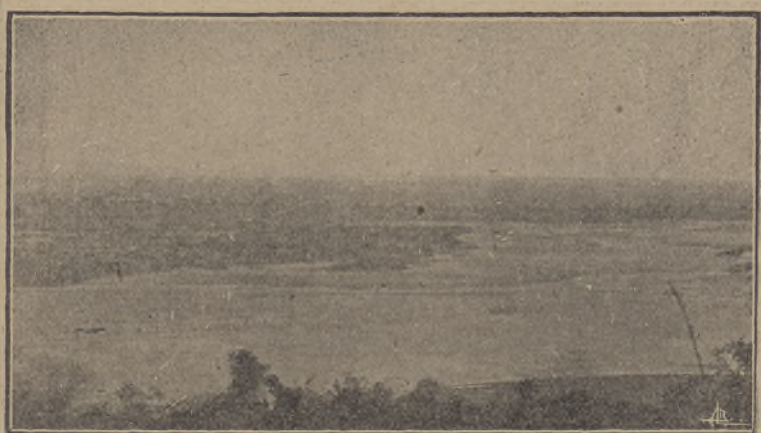


Fig. 241 — Aspecto do Rovuma, em frente do Namulo, cheio de ilhas e de meandros.

seu regime, não transporta um volume de águas como o do Zaire. Contudo é a entrada de penetração para a bacia do Congo.

O *Rovuma* (fig. 241), que faz parte da fronteira norte, descreve curvas caprichosas e está de tal maneira cheio de ilhas, troncos de árvores, rochas e areias que se torna muito pouco navegável, recebendo na margem direita o *Lugenda*, que nasce na lagôa *Mtorandenga*, e atravessa sucessivamente os lagos *Chiuta* e *Amaramba* (fig. 236).

O *Limpopo* (1.600 qm.) — o rio dos « Crocodilos » — é um rio tropical, navegável na época das cheias, recebendo, na margem direita, um longo afluente, que, como êle, nasce no Transval — o rio dos *Elefantes* (700 qm.) [fig. 236].

Os principais rios costeiros são (fig. 236):

O *Lurio*, que nasce junto ao lago Chirua e inunda os campos laterais, tornando-os de grande fertilidade; o *Pungue* e o *Búsi*, vindos do maciço de Manica e desaguando juntos na Beira; o *Save*, verdadeiro rio tropical, originário dos montes Matopo, inconstante e inavegável; o *Incomáti*, vindo do Transval, paralelo aos Libombos até aos trópicos, recurvando-se ao norte para, depois, já próximo dêste, se flectir para o sul afim de lançar as suas águas na magnífica baía de Lourenço Marques; e o *Maputo*, que desemboca ao sul da mesma baía.



Fig. 242 — Passagem do Rovuma. Uma trincheira portuguesa contra os alemães.

**Costas.** — A estrutura que o solo apresenta dá dois aspectos à costa, três vezes mais extensa que a de Portugal: a do *sul*, baixa, arenosa, cheia de dunas que a violenta corrente de Moçambique arrasta para o norte, açoreando os portos de maneira a unicamente lhes permitir uma saída a nordeste — interrompida apenas para dar passagem às aluviões doentias e aos deltas pantanosos; e a do *norte*, mais recortada, alta e escabrosa, por as elevações do solo terem maior altitude e se apertarem mais contra o litoral, permitindo a formação de inúmeras e seguras baías.

Ao sul (fig. 236), o *cabo de Santa Maria* desenha para o interior a ampla e segura *baía de Lourenço Marques*, o melhor pôrto



da África, tendo 29 qm. no máximo de largura; o *cabo das Correntes*, continuado ao norte pelo *cabo de Inhambane*, abriga o



Fig. 243 — Farol de Cockburn. Construção de aço, assente em estacas de hélice, no baixo denominado de «Cockburn», considerado como o cemitério dos navios que demandavam a baía de Lourenço Marques. O farol está a 30 qm. de terra, em pleno Oceano, e a sonda acusa 7<sup>m</sup>,3 na baixa-mar e 11<sup>m</sup>,3 na praia-mar, sobre uma região extremamente exposta aos temporais que com rapidez e impetuosidade se levantam na costa oriental da África. A construção representa uma verdadeira obra-prima e uma glória para a engenharia portuguesa, pois que de 6 tentativas para o levantamento do farol, só os estudos, decisão e energia do engenheiro-militar José Maria de Vasconcelos e Sá, conseguiram vencer a violência das ondas, inaugurando o notável farol em janeiro de 1901. As 6 tentativas frustradas foram realizadas por engenheiros franceses e ingleses.

*pôrto de Inhambane*; *Sofala*, que foi um pôrto com um passado brilhante, decaiu em proveito da *Beira*, na foz do rio Pungue,

com acesso fácil para os planaltos do interior (Manica); *Chinde*, sôbre um dos braços do delta do Zambeze, suplantou *Quelimane* cujo braço as aluviões obstruíram. Do Zambeze para o norte, a costa apresenta o segundo aspecto: a *baía do Mocambo*, abriga o pôrto de *Moçambique*, multiplicando-se em seguida as numerosas baías que caracterizam a costa septentrional: baías de *Fernão Velozo*, de *Pemba*, abrigando o pôrto *Amélia*; de *Missongoma*; de *Mocimbôa*, de *Tunge* com o pôrto de *Palma*, de *Rovuma*, de *Kionga*, abrigando o pôrto do seu nome, to-



Fig. 244 — Baía de Nacala.

mado por Portugal aos alemães no recente conflito europeu (fig. 236).

As aluviões e areias que os rios lançam no Oceano, constituem, a curta distância da costa, grande número de ilhas e ilhéus, sendo os mais importantes (fig. 236): as ilhas de *Cabo Delgado*, entre as quais, ao sul, *Ibo*; a ilha de *Moçambique*, mais para o sul; o arquipélago de *Angoche*; a ilha *Chiluané*, ao sul de *Sofala*; o arquipélago de *Bazaruto*, ao sul do *Save*, notável pelas suas pérolas; e a ilha *Inhaca*, defronte do *Cabo de Santa Maria*, à entrada do pôrto de *Lourenço Marques*.



## O clima

Situado na zona tropical, o clima de Moçambique é quente, muito húmido, chuvoso e insalubre. Contudo, a diferença de altitudes modificam-no: nos *planaltos* (Libombos, Alta Zambézia, Námuli e Milange), o clima é continental, atenuado, próprio para a colonização; na *Baixa Zambézia*, é quente, húmido e pantanoso; no *litoral*, desde o Save até Lourenço Marques, é salubre, mais quente porém que a igual latitude de Angola, porque a corrente de Moçambique, que acompanha a costa do sul para o norte, é quente.

A distribuição das chuvas está de acôrdo com as monções, sendo elas, e não a temperatura, que caracterizam as estações: uma sêca e fria, de junho a outubro — monção do sudoeste; outra, húmida e quente, nos meses restantes — monção do nordeste.

A intensidade das chuvas não é porém regular, porque ao norte são muito mais abundantes que ao sul.

A temperatura média de Lourenço Marques é de 22°,3; a temperatura do mês mais quente é 25° (maio a dezembro) e a temperatura do mês mais frio (julho) é 18°,2, o que dá uma diferença de temperatura entre o mês mais quente e mais frio, 6°,8, que permite afirmar que Lourenço Marques tem um clima regular.

## Vida vegetal e animal

A vegetação tropical desce aqui mais para o sul que em Angola em consequência da corrente quente que banha a costa.

A floresta em galeria, acompanhando os rios e constituída por *árvores de borracha, cedros,ibanos, sândalos, imbondeiros* (fig. 245), etc., faz a transição para a *savana*. As culturas tropicais encontram neste solo condições de fertilidade como as de Angola: o *algodão* (fig. 246), o *tabaco*, a *urzela*, o *aniê*, as *oleaginosas*, a *cana sacarina*, etc.

A zona entre o Rovuma e o Zambeze é a terra do cauchu que também se encontra no distrito de Cabo Delgado, em Quelimane e Tete, em Inhambane e Lourenço Marques, e o Baixo-Zambeze a da cana sacarina e arroz. A cana de açúcar

atinge proporções superiores à do Brasil nos terrenos adjacentes à baía de Pemba e nas margens do rio Tungue, nos vales dos rios e junto às costas no distrito de Moçambique, em Quelimane e Tété, em Inhambane, etc.

Nos planaltos realiza-se a cultura dos cereais e dos legumes, com grandes resultados, sobretudo *milho* e *feijão*.



Fig. 245 — Um imbondeiro gigantesco

A vida animal é análoga à de Angola: *elefantes* (distritos de Lourenço Marques, Manica e Sofala, sobretudo no Zambeze e Limpopo), *búfalos* (distritos de Cabo Delgado, Lourenço Marques, Manica e Sofala), *zebras* (distrito de Lourenço Marques), *girafas*, *leões* (Angonia) [fig. 248], *tigres*, *leopardos*, *rinocerontes* (Pungue e Zambeze); *macacos* e *hienas* (fig. 249); *crocodilos*, (fig. 250) e *hipopótamos* (distritos de Manica e Sofala, Lourenço Marques).

O domínio da mosca *tsé-tsé* é a zona do médio Limpopo.



Nos planaltos, onde não existe a mosca *tsé-tsé*, pasta grande



Fig. 246 — Campo de algodão. Tété



Fig. 247 — Galinhas da Guiné, que em bandos percorrem a região de Tété

quantidade de *gado bovino*, que valoriza extraordinariamente



Fig. 248 — Leões ainda pequenos. Angónia



Fig. 249 — Hiena. Quizumba. Têlé



estas regiões (distritos de Inhambane, Manica e Sofala — Companhia de Moçambique) [fig. 251].



Fig. 250 — Crocodilos saindo dos ovos. Comprimento dos crocodilos 30 cm. e os ovos das dimensões dos de pata. Zambézia.



Fig. 251 — Gado na aldeia de Mutarara, em frente a Sena.  
Ao longe, o Zambeze.

A costa é rica em *muitas espécies de peixes*, principalmente a baía de Lourenço-Marques.

## Vida humana

**População.** — Os diferentes elementos, que constituem a população de Moçambique, compõem-se do *negro bantu* — em maioria —, do *árabe*, do *hamita* (semelhante ao da Somalilândia), do *industânico* e do *branco*.

Até ao Zambeze, os cruzamentos dos bantus com os três



Fig. 252 — Régulos da região de Gaza (Chaichai). Cafres, guerreiros e atrevidos. Os cafres ou zulus não praticam a tatuagem e têm grande senso administrativo.

outros tipos clássicos são freqüentes, resultando uma população heterogênea, rebelde, atrevida e insubmissa

Os *cafres* ou *zulus* (fig. 252), ao sul, estendendo-se pelo Transval e Rodésia, são tribus de negros bantus, os que melhor conservaram a pureza primitiva do seu tipo, de pele acobreada, altos, enérgicos, vigorosos e inteligentes, criadores de gado



com uma organização social completamente adaptada às suas ocupações.

Os *vátuas*, os *landins* e os *cafres* constituem as tribus mais aguerridas.

O elemento branco, menos numeroso, é formado essen-



Fig. 253 — Mulheres cafres. Região de Lourenço Marques. As mulheres vátuas são muito atenciosas e, para conservarem a sua pureza, raro casam fóra da sua raça.

cialmente por ingleses e *bóers*, em maior número que os portugueses.

Na impossibilidade de um recenseamento directo, tem-se avaliado a *população total* em 3.600.000 habitantes, o que corresponde à fraca densidade de 4,8 habitantes por  $qm^2$ , estando, porém, estes números longe da verdade.

*Centros de população* — Os centros de população encon-

tram-se nos portos que dão acesso às regiões ricas do interior e nos planaltos, centros de produção, Assim (fig. 236): *Lourenço-*



Fig. 254 — Lourenço Marques. Praça Mousinho de Albuquerque

*Marques* (27.000 h.), capital da provincia, sôbre a melhor baía de tôda a África, pôrto que serve o comércio do Transval, ci-



Fig. 255 — Lourenço Marques. Jardim Botânico

dade de ruas largas, jardins botânico e zoológico, construções modernas, etc., com o aspecto das da Europa (fig. 254, 255, 256,



etc.); *Moçambique* (7.000 h.), ocupando uma posição comercial excelente, sôbre uma ilha que domina o canal do mesmo



Fig. 256 — Lourenço Marques. Jardim Zoológico

nome; *Chinde*, pôrto do Zambeze, servindo o Niassa inglês para isso se utiliza de pequenas lanchas a vapor que sobem



Fig. 257 — Uma avenida em Lourenço Marques.

até Tété e Zumbo; *Beira*, (3.400 h.), pôrto que serve a Rodésia (fig. 259); *Inhambane* (3.300 h.), ao fundo de uma

baía coberta de coqueiros, centro de uma notável região agrícola; *Quelimane* (fig. 260); *Kionga*, ao fundo de uma



Fig. 258 — Lourenço Marques. Avenida Francisco Ferrer.

magnífica baía, coberta de palmares e de arruamentos cons-



Fig. 259 — Beira. Cais do caminho de ferro

tituídos por cubatas indígenas (fig. 261), pois que apenas





Fig. 260 — Quelimane. Uma rua.



Fig. 261 — Uma rua de Kionga, povoação do território tomado pelos portugueses aos alemães, na Grande Guerra de 1914.

possuía uma única habitação de pedra e cal quando os portugueses se apoderaram dessa região;

No interior (fig. 236): *Sena*, *Zumbo* e *Téte* (fig. 262) sôbre



Fig. 262 — Téte. Vista parcial. Ao fundo a serra da Caroeira

o Zambeze, ficando a última no centro de uma região mineira importante, etc.

### Vida económica

Mozambique é essencialmente uma *colónia mista*, isto é, de *povoamento* ou *agrícola*, nos planaltos; de *plantação*, no Baixo-Zambeze, Rovuma, etc.; e de *comércio* ou *feitoria*, nos vários portos que bordam o litoral.

A agricultura não tem porém o desenvolvimento que era de esperar num solo tam fértil. Os braços, que o convénio com a União Sul Africana nos levava todos os anos para as minas da Rodésia (fig. 264), é uma das causas do atraso agrícola de Mozambique.

O *cauchu* extrai-se abundantemente na região entre o Rovuma e o Zambeze, sobretudo no Niassa (fig. 263): a *cana sacarina* (fig. 263) tem uma produção excepcional no Zambeze e no



Busi; as *oleaginosas* constituem a grande riqueza da colónia de que só, em 1919, se exportaram mais de 3.000 contos (principalmente Quelimane e Zambézia) [fig. 263]; o algodão do Niassa

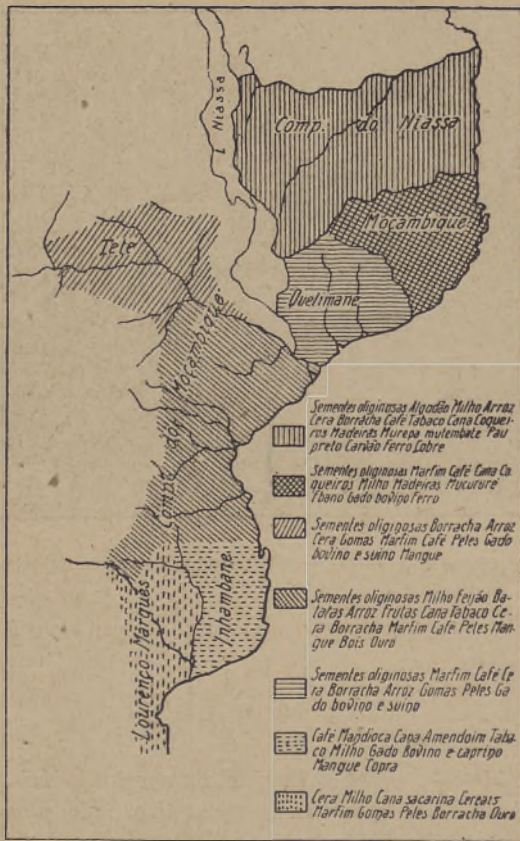


Fig. 263 — Carta económica de Moçambique

(fig. 263) e de Moçambique (1 milhão de quilos, em 1920, nos territórios da Companhia de Moçambique) e o milho (fig. 263), tem uma tal produção que chegaria para abastecer a metrópole (em 1920 nos territórios da Comp. de Moçambique, 36.000 T., das quais 23.000 se exportaram); Inhambane produz magnífico café, tabaco e açúcar (26.000 T., nos territórios da Comp. de Moçambique, 1920).

Nos planaltos, longe da acção mortífera da mosca *tsé-tsé*,



Fig. 264 — Indígenas recrutados pelo convénio com a União-Africana para a Rodésia, esperando, em Ressano Garcia, o combóio.



Fig. 265 — Queima da cana do açúcar para o corte. Zambézia, Sena-Sugar (Companhia do açúcar da Zambézia).

é também grande a riqueza que a *criação do gado*, principal-



mente bovino (fig. 267), produz para Moçambique, estando já organizadas grandes empresa singlesas para a exploração de carnes congeladas.

À acção enérgica e bem orientada das companhias de Mo-



Fig. 266 — Processo indígena para conservar o milho. Inharime (Inhambane)

çambique, explorando a zona entre o Save e o Zambeze; do Niassa, explorando a zona entre o Lúrio e o Rovuma; e à da Zambézia — se deve, em parte, o desenvolvimento agrícola que esta colónia está manifestando.

**Industrias.** — A indústria quasi que não existe, e a existente está nas mãos dos estrangeiros. Contudo, as riquezas minerais são

grandes: *ourc*, no maciço de *Manica* (na parte superior do Revue estendendo-se para oeste), no *Alto-Zambeze* (Téte) [fig. 269],



Fig. 267 — Gado bebendo no rio Umbeluzi. Estação agronómica de Umbeluzi.

cujas aluviões arrastam êste rico minério e o fazem aparecer em *Sofala*, e no distrito de Cabo Delgado (Companhia do Niassa), no jazigo do *Rarico* (fig. 269) ; *hulha*, na bacia de *Pemba*, na re-



Fig. 268 — Estação agronómica de Umbeluzi. Lavrando o campo

gião entre o Rovuma, o Lugenda e M'salu, em *Lourenço Marques* e no *Tête*, sendo esta última de magnífica qualidade; *ferro* e *cobre*, em *Sena*, *Tête*, no território do *Mêdo* e na serra de



Fig. 269 — Lavagem do ouro. Tête, Alto-Zambeze.

*Chinge*, onde os indígenas trabalham o ferro para facas e enxadas que, trazidas para os mercados da costa, fazem concorrência às estrangeiras ; *petróleo*, em *Inhambane*, na lagôa da planície de Inhaçune, ao norte de Inharime ; *volfrâmio*, *cobre* e



*estanho*, no distrito de Manica e Sofala (Comp. de Moçambique),



Fig. 270 — Secagem das fibras do sizar — Moçambique



Fig. 271 — Desfibrando o sizar, uma das riquezas mais prometedoras de Moçambique.

sendo Chimoio a região do estanho. A região do Tété é a que

está em maior actividade extractiva, não tendo, porém, em toda a colónia, tido até hoje grande desenvolvimento estas indústrias extrativas por falta de capitais e protecção indispensável. O Convenio com a União Sul-Africana favoreceu, no principio, o desenvolvimento industrial da Província, mas as suas successivas restrições, mataram o desenvolvimento das nossas indústrias que encontravam no Transval uma colocação lucrativa.

A grande indústria é a do *sisal* e a do *açúcar*. No periodo



Fig. 272 — Grande centro industrial do açúcar de cana — a Vila Fontes de Sena-Sugar. Linha do caminho de ferro da companhia.

de guerra atingiu uma produção tam intensa que só Moçambique que poderia fornecer Portugal (fig. 270 e 272).

O fabrico de *aguardente*, os *óleos* e a *serração de madeiras*, etc., constituem indústrias secundárias.

**Vias de comunicação.**—O regime dos rios e as suas frequentes quedas de água tornam-nos, em geral, inavegáveis, de maneira que fornecem apenas difíceis estradas de comunicação.

Moçambique possui hoje mais de 1.250 qm. de caminho de ferro (fig. 274), o que representa uma extensão de vias de penetração relativamente pequena para o desenvolvimento que



tem experimentado e para as exigências do movimento comercial das regiões do interior da União Sul-Africana (Rodésia, Transval e Orange): o caminho de ferro da *Beira, Macequece,*



Fig. 273 — Indústria rudimentar de farinagem. Indígenas pisando o milho. Kionga, depois da tomada dos portugueses.

ligando com os da Rodésia oriental (339 qm.); o de *Lourenço Marques*, que conduz directamente a Fretória, capital do Trans-

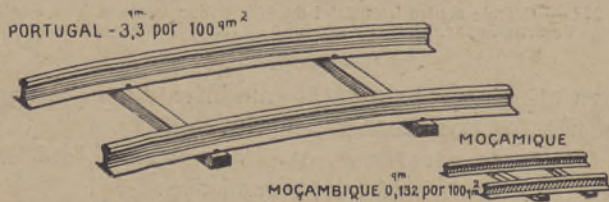


Fig. 274 — Extensão comparada das linhas férreas de Portugal e Moçambique. Observar quantas vezes a rede de Moçambique cabe na de Portugal.

val; o de *Lourenço Marques* à fronteira da Suazilândia; o de *Inhambane* a *Inharrime* para ligar com a linha de Majacase, Chibuto e Magul que fará depois a ligação com a via férrea de Lourenço Marques; o de *Quelimane* ao *Maquival* e a *Sena*, li-

gando para o território inglês do Niassa ; e a linha de *Lumbo*, de Moçambique à fronteira.



Fig. 275 — Lourenço Marques — Estação do Caminho de Ferro



Fig. 276 — Ressano Garcia. Caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transval.

O pequeno número de navios de que se compõe a frota



mercante portuguesa obsta a que Moçambique tenha as carreiras de navegação indispensáveis ao seu crescente desenvol-

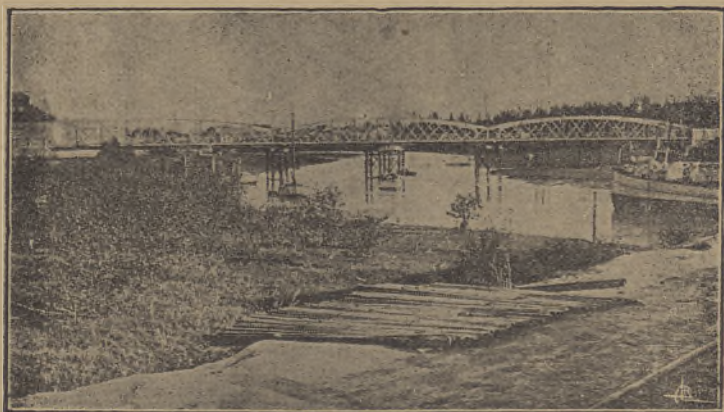


Fig. 277 — Beira, Ponte do Caminho de ferro.

vimento, chegando a inutilizarem-se produtos vários enquanto esperam transporte.



Fig. 278 — Trincheira de Galachava (garganta dos Pequenos Libombos)

**Comércio** — O comércio de Moçambique é importantíssimo, não só por causa do valor dos seus produtos agrícolas

e mineiros, como pelo facto de servir de trânsito a todo o comércio do Transval e da Rodésia, que encontram na nossa colónia a saída natural e mais rápida.



Fig. 279 — Ponte de cimento armado na estrada de Lourenço Marques a Goba.

Em 1925, o movimento comercial geral, incluindo as Companhias de Moçambique e Niassa, foi de 790.200 contos, distribuídos por 483.100 contos de importação e 307.100 contos de exportação.



Fig. 280 — Características do comércio geral, importação e exportação, em 1923.

Este comércio tem sido feito principalmente com o estrangeiro, pois que o comércio com a metrópole corresponde a uma percentagem insignificante em relação ao movimento com os outros países.

O desenvolvimento progressivo de Moçambique que reflecte-se no crescente aumento do movimen-

to comercial. Em 23 anos (1902-1925) tornou-se 35 vezes maior.

A importação consiste em: tecidos, produtos alimentícios, metais, vinhos, maquinismos, etc.; e a exportação compõe-se de oleaginosas, açúcar, cereais, sical, tabaco, cauchu, marfim, minérios, peles, etc.



Em 1925, os portos de maior importância comercial foram: *Lourenço-Marques*, com um movimento superior a 1.100.000 T., a maior parte comércio inglês em trânsito; *Beira*, com mais de 500.000 T. de movimento comercial; *Quelimane*, 24.000 T.; *Moçambique*, 50.000 T.; *Inhambane*, 13.000 T., etc.

Lourenço-Marques é um pôrto moderno, dotado de todos os últimos aperfeiçoamentos (fig. 282). Por isto e pelas suas condições naturais, é que êle faz concorrência a todos os portos ingleses da União Sul-Africana, a-pesar da Inglaterra manter um frete mais elevado para Lourenço-Marques e gastar muito ouro no aperfeiçoamento dos seus portos.



Fig. 281 — Diagrama demonstrativo do que era o comércio geral em 1902 e em 1922 : quinze vezes mais que em 1902.

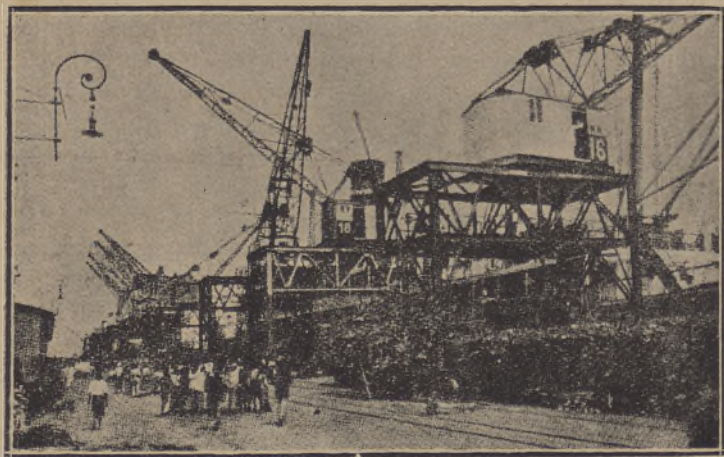


Fig. 282 — Pôrto de Lourenço Marques. Cais Gorjão, construído de cimento armado, na extensão de uma milha e capacidade para 12 grandes navios. O pôrto possui 12 grandes armazens, 23 guindastes eléctricos, 2 docas abrigadas e uma sêca para navios de 1.200 T. Tem ainda duas instalações carvoeiras para carregar 600 T. de carvão de pedra por hora.

Moçambique tem um desenvolvimento forçado relativamente às nossas outras colónias, por causa da proximidade das possessões inglesas da África do Sul, estando, porém, muito longe de acompanhar a expansão assombrosa, nos últimos anos, da União Africana.

A Grande Guerra fez intensificar tôdas as suas produções, facto que se reflectiu no comércio geral de Moçambique, o que claramente se reconhece observando o movimento comercial nos anos anteriores ao conflito europeu.

O melhor aproveitamento agrícola e industrial, o desenvolvimento da extensão da rêde ferroviária, devem contribuir ainda para a maior expansão económica de Moçambique.

## Vida social

**Línguas e religiões** — A diversidade étnica dos indígenas criou uma grande variedade de línguas, de que as mais co-



Fig. 283 — Um feiticeiro, dançando. Tête.

muns, são as do tipo *bantu* e a *suahéli*. A língua suahéli é a linguagem comercial de todo o Índico, metade árabe e metade bantu.

Nos tipos étnicos em que o árabe exerce influência, a religião seguida é o islamismo, sendo, porém, a maioria dos negros *feiticista* (fig. 283), e, em menor número, *católica*.



Inhambane foi um grande centro de propaganda islâmí-



Fig. 284 — Procissão islâmica.

tica, levantando-se ainda hoje, ao lado da igreja dos católicos, a mesquita dos maomentanos (fig. 284).

# PORTUGAL NA ÁS A

## ÍNDIA PORTUGUESA

### O solo

Situação, área, etc. — A Índia portuguesa, situada na



Fig. 285 — Situação da Índia portuguesa, em relação aos continentes.

Ásia, na costa ocidental da Índia ou Indústão, fica encravada na Índia Britânica (fig. 285), compondo-se dos territórios isolados, de *Góá*, *Damão* e *Diu*.



*Gôa*, ao sul, na costa do Malabar, tem uma superfície de 3.806 qm<sup>2</sup>, isto é, aproximadamente, cinco vezes a superfície da ilha de São-Tomé (fig. 286); ao norte de *Gôa*, à entrada do golfo de Cambaia, na costa do Conção, fica *Damão* (384 qm<sup>2</sup>), que se compõe de *Damão propriamente dito*, *Dadrá Pragana* e *Nagar-Avely*, e a ilha de *Angediva*, próxima do porto inglês

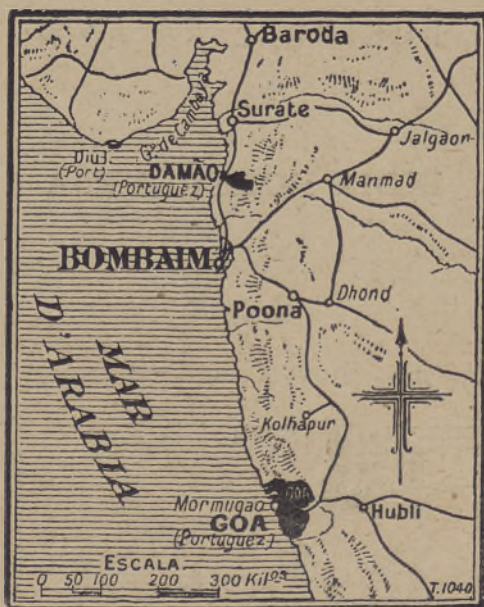


Fig. 286 — Situação do território da Índia portuguesa, no Indústão

de Caruar, sendo *Dadrá Pragana* e *Nagar-Avely* separados por uma faixa de território inglês (fig. 286); e *Diu*, a 205 qm., para oeste de *Damão*, com uma superfície de 52,5 qm<sup>2</sup>, é constituído pela pequena ilha de *Diu*, por uma língua de areia fronteira à ilha — a *praia de Gogolá* —, e pelo pequeno território de *Pani-Cota*, na enseada do *Simbor*, a leste de *Diu* (fig. 286).

**Relêvo.** — O relêvo do solo que constitui a Índia portuguesa está intimamente ligado à estrutura da Índia peninsular — um vasto planalto, formado por terrenos muito an-





oriente da península — os *Gates ocidentais* e *orientais* que apertaram fortemente a região interior, deprimindo-a (fig. 288).

A Índia portuguesa, com excepção de Diu, está situada

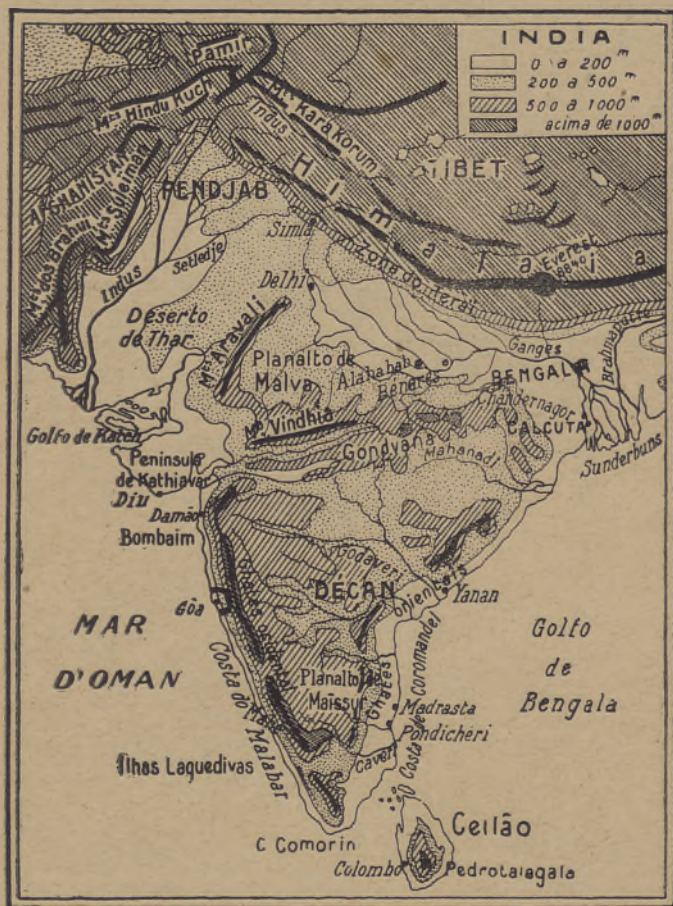


Fig. 288 — Estrutura e relêvo da península do Indostão

sobre os pendores dos *Gates ocidentais* que se apertam estreitamente de encontro ao mar, de maneira que o seu solo é muito elevado, principalmente no interior, junto à fronteira, onde os *Gates* separam Gôa da Índia inglesa (fig. 288).

Os numerosos contrafortes que nascem dos *Gates ocidentais*, dão lugar a que o solo de Gôa seja muito movimentado, sobretudo na montanha de *Sansogor*, entre as aldeias de Codevol e Pendra, no distrito de Satari, onde atinge a altitude de 1.275 m.

Ao sul, em Canácona, o relêvo mantém-se até quasi ao litoral pela aproximação dos Gates que veem até quasi à costa.

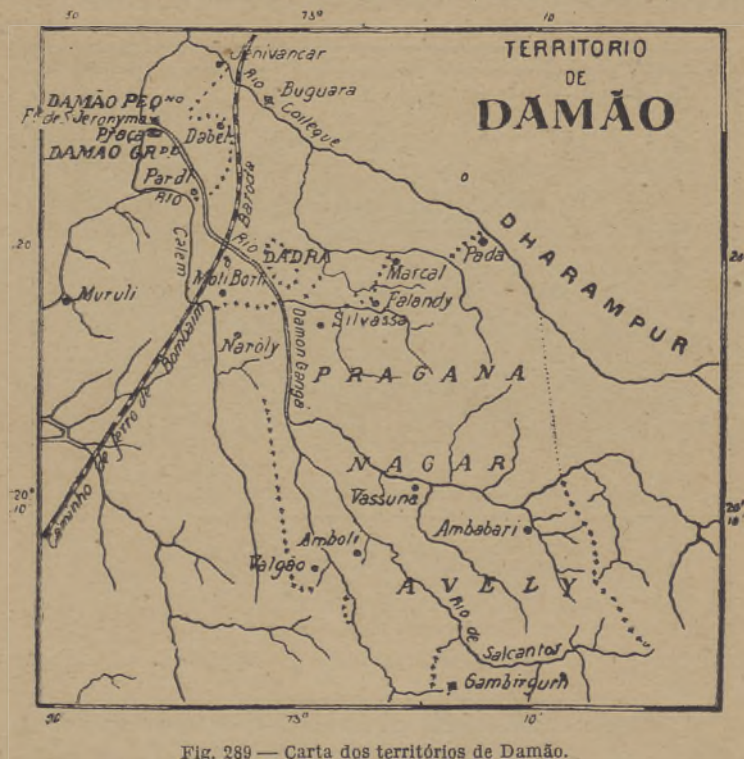


Fig. 289 — Carta dos territórios de Damão.

Em Pernem, ao norte, uma das regiões mais montanhosas, as encostas e os vales apresentam uma paisagem interessante, rica e movimentada, constituída por prados e por bosques de palmares.

*Damão*, junto à costa e afastado do eixo da cadeia dos Gates, apresenta só pequenas ondulações, em geral, de 200 m. em Nagar-Avely. A principal serra, o *monte Gambirgurh* (700 m.), fica já em território inglês, servindo de fronteira (fig. 289).





enquanto corre entre Pondá e Salcete. O Zuari é navegável até Rachol (18 qm.) e desemboca junto do porto de Mormugão.

Os outros rios são (fig. 287): o *Tiracol*, no extremo norte, o *Chapurá* e o *Sal*, paralelo à costa e que, próximo da foz, se flecte para sudoeste.

Em Damão, além dos pequenos cursos de água que lhe servem de fronteira (*Calém*, *Coilêque*, etc.) deve mencionar-se o



Fig. 291 — Pôrto de Mormugão, à entrada do Zuari, sôbre a enseada formada pelo extremo de Salsete. O pôrto é o melhor do Malabar, competindo com Bombaim, visto estar ligado com uma linha férrea que o põe em comunicação com a rede ferroviária inglesa.

*Damongangá* ou *Sandalcaló* que, entrando em Nagar-Avely por *Varauli*, atravessa os três territórios em que se decompõe Damão (fig. 289). O *Damongangá* desagua no gôlfo de Cambaia, onde forma o pôrto de *Damão*, e é navegável até 5,5 qm. da foz.

**Costas.** — Os 102 qm. de costa, banhados pelo Índico, apresentam um aspecto parecido com a costa da Guiné, precedidos por muitas ilhas de aluvião e areias, cortados por inúmeros braços de rios que comunicam entre si. Daí, os seus nu-



merosos mas pequenos portos, porque apenas *Gôa* e *Mormugão* podem ser demandados por grandes embarcações, sendo o último o melhor pôrto da costa do Malabar (fig. 291).

O pôrto de *Gôa*, que tem a largura de 3,5 qm., conserva a sua barra fechada durante o inverno (20 de Maio a fins de Setembro) em consequência da acumulação de areias sôbre o banco da barra. O mesmo não sucede com o de *Mormugão* que hoje oferece abrigo seguro em qualquer época do ano em consequência dos molhes que o protegem contra os ventos do mar.



Fig. 292.— Fortaleza de Aguada, sôbre o estuário do Mandovi.

O pôrto de *Mormugão* é um dos melhores portos do Industão, podendo competir com *Bombaim*. *Tiracol*, *Chaporá* e outros, são abrigos para pequenas embarcações.

No território de *Damão*, a costa ocupa um comprimento de 15 qm., e *Damão*, sôbre o rio *Damongangá*, é um bom pôrto onde podem fundear navios de alto bordo.

As aluviões trazidas sobretudo pelo *Mandovi* e pelo *Zuari*, formam inúmeras ilhas, sendo a principal a de *Tissuari* ou *Gôa* onde estão as cidades de *Nova-Gôa* e *Velha-Gôa*.

*Diu*, na península de *Catiavar*, à entrada do *gôlfo de Cambaia*, é igualmente em parte uma ilha de aluvião, baixa e arenosa, separada do continente por um braço de mar; e ao sul, já defronte da costa inglesa, a ilha de *Angediva* é da mesma natureza.

## Clima

O facto das águas dos rios inundarem as margens, onde formam pântanos, dá lugar não só a que o território de Gôa esteja sujeito à endemia palustre como origina epidemias de cólera que, tendo por fóco o Ganges, irradiam para o Indus-tão, invadindo, por vezes, a nossa Índia onde dizimam as populações das localidades, já de si em condições favoráveis à propagação do mal. Não quere isto dizer que o clima de Gôa seja considerado mortífero, pois está longe disso, existindo nas Novas Conquistas e em Salcete lugares que são conhecidos pela sua salubridade.

O clima da Índia portuguesa é, porém, como o de tôda a Índia, caracterizado pela temperatura elevada, constante e pelas monções.

No litoral, o clima é, em geral, húmido e insalubre; no interior (Salcete) é saudável.

As monções estabelecem duas épocas no ano: a estação sêca ou verão, de outubro a fins de abril, durante a qual sopram de noite e de madrugada terríveis ventos secos e frios (os *terrais*: monção de N E.); e a estação das chuvas ou inverno, de maio a fins de setembro, quente e húmida, chovendo torrencialmente de junho a julho (monção S. W.)

Em Satari, a temperatura chega a atingir 40° à sombra, ao passo que em Gôa a média máxima é de 37° e a mínima 14°.

As trovoadas são mais frequentes e violentas nas proximidades dos Gates do que no sul e a oeste, como acontece em Satari.

O clima de Damão é mais suave, sendo-o ainda mais o de Nagar-Avely.

Em Diu, os habitantes dividem o ano em 3 estações: a do *inverno* (junho a outubro), a do *terral* (novembro a janeiro), e a do *calor* (fevereiro a junho). As chuvas aqui não são grandes, mas as trovoadas são violentas sobretudo nas tardes dos últimos dias de agosto.

## Vida vegetal e animal

A elevada temperatura e a intensa humidade do clima da Índia portuguesa fazem com que a flora tenha uma exube-



rância notável, como a de todo o Industão. O tipo de vegetação é por isso a *floresta tropical* e a *savana*.

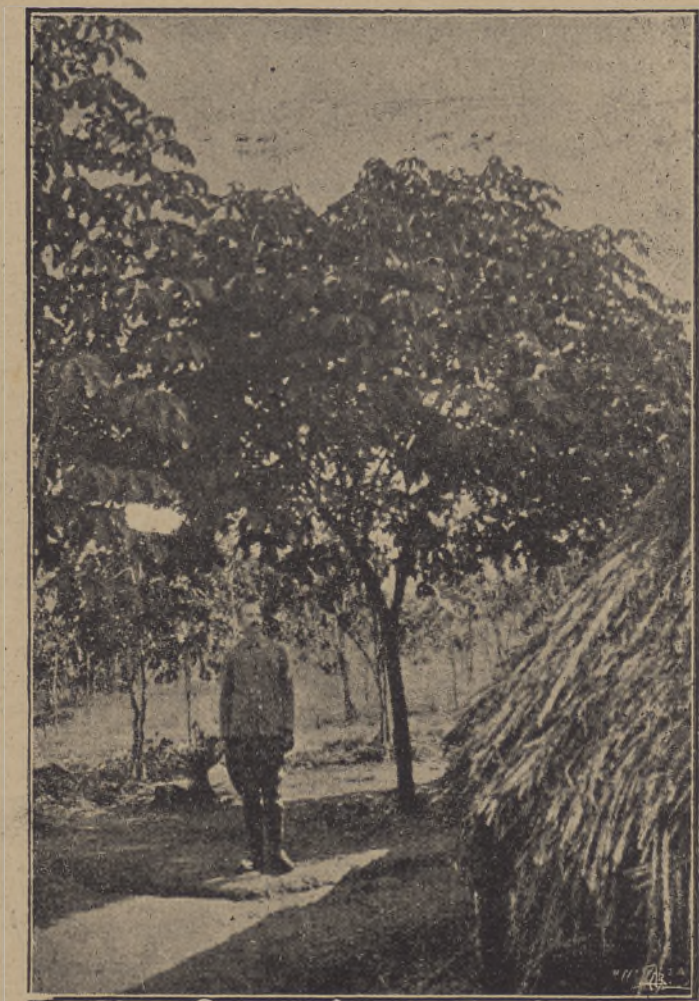


Fig. 293 — Árvore da borracha (*manihot glaziovii*) com 17 meses. Experiência de cultura nos territórios das Novas Conquistas (Sangüem), onde grandes e ricos tratos de terreno se prestam largamente a esta cultura.

As essências florestais da nossa Índia são constituídas :  
pela *téca*, sobretudo em Pragana Nagar-Avely (dois terços do

total das árvores); pelo *sissó*, útil à marcenaria, pela *côr e ramburas*, em Gôa, principalmente em *Embarbacem*; o *nanon*, a *marêta*, o *jambó*, notáveis pela solidez; o *pau ferro* ou *ker*, madeira *inatacável* pelos insectos; a *maura*, sobretudo no Guzarate.

Em Damão, o *sandrá* (*marêta* de Gôa) é, depois da *téca*, a essência mais abundante de Nagar-Avely, empregando-se em vigamentos e soalhos, servindo a *casca* para tingir as rédes de pesca.

Outra essência florestal é constituída pelas *palmeiras*, cujas espécies principais são: o *coqueiro* ou *maddo*, a *arequeira* ou *maddy*, a *palmeira brava* ou *birla-mahar*, a *tamareira*, a *cajuri*, a *tarmaddo*, a *bananeira*, etc.

A *mangueira* é a árvore fructífera por excelência, produzindo também *bôa* madeira de construção.

A *jaqueira* é também uma árvore apreciada pelo fruto e pela qualidade da madeira, reputada a melhor depois da *téca*.

Em Satari e Nagar-Avely existem bastantes exemplares de uma espécie de *árvore de borracha* que em Satari tem o nome de *rumbôr* e em Damão *umbrá*, que além de produzir um latex, contendo *borracha*, produz não só *bôa* madeira de marcenaria, resistente à acção da água, como um fruto análogo aos figos da Europa, os quais constituem o alimento dos necessitados.

Os *bambus* completam a vegetação de carácter florestal indiano.

As culturas tropicais, como o *café*, o *algodão*, o *cacau* e a *cana sacarina* encontram na Índia portuguesa *bôas* condições para o seu desenvolvimento, sobretudo em Satari, onde se teem largamente ensaiado. O *arroz*, o alimento essencial da população, é a cultura mais largamente espalhada, havendo porém largos terrenos incultos e aptos para a sua cultura nas Novas Conquistas e em Nagar-Avely.

O solo de Diu é estéril, mas o de Gongolá fornece-lhe tudo o que necessita.

A vida animal é a da floresta e a da savana: *macacos arborícolas* (*macôres*), *aves*, *cobras venenosas* (cobra capelo ou *panró*, cobra alcatifa ou *aguió*) e *viboras* (a *jussem*); *erbívoros*, como o *búfalo*, o *boi*, o *búfalo manso* (*redós*) e o *búfalo*



*bravo (gavós), o veado (o merum), a camurça; carneiros, como o leão e os tigres (o bibió, o real e o vagantis), etc.*

## Vida humana

A população é composta pelos *arianos*, vulgarmente chamados *indus* (os *braamanes*, os *charadós*, os *vaixás*, os *sudras*, os *párias*, etc.), pelos *mouros*, pelos *parses* (fig. 295) e pelos



Fig. 294 — Bailadeiras, na aldeia de Rivadá. As bailadeiras constituem uma casta especial; antes de dar principio à dança, cantam separadamente e depois em conjunto. A dança reduz-se a algumas contorsões dos dedos das mãos e a um fraco movimento de progressão sobre os calcanhares e ponta dos pés; quando recuam fazem ressoar guizos que trazem nos tornozelos.

*mestiços* que em número importante descendem dos portugueses, que ali se tem fixado.

A população total é aproximadamente de 600.000 habitantes, o que corresponde a uma densidade superior ao dôbro da de Portugal. A densidade em Diu e suas dependências é de 278,3 habitantes por  $qm^2$ ; Gôa, 144 e Damão 108,5.

A crise, devida ao estacionamento económico da Índia portuguesa, leva os seus habitantes a emigrar para tóda a parte,

constituindo na Ásia duas classes que são conhecidas por *indianos de oeste* e *goaneses*. Os primeiros orgulham-se em ter sangue português e encontram-se colocados no comércio, nos



Fig. 295 — *Parses*. O tipo mais puro da chamada raça branca : notável pelas suas qualidades de beleza e inteligência. Possuem grande cultura e cuidam com esmero da educação da mulher. Em tôda a Índia oriental exercem a profissão de banqueiros, tendo assim nas suas mãos grande parte do comércio.

caminhos de ferro e em outras ocupações ; os *goaneses* são considerados de origem puramente indiana e, em geral, desempenham serviços domésticos, principalmente cozinheiros, alfaiates, criados de bordo, etc.

A colónia indo-portuguesa em *Bombaim* está avaliada em



100.000 indivíduos, sendo também notável em *Rangoon*. Sobretudo é nos concelhos de *Bardês* (25,1), *Salsete* (14,9 %) e *Ilhas* (7,5 %), etc., que a emigração se acentua, sendo a percentagem da emigração em todo o distrito de *Gôa* de 106 indivíduos por mil habitantes da população do distrito, o que é um coeficiente extremamente elevado, se nos lembrarmos que o país



Fig. 296 — Ruínas da Vélha-Gôa. Arco dos Vice-reis.

da Europa de maior coeficiente emigratório é a Itália com a média de 20,44 por mil habitantes.

**Centros de população.** — Os principais centros de população são : *Nova-Gôa* ou *Pangin* (24.000 h.), capital, sôbre a margem esquerda do Mandovi (fig. 297); *Mormugão* ou *Vasco da Gama*, magnífico pôrto, testa do caminho de ferro (fig. 291); *Vélha-Gôa*, a antiga capital, hoje quási despovoada pela sua insalubridade, cheia de ruínas a atestar seu glorioso passado (fig. 296); *Margão* (12.000 h.), vila comercial, em Salsete; *Mapuçá* (13.000 h.), ao norte de Nova-Gôa; *Damão*, praça forte, centro da indústria de tecelagem; *Diu*, cidade histórica, notável pela sua fortaleza, à entrada de gôlfo de Cambaia.

*Gôa* perdeu a sua importância comercial depois da concorrência que lhe fizeram os ingleses, e, a-pesar dos esforços de

Portugal, a população, dizimada pelas epidemias e pelos cons-



Fig. 297 — Gôa, ponte de Ribondar.



Fig. 298 — Ruínas de Vélha-Gôa. Um antigo arco que a vegetação va-  
ainda amparando.

tantes ataques de estrangeiros e indígenas, retirou-se para Pan-



gin ou Nova-Gôa, um pouco mais acima do estuário; onde, desde 1759, se fixou a capital da Índia portuguesa. As alte-

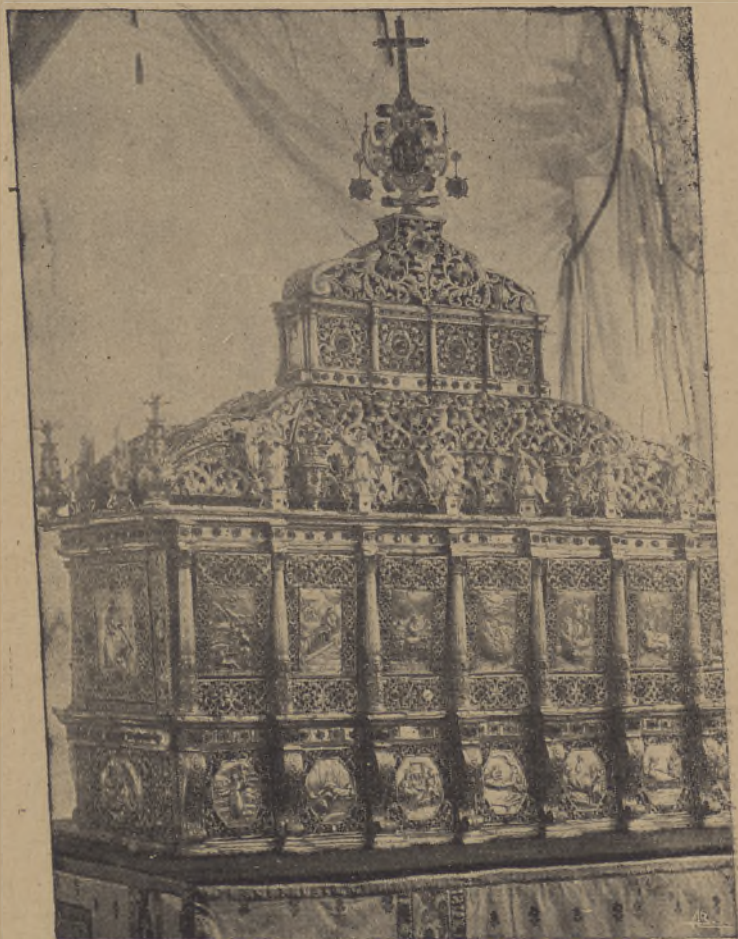


Fig. 299 — Velha-Gôa. Túmulo de São-Francisco Xavier, o apóstolo da Índia, na sumptuosa Igreja do Bom-Jesus. Esta maravilha de ourivesaria e arte é de prata e ouro, medindo 6 m. de altura, 3 de comprido e 2,5 largo.

rações provocadas pelas aluviões do Mandovi tinham contribuído para que a velha e histórica capital cada vez se tornasse mais insalubre, mais difícil e até perigosa a navegação dos seus canais.

Durante mais de século e meio, Gôa foi a «*Roma da Índia*», com os seus 100 templos sumptuosos e architectónicos; hoje é uma cidade de ruínas, apenas um documento histórico.

## Vida económica

A maior parte do fertilíssimo solo da Índia portuguesa encontra-se por cultivar, principalmente nos territórios das Novas-Conquistas, e o que se vai arrancando para a cultura



Fig. 300 — Caminho de ferro de Mormugão, junto ao pôrto.

está longe de entrar numa intensa produção porque os processos agrícolas são ainda primitivos.

A característica da agricultura é a *exploração florestal* (*têca, pau-preto, maretá*), a *cultura do arroz*, do *coqueiro* e, em ensaios, a *cultura da borracha*.

A-pesar do solo da nossa Índia produzir bem o *arroz*, a produção (50.000 T.) não chega para o consumo, pois que o arroz é a base da alimentação indiana. Foi sobretudo a entrada livre do arroz, permitida pelo tratado de 1878 com a Índia Inglesa, que prejudicou a cultura, principalmente em Pragana Nagar-Avely e nas Novas Conquistas, onde se encontram, incultos, terrenos próprios para a sua produção.

O *coqueiro* é uma das árvores de maior rendimento e uti-



lidade, pois fornece aos indígenas o açúcar (*jagra*), o vinho (*urraca*), o vinagre (*sircó*), o óleo, a água, o leite, a madeira e os filamentos.

A *bananeira* é também uma das culturas alimentícias lucrativas, porque, comparada com as outras plantas alimentares, é a que, no mesmo espaço de terreno, produz maior quantidade da substância alimentícia. A *banana* constitui na nossa



Fig. 301 — Caminho de ferro de Mormugão : um viaduto mostrando a aciditação do solo.

Índia um ramo de comércio importante, pelo valor da exportação para a Índia inglesa.

Em Satari estão-se ensaiando plantações para a cultura do algodão, do cacau, do café, da baunilha, do gengibre, etc.

As indústrias são também rudimentares. Noutros tempos, Damão e Diu foram centros importantes da indústria de tecelagem, hoje reduzida ao fabrico de toalhas, panos, cobertas, etc. Os panos pintados de Diu tiveram grande fama.

O desenvolvimento da costa do Malabar matou estas indústrias.

A indústria do sal é importante em todos os territórios da nossa Índia, a avaliar pelo número superior a 2.000 pessoas que se empregam em mais de 500 salinas, produzindo cêrca de 31.000 T. no valor aproximado de 7.000 contos. Grande

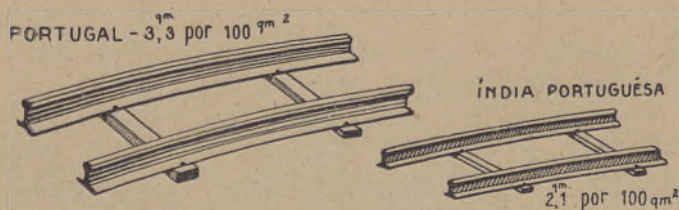


Fig. 302 — Extensão da rêde ferroviária da Índia portuguesa, comparada com a da metrópole.

parte dêste sal é empregado na salga do peixe, sobretudo em Gôa, porque os pescadores de Damão costumam-no salgar no mar.

Em 1906, nos terrenos próximos de Mormugão, descobriu-se *manganês*, estando em elaboração cêrca de vinte minas; o *ferro* é também extraído em vários pontos de Gôa, sobretudo em Bicholim.

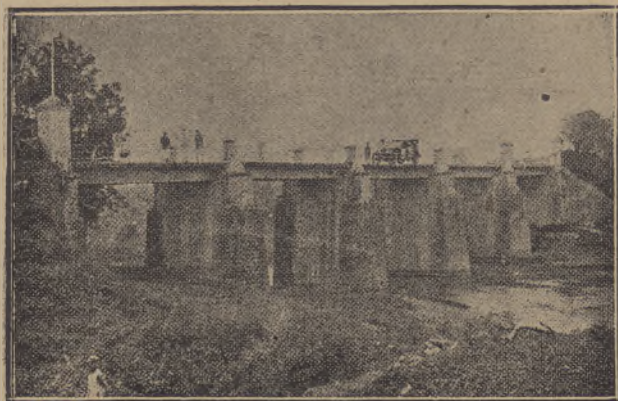


Fig. 303 — Ponte Vasco da Gama, na Praga do Nagar-Avely — Índia.

**Vias de comunicação** — As ligações com a metrópole são feitas quasi tôdas por intermédio da Índia inglesa, pois que



as linhas portuguesas de navegação são ainda deficientíssimas. Pensou-se que a linha férrea de Mormugão (fig. 300) à fronteira inglesa (82 qm.) viesse trazer à nossa Índia uma grande prosperidade, visto Mormugão ser um pôrto magnífico. Não aconteceu porém assim, porque não é fácil poder vencer a concor-



Fig. 304—Caminho de ferro de Mormugão a Bombaim. Bifurcação no alto dos Gates, na Índia inglesa.

rência absorvente de Bombaim, sem a ligação directa dêsse nosso pôrto com a metrópole.

A linha férrea de Mormugão entronca, em «Castle-Rock», no território inglês, com o luxuoso caminho de ferro *Bombaim-Madrasta* da rêde britânica (fig. 304).

**Comércio.** — O movimento comercial da nossa Índia, em 1925, foi de 134.400 contos, sendo 27.300 contos de exportação e 107.100 de importação.

Analizando, nos anos de 1914 a 1925, o movimento comercial desta nossa colônia, reconhece-se facilmente o seu desenvolvimento económico.

O comércio é feito principalmente com a *Índia britânica*,

*Estados-Unidos e Moçambique.* A Guerra trouxe, como consequência, a intensificação do comércio de exportação para a metrópole, comércio que tende a voltar à normalidade.

A exportação consiste principalmente em: *côcos, areca, mangas, sal, copra, peixe, madeiras* (teca, caju, etc.), *frutas* (mangas e areca), *peixe salgado*, etc.; e a importação é constituída por: *géneros alimentícios* (arroz, trigo, etc.), *tecidos, tabaco, óleos, petróleo, açúcar*. Um terço da importação consiste em legumes e cereais, porque o arroz produzido apenas chega para dois terços da população.

O grande excesso da importação sôbre a exportação affectaria gravemente as condições económicas da colónia se não fôsse o dinheiro salvador dos nossos activos emigrantes, principalmente *goanese*s, que enviam para a nossa Índia, aos seus, o produto das suas economias.

O pôrto de maior movimento é o de *Mormugão*, mas a falta de ligação dêste pôrto com a metrópole faz que grande parte do comércio seja feito por Bombaim, a-pesar da inferioridade do pôrto inglês, em condições naturais.

Damão e Diu sustentaram um comércio activo com a costa de Moçambique e com a China, mas desde que o Governo inglês proibiu a saída do ópio para a China, comércio que então se fazia por aqueles portos, e desde que os produtos da Índia britânica invadiram a África, o movimento comercial dêstes dois portos ficou quási aniquilado e, o que lhes resta, é um comércio de navegação costeira, entre Bombaim, Gôa e Cochim.

Com o seu belo pôrto, os seus oito grandes rios navegáveis e as suas frondosas florestas nas Novas Conquistas, a Índia



Fig. 305 — Característica do comércio geral de importação e de exportação em 1923. Observar o excesso de importação sôbre a exportação, o que explica a crise económica porque passa a nossa Índia.

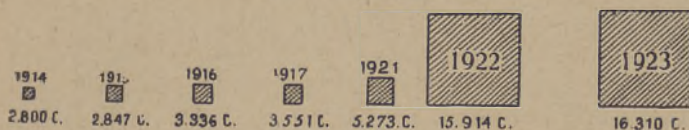


portuguesa é incontestavelmente susceptível de renascer economicamente.

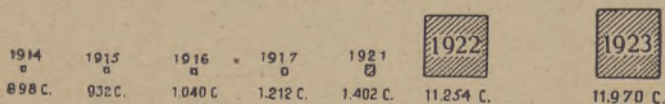
### COMERCIO GERAL



### IMPORTAÇÃO



### EXPORTAÇÃO



g. 306—Comércio geral, importação e exportação, comparados, nos anos de 1914, 1915, 1916, 1917, 1921, 1922 e 1923. Observar o desenvolvimento crescente de cada um destes factores económicos.

## Vida social

**Lingua e religião.** — A parte culta da população fala o *português*, e as classes inferiores o *concanin*.

Os arianos seguem, em geral, a religião *braamânica*; os mouros, a *islâmica*; os parses, em Damão, seguem a religião de *Zoroastro*; e, nas regiões de Salsete, Bardez e ilhas, a religião dominante é a *católica*, tendo o arcebispo de Gôa o privilégio de presidir aos concílios de tôdas as Índias (Padroado do Oriente), que assim alarga a esfera da influência portuguesa a todos os territórios católicos do Oriente. O Padroado do Oriente tem-se mantido, em todos os tempos, como elemento de soberania, instrução e protecção aos muitos portugueses indianos espalhados pelos domínios estrangeiros do Oriente.

## MACÁU

### O solo

Situação, área, etc. — Macau ou, na forma antiga, Amacau (calheta da Mãe), situada na Ásia-oriental, na China (fig.



Fig. 307 — Situação de Macau em relação aos 3 continentes. A nossa colônia está assinalada por um rectângulo a traço negro.

307), compõe-se de uma pequena *península*, na costa sul da ilha Quião-Chão, sobre o delta do Siquião ou rio de Cantão, e das duas ilhas da *Taipa* e *Coloane*, ao sul e a pouca distância da cidade de Macau, pertencendo-nos também os direitos de soberania sobre a parte oriental da ilha da *Lapa*, ilha de *D. João* e da *Montanha* ou *Vong-Can* (fig. 308).





Relêvos e hidrografia. — A península de Macau foi



Fig. 309 — Farol da Guia. O 1.º farol edificado sobre águas chinesas.

primitivamente uma das muitas e pequenas ilhas que se espa-



Fig. 310 — Vila da Taipa.

lham ainda hoje na embocadura do rio, o que é confirmado





Fig. 311 — Pôrto interior de Macau, coalhado de juncos, dando a impressão do seu movimento comercial.

pelo estreito istmo (*Portas do Céreo*), que liga a península à grande ilha, ser constituído por terrenos de aluvião e areia solta.

Os territórios de Macau são, de uma maneira geral, terrenos constituídos pelas aluviões que o Siquião arrasta e deposita em volta de pequenos outeiros graníticos, formando numerosas ilhas e canais.

Por isso o solo de Macau é relativamente plano, pois que o *Monte da Guia* (fig. 309), ao norte, junto à costa, apresenta a maior altitude: 93 metros. Foi em volta destas pequenas elevações graníticas que as aluviões se depositaram e se condensaram formando oito pequenos outeiros isolados.

A rêde hidrográfica de Macau limita-se aos braços do Siquião que separam Macau das ilhas da Lapa, de D. João e da Taipa. A reduzida superfície da nossa colônia não permite uma rêde mais extensa.



Fig. 312 — Outro aspecto do pôrto interior.

**Costas.** — Tanto a península como as ilhas são de difícil acesso porque estão cercadas por aluviões e areias.

A costa leste é muito irregular ; grande número de enseadas, separadas por outras tantas restingas, onde se quebram as águas do mar da China, tornam perigoso o acesso.

Na costa do nordeste abre-se a grande baía de *D. Maria II*, e na costa do sudeste desenvolve-se a *baía da Praia Grande*, separada das enseadas de *Mainato* e do *Bispo* pelas *restingas do Bom Parto*.

Macau possui três portos : a *rada de Macau*, a leste, desabrigada e batida pelos ventos, com seis a sete metros de profundidade ; o *pôrto interior* (fig. 311), a oeste, nas águas do Si-quião, com 600 a 800 metros de largura e 4 a 7 de profundidade

— a-pesar de muito abrigado pela ilha da Lapa, é de difícil acesso em consequência das aluviões e areias que se depositam



Fig. 313 — Embarcações no pôrto interior.



Fig. 314 — Movimento do pôrto de Macau. Barcos de pesca na Praia-Grande.

à entrada ; e o *ancoradouro do sul*, entre a parte meridional da península e a Taipa, — o mais abrigado de todos, mas também de difícil acesso, em consequência dos bancos que lhe açoriam



os canais. No pôrto interior, a meio do canal, na zona onde êste se alarga, existe a ilha Verde, revestida de vegetação e ligada ao istmo por um atêrro, com que se procura aumentar a área da colônia.

## Clima

Macau goza um clima temperado-húmido, e, em geral, sa-



Fig. 315—Gruta de Camões, onde o poeta português escreveu grande parte dos *Lusíadas*.

dio. A proximidade do Pacífico regula-lhe a temperatura, de sorte que não tem temperaturas médias anuais mais baixas que 19° (janeiro) e mais elevadas que 24° (agosto).

As monções, regulando a temperatura, as chuvas e a humidade, estabelecem em Macau *quatro estações bem diferenciadas*: o *inverno*, compreendendo os meses de *dezembro, janeiro, fevereiro e março*, em que sopra a monção de nordeste, sêca e temperada; a *primavera*, correspondenté a *abril e maio*; o *verão*, nos meses de *junho, julho, agosto e setembro*, em que sopra a *monção de sudoeste*, chu-

vosa e húmida; e o *outono*, nos meses de *outubro e novembro*.

Os meses mais húmidos são os de março, abril e maio.

As chuvas são *abundantes* no verão, *repetidas* na primavera e *mais raras* no outono e inverno.

A mudança das monções, principalmente em julho, agosto e setembro, é acompanhada de violentas tempestades sôbre tôda a China, — os *tufões*, que causam, por vezes, em Macau, grandes prejuízos.

As emanções das extensas aluviões, deixadas a desco-



Fig. 316 — Vista geral da cidade de Macau, vendo-se a curva graciosa da Praia Grande. No extremo o Monte da Guia.

berto pelas marés, alteram a salubridade do clima de Macau, que, de uma maneira geral, se pode considerar bom.

### Vida vegetal

Macau, a-pesar-de estar situada na região sinò-japo-

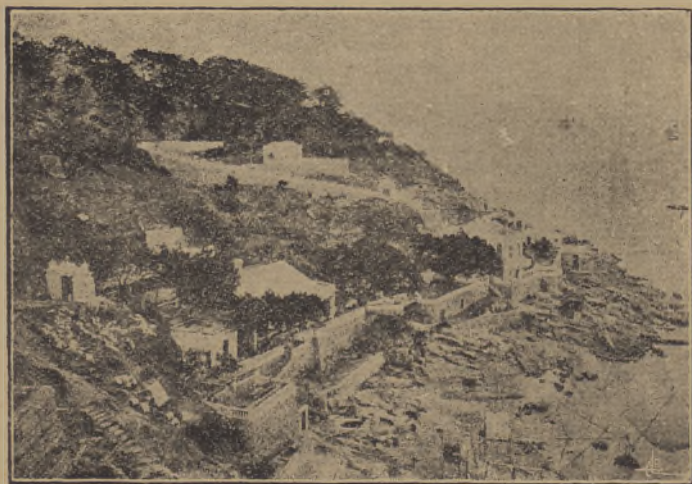


Fig. 317 — Vila Leitão.

nesa, caracterizada pelos bambus, loureiros, figueiras, ar-





Fig. 318 — Cidade de Macau e porto

*rosais, palmeiras, chá, amoreiras*, etc., não possui, no seu solo, senão *culturas horticolas* e umas pequenas várzeas de *arroz* na Taipa e em Coloana.

Dada a pequena área de Macau, a vida animal também não é extensa. Além dos *animais domés-*

Fig. 319 — Guarda-nocturno chinês, encarregado de anunciar as horas com o *lan-tan*

*ticos* comuns e de numerosas *aves*, os mares são povoados por grande número de *peixes* que, como os de tódia a Ásia meridional, são diferentes dos da Europa, lembrando os da América do Norte.

## Vida humana

**População.** — A *população* é composta por três elementos: o *chinês*, o *português* e o *mestiço* ou

*macaense*, resultante do cruzamento das várias raças asiáticas, dominando, pelo número, primeiro os chineses (mais de dois terços da população), depois os macaenses, e por fim os metropolitanos. Os portugueses e os mestiços constituem a parte superior da população. O número total de habitantes é de cerca de 100.000, o que representa uma grande densidade, de acôrdo com a distribuição da população na China, que se



Fig. 320 — Uma rua no bairro chinês.

acumula nesta região, onde forma verdadeiros formigueiros humanos.

O grande desenvolvimento da população, a pequena área de Macau e a concorrência dos portos chineses e inglês trouxeram como conseqüência uma corrente emigratória importante, com destino a vários pontos da China, principalmente Hong-Kong e Changai, que sustentam colónias numerosas de macaenses, empregados dos respectivos governos ou em casas bancárias e comerciais. Em contacto com uma nacionalidade



mais viva e assimiladora, os macaenses começam por esquecer a língua pátria, e, abandonados pelo governo português, perdem tôdas as características da nacionalidade e inglesam-se,



Fig. 324 — Macau. Bairro de São-Lázaro, vendo-se ao fundo uma das pequenas colinas graníticas que acidentam o solo de Macau.

sendo, porém, notados pela sua correção, trabalho e honestidade.

O único centro de população importante é a cidade de Macau, na parte sudoeste da península (fig. 318).

### Vida económica

A agricultura não apresenta um desenvolvimento maior por falta de terreno. As culturas reduzem-se ao *chá*, *arroz*, *ópio* e à *amoreira*.

A *pesca* é, porém, a grande indústria de Macau, pois que na apanha do peixe (800 barcos) e na sua salga ocupa cerca de 20.000 indivíduos, isto é, quasi a quarta parte da população total da colónia.

É a pesca que anima o *comércio do peixe* (5 fábricas de conservas), do *sal*, as *construções navais* (14 estaleiros), a *cordoaria*, etc., abastecendo não só o mercado da cidade, como o de Hong-Kong e outros portos da China.

A indústria de *têcelagem de algodão* tem-se desenvolvido ultimamente em Macau, bem como a dos *cimentos* (ilha Verde)

cuja matéria prima é aproveitada dos lódos do pôrto, ao norte da ilha.



Fig. 322 — Repartição do Correio e o Hotel de Macau.

O fabrico dos fogos de artifício tem também em Macau



Fig. 323 — Rua marginal do comércio

um grande incremento, bem como a preparação ou cosedura do *ópio*, importado *crú*.



O *tabaco* produzido consome-se na colónia e exporta-se para Singapura e Califórnia.

Êste desenvolvimento industrial é bem a prova de que



Fig. 324 — Rua central de Macau.

Macau não é apenas uma terra de jôgo. A população trabalha e produz trabalho útil e valioso como é próprio do carácter do povo chinês.

**Comércio** — Macau é uma *colónia de comércio* ou *feitoria*, isto é, o seu movimento comercial recái sôbre mercadorias que importa para exportar depois, o que torna Macau intermediário entre o comércio da China e o Ocidente.

O comércio desta nossa possessão, outrora brilhante, correspondeu em 1925, aproximadamente, a 495.600 contos.

Duante muito tempo, até à segunda metade do século 19, foi Macau o único pôrto aberto aos estrangeiros, adquirindo então uma grande importância comercial. À medida, porém,

que outros portos se iam abrindo, o seu valor mercantil baixou, principalmente depois da ocupação de Hong-Kong pelos ingleses.

A importação em 1925 foi de 321.100 contos, principalmente arroz, combustíveis, açúcar, azeite e tecidos de seda, etc.; a exportação, no mesmo período, foi no valor de 174.500 con-

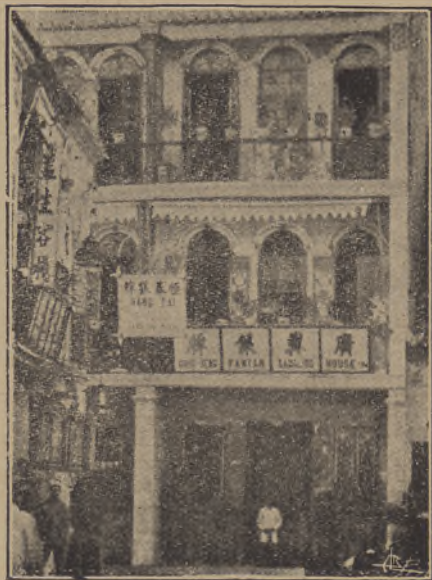


Fig. 325 — Uma casa de fan-tan. O fan-tan é um jogo de azar, parecido com o monte. O chinês é um vicioso e o jogo apaixona-o. Proibido na China, torna-se em Macau um negócio rendoso, visto ali ser permitido, constituindo com outros jogos uma das grandes fontes de receita da colônia. O dia da arrematação do monopólio do «fan-tan» é um acontecimento notável.

tos, constando de peixe (salgado), fios de algodão, ópio, fogos de artifício, chá, conservas, etc.

O comércio, todo nas mãos dos chineses, é quasi unicamente feito com o estrangeiro, por intermédio de Hong-Kong e de Cantão. Os portos de proveniência são Hong-Kong, Cantão, Rio de Oeste, etc.

Para se dar idéa do movimento de passageiros nesta colônia, basta citar que, em 1921, entraram e saíram mais de 2 milhões de indivíduos.



A situação económica de Macau é desafogada, vivendo, em parte, também das receitas do ópio e do imposto sôbre o jôgo — o *fan-tan*. Macau é a Mônaco do Oriente, uma estância de prazer para os ingleses de Hong-Kong.

O movimento comercial e a situação económica terão tudo a lucrar quando o pôrto fôr convenientemente desaçoreado e quando se concluírem as obras que facilitem o abrigo e o movimento marítimo intenso. O caminho de ferro de Cantão



Fla. 326 — Características do comércio geral, importação e exportação. A importância do comércio de Macau é uma consequência do valor elevado da *pataca*.

e a delimitação definitiva dos nossos territórios, são facto-

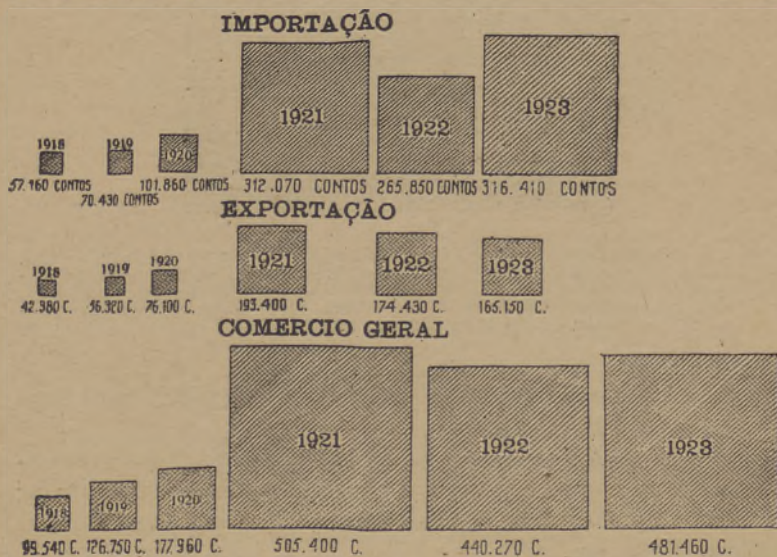


Fig. 327 — Comércio geral, importação e exportação, de 1918 a 1923

res, que conjugados com as obras do pôrto, contribuirão

certamente para a prosperidade e futuro da nossa colónia asiática.



Fig. 328 — Palácio do Governador. As cadeirinhas de gala.

Vias de comunicação. — O movimento activo da costa



Fig. 329 — *Jinriksha*. Carro ligeiro, arrastado por um chinês, usado para transporte em muitas cidades asiáticas. O europeu, pouco acostumado a este espectáculo, experimenta repugnância em servir-se de um seu semelhante como de um cavalo; os naturais, porém, utilizam-no sem escrúpulos e até chitoteiam o condutor se não anda apressadamente.

meridional da China faz com que Macau esteja, por meio de



inúmeros juncos, em intensa ligação com os centros de população da China, em volta de Cantão, e, por meio de carreiras de pequenos vapores, com o grande centro inglês do comércio da Ásia, Hong-Kong, fronteiro à colónia portuguesa.

Macau não está ligado à metrópole por carreiras regulares de navios.

Em projecto, existe o plano de ligar, por um caminho de ferro, Macau a Cantão, afim de facilitar e abreviar as comuni-



Fig. 330 — As célebres Portas do Cerco, que separam Macau do território chinês.

cações entre estes dois importantes centros de população e de comércio.

## Vida social

A *língua chinesa*, ou *mandarina* é, em geral, a falada, sendo o português só usado pelas camadas superiores da população.

O *creoulo* é um dialecto resultante da mistura das duas línguas.

A *religião católica* é unicamente seguida pelo elemento português e pelo mestiço; os chineses são, em geral, *budistas* (fig. 332).

Macau e a Índia são as duas nossas colónias onde o ensino tem um maior desenvolvimento. De facto, Macau, além do



Fig. 331 — Aspecto da Praia Grande em Macau, vendo-se ao fundo o edifício de Liceu.

liceu, possui 125 escolas, officia's e particulares, o que dá a



Fig. 332 — Pagode da Barra. Templo budista.

média de 29 escolas por  $\text{qm}^2$ , densidade que não se encontra em nenhum território do mundo.



# PORTUGAL NA INSULÍNDA

## TIMOR

### O solo

Situação, área, etc. — Timor está situado nas pequenas ilhas de Sonda, (fig. 333) na Insulíndia, compondo-se: (fig. 334).

1.º — Da parte oriental da ilha de Timor ;



Fig. 333 — Situação de Timor em relação a Portugal e ao resto do mundo. Um quadrado a traço cheio assinala a posição de Timor na Insulíndia.

2.º — Dos *estados de Ocussi-Ambeno*, encravados no território holandês, na costa norte da Ilha ;



Fig. 334 — Carta da ilha de Timor. Observar a situação, na ilha, do território português, e comparar a sua área com a do holandês.



3.º — De *Pulo-Cambing*, um ilhéu, pouco ao norte (1), e *Pulo-Jaco*.

A ilha de Timor está dividida entre portugueses, a leste, e holandeses, a oeste, sendo a superfície do nosso território quasi 19.000 qm<sup>2</sup> — dez vezes mais que o de São-Tomé e Príncipe — e maior que a parte holandesa.

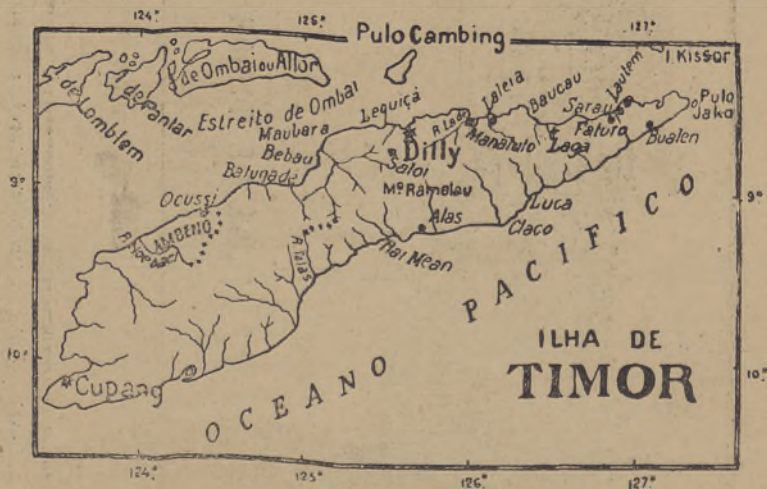


Fig. 335 — Carta da ilha de Timor

**Relevos.** — O solo de Timor é vulcânico, como o da Insulíndia. Não se confirma, porém, a existência de vulcões em actividade, na ilha de Timor, nem em Turiscain, nem em Bibiluto, pois que se trata apenas de uma série de vulcões de lama. As erupções periódicas que ali se registam são talvez devidas à decomposição gasosa do petróleo ou à presença do hidrogénio fosforado, e não à actividade vulcânica. O pretendido vulcão de *Turiscain* ou *Laclubar* é um jazigo de petróleo, cujos vapores se inflamam em contacto com o ar.

As elevações do solo de Timor fazem parte da, hoje submergida, *cordilheira de leste*, que liga as Molucas e Filipinas às ilhas de Liu-chú e do Japão.

O relêvo do solo timorense não faz por isso parte do *arco malaio*, que, a sul e a oeste, constituem os relevos da Insulíndia.

(1) *Pulo*, em malaio, significa ilha.

Timor é atravessado, de nordeste para sudoeste, por uma extensa cadeia de montanhas que acompanham de perto o bórdo meridional, tornando-se porém a ilha mais acidentada junto da fronteira onde se levantam os picos *Ramelau*



Fig. 336 — Pico Ussilau — Termas de Marôbo. Habitações construídas com bambus espalmados.

(2.950 m.), o *Mancôli* (2.300 m.) e o *Ablai* (2.346 m.) [fig. 335].

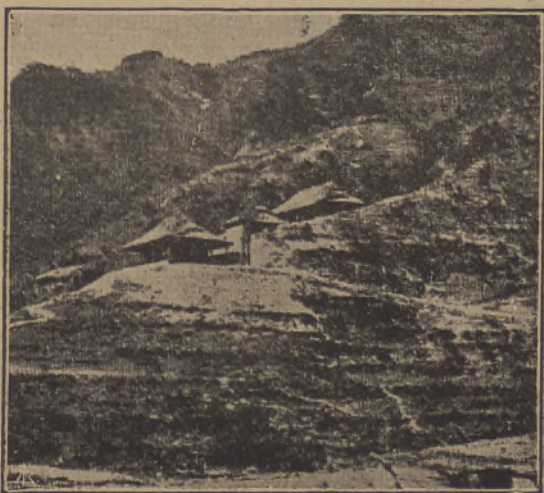


Fig. 337 — Montanha de Marôbo, perto da nascente das águas sulfurosas.

É esta série de cumes que constitue a linha divisória de águas entre a costa norte e sul de Timor.



A vertente septentrional é mais suave, estendendo-se até ao mar por numerosos planaltos e planícies (fig. 337).

Para oeste, a linha de cumiada atinge, quasi na fronteira, picos dominantes como o *Leo-Hitos* (1.925 m.) e *Lacos* (1.916 m.); a sudoeste destas elevações, levanta-se uma serra de que fazem parte os picos *Tarôman* (1.744 m.) e *Sábi* (1.662 m.).

Ao norte, perpendicularmente à linha principal das cumiadas, estende-se uma serra em que se erguem os cumes de *Fatu-Lulique* (1.235 m.) e *Railaco* (1.916 m.).



Fig. 338 — Farol de Dili no litoral norte de Timor, assinalando a entrada do porto.

**Hidrografia.** — Os rios não podem ter grande desenvolvimento e não são navegáveis. São porém numerosos e de regime tropical, sujeitos, na época das chuvas, a cheias, que alagam as regiões baixas do litoral. Os indígenas designam os ribeiros com o nome de *mota*.

À vertente septentrional, mais larga, vão-se lançar os rios (fig. 334): *Lois*, o mais extenso; o *Comoro*, a oeste de Dili; e os *Lacenta* e *Dilôr*, na vertente meridional, a que maior número de torrentes apresenta.

**Costa.** — O litoral norte é mais recortado que o do sul, tornando-se, porém, difícil o acesso em consequência dos bancos coralíferos que cercam a ilha: *Dili*, o porto principal da costa septentrional, é abrigado por uns recifes coralíferos, que deixam duas entradas para o ancoradouro: a de oeste, a mais freqüentada, é marcada por um farol (fig. 338). Além deste porto, existem ainda outros de menos importância: o de *Lipau*, em Ocussi, onde esteve até ao fim do século 19.º a capital, e os de *Laga* e *Lucas* na costa sul.

O melhor pôrto da ilha está porém em território holandês, no extremo sudoeste, na *baía de Cupão*.

## Clima

Situada na região equatorial, o clima de Timor é equatorial, quente e chuvoso, modificado em alguns pontos pela altitude e pela proximidade da Austrália. Nalguns pontos altos, o clima aproxima-se do temperado.

A reputação má do clima de Timor é uma consequência

da situação de Dili, em terreno baixo, cortado por ribeiros que inundam as margens, e que tornam pantanosa e doentia a região. Em *Lahane*, na encosta, a pouca distância de Dili, o clima é já próprio para a residência do europeu.



Fig. 339 — Efeito de um tufão : um *figus* gigantesco arrancado e arremessado de encontro às habitações. Na época de mudança da *monção* os tufões são violentos e perigosos como acontece em toda a região ocidental do Pacífico.

Timor possui três variedades de climas — o do *litoral-septentrional*, quente, húmido e em geral insalubre; o da *zona central*, clima de altitude, com diferenças atenuadas de temperatura, sadio, próprio para a colonização, e o do *litoral-sul*, sujeito aos ventos secos, australianos, e portanto com diferenças profundas de temperatura.

As *monções* regulam a distribuição das estações : uma, *mais quente e húmida*, de novembro a maio, correspondente à monção do noroeste, acompanhada com trovoadas, ventanias e chuvas; e outra *mais fresca e sêca*, nos meses restantes, correspondente à monção de sudeste.



## Vida vegetal e animal

As duas vertentes de Timor tem também vida vegetal e animal distintas : no litoral septentrional, a vegetação, mar-



Fig. 340 — Barique. Vegetação intensa e rica, cercando em matas espessas, a residência de um missionário.

cando a passagem para a floresta equatorial, é constituída por *matas espessas* (fig. 340), muitas ainda virgens, sendo as principais essências florestais, o *sândalo*, a *cânfora*, a *caneleira*, a *aragueira*, o *pau-rosa*, o *tamarindo*, a *teca*, o *éban*, as *palmeiras*, os *bambus*, o *cauchu* (fig. 341), etc.; no litoral sul, mais sêco, e com exposição australiana, a floresta apresenta-se com árvores australianas, como o *eucalipto* (*palavão*), e, nos leitos dos rios e ribeiras, as *cazuarinas*.

Nas regiões planas e inundadas, não cobertas pelas matas,

cresce o *tabaco*, o *café*, a *cana do açúcar*, o *algodão*, o *milho*, o *arroz*, o *chá*, etc. O *café*, de óptima qualidade, é cultivado so-



Fig. 341 — Árvore de borracha (*ficus elastica*) com as suas numerosas raízes aéreas. Ao lado, uma árvore análoga derrubada por um tufão.

brevedade no reino de Motahel e nos territórios entre as ribeiras de Comoro e Lois.

A vida animal, ao sul, verdadeiramente australiana, é caracterizada pelo aparecimento dos *marsupiais* (Kanguru), por numerosos e grandes rebanhos de *carneiros* e pelas *aves*, como



Fig. 342 — Paisagem de Bancau. Uma avenida de mimosas.

a *Scythrops Novae Hollandia* que anuncia a chuva e o nevoeiro repentinos; na *savana* dos planaltos encontram-se *búfalos*, *bois*, *cavalos*, *veados* e *porcos*. Existem também algumas serpentes venenosas, e os mares, que cercam Timor, estão infestados de *crocodilos*. O cavalo de Timor ou *Kudo*, pequeno como os *ponês* ingleses, é muito procurado nos Estreitos e costa da China, pelas suas qualidades de resistência.

### Vida humana

**População.** — A população de Timor é composta por quatro elementos: o *malaio*, na vertente norte; *papua*, na vertente mais sêca e australiana; o *chinês* e o *branco* em número muito reduzido.

Os timorenses são agricultores, fixando-se por isso ao solo



de maneira a constituírem aldeias e estados ; não são *caçadores* nem *pastores*.

A população da parte portuguesa da ilha é de cêrca de



Fig. 343 — Uma povoação no interior

A religião dos povos indígenas é o feiticismo, havendo também alguns católicos.

### Vida económica

Não obstante possuir um solo tam fértil como o de São-Tomé e Príncipe, a agricultura timorense encontra-se atrasadíssima,

pois que os indígenas, a-pesar-de se dedicarem à agricultura, nem sequer conhecem o emprêgo da charrua.

Contudo, os cafezeiros teem uma produção excepcional mesmo sem tratamento, acontecendo outro tanto ao coqueiro, ao tabaco, ao cacau, ao cauchu, ao chá, etc.



Fig. 344 — Bobonaro, em cuja área militar se encontram as águas sulfurosas de Marôbo.

meio milhão, sendo os seus principais centros: *Dili* (fig. 345), cidade, capital da provincia, na costa ; *Manatuto*, vila, numa baía a leste de *Dili* ; *Ocussi*, no território de *Ocussi-Ambeno* ; *Toro*, na ilha de *Cambing*, etc.

O milho e o arroz teem boas colheitas e a videira chega a dar três e quatro produções no anno.

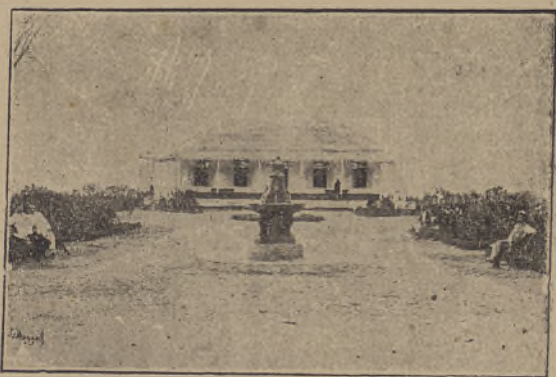


Fig. 345 — Biblioteca e Museu Vasco da Gama em Dili.

A produção agrícola é porém pequena, chegando contudo para o consumo.



Fig. 346 — Palácio do Governo. Dili.

Dos ramos da indústria, a *pecuária* é a única que se encontra desenvolvida, a-pesar do solo ser rico em *ferro* (montanha *Baidahala*, no reino de *Laleia*), *cobre*, na ribeira de *Bibiçusso*,



perto de Seleurata, *ouro*, em *Turiscain*, *Tutuluro* e *Orlaquiri*,



Fig. 347 — A bandeira e a caixa de um régulo

*estanho*, etc., e haver tanto *petróleo* (*Lacubar*, *Pualaca* e



Fig. 348 — Timor. O vapor Dili, atracado na ponte,

*Vessoro*) que chega a brotar espontâneamente do solo, servindo-se os indígenas dêle quâsi sem purificação.

As indústrias locais reduzem-se ao fabrico dos *sarões* (panos de algodão), *esteiras*, *sal*, *açúcar*, *aguardente*, etc.



Fig. 349 — Comércio geral, importação e exportação em 1922.

**Vias de comunicação.** — Os rios são, em geral, inavegáveis e as comunicações com o interior são difíceis e morosas.

Timor não está ligado à metrópole por carreiras directas, sendo servida unicamente por carreiras de vapores australianos para Hong-Kong, e holandeses para as ilhas de Sonda.

**Comércio.** — Com uma agricultura e uma indústria rudi-



Fig. 350 — Comércio geral em 1914, 1915, 1916, e 1923, mostrando o desenvolvimento progressivo do comércio de Timor nesses doze anos.

mentar, o comércio de Timor é também de pequena impor-



tância, fazendo-se quasi todo por Dili, com as colónias holandesas da Insulíndia, sobretudo com Macassar, nas Celebes.

Em 1925 o movimento comercial foi de 31.800 contos, sendo 14.600 contos de importação e 17.200 contos de exportação.

As exportações constam de café, sândalo, copra, cera, lã, tabaco, gado, peles, etc.; e as importações consistem em tecidos, chá, bebidas alcoólicas, etc., para consumo.

Timor, pela sua constituição geológica, pela sua situação geográfica, pelo seu clima e pela sua vegetação, apresenta condições magníficas, e o seu aproveitamento como uma colónia tropical de plantação é tam importante como São-Tomé e Príncipe, pois que as condições são análogas.

No dia em que as linhas de navegação estreitarem mais os laços que a unem à mãe-pátria, Timor será certamente uma colónia muito próspera e das mais ricas de Portugal.

# BRASIL

---

## CAPÍTULO I

### O solo

**Situação, limites, superfície.** — O Brasil, um dos maiores estados do mundo, está situado na América do Sul, na parte central e oriental dêste continente.

Os seus limites são : ao norte as *Guianas* e a *Venezuela* ; ao sul, o *Uruguai*; a ocidente, a *Argentina*, o *Paraguai*, a *Bolívia*, o *Perú*, o *Equador* e a *Colômbia*; e a oriente, o *Atlântico*.

A superfície do Brasil, aproximadamente igual a três quartos da Europa, é maior que a da Austrália, pois cobre quasi metade da América do Sul.

**Relêvo.** — O solo brasileiro é constituído por um planalto primitivo que a depressão do Amazonas separou em duas partes desiguais : o maciço das Guianas, ao norte, e o maciço do Brasil, ao sul (fig. 351).

1.º O *maciço do Brasil*. — Êste maciço é uma das massas continentais mais antigas do globo, não possuindo, por êste motivo, grandes relevos. Simplesmente, as sedimentações, que depois o cobriram, foram mais tarde atacadas pela erosão, que formou planícies elevadas — as *chapadas* e os *sertões* — e declives aprumados — as *serras*.

O planalto brasileiro, de uma maneira geral, vai-se elevando progressivamente desde o interior até à costa sôbre que cái bruscamente, constituindo um rebôrdo escarpado.





*Serra de São-Jerónimo*, ao norte do Paraguai, a continuar a separação das duas bacias hidrográficas; e *Serra das Divisões*, ao norte do Paraná.

A região de nordeste, constituída pela ponta do continente, é uma plataforma de grés, reduzida a ruínas pela erosão secular das águas. As *Serras do Piauí*, dos *Irmãos*, da *Gurgueia* e *Mangabeira* são pequenas escarpas desta região (fig. 351).

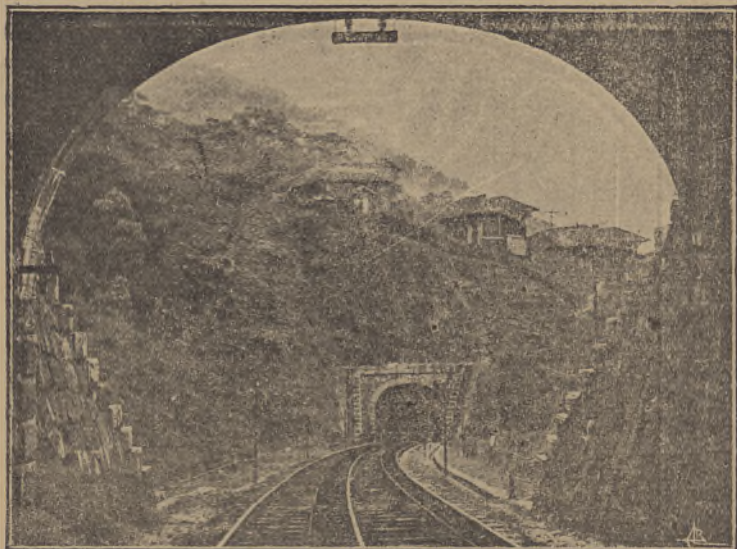


Fig. 352 — Serra do Mar. Caminho de ferro transpondo a Serra.

A parte interna é mais acidentada: *Serra Borberema* (fig. 351) em que a erosão, motivada pelas chuvas e pela secura, tem modelado formas fantásticas, tórres, muralhas, etc.

A região das *Minas Gerais* é o centro donde irradiam as águas para as vertentes do Amazonas, do Paraná e do São-Francisco. Inclina-se suavemente para oeste, de passo que para leste cai sobre o Atlântico por três degraus sucessivos (fig. 351): o 1.º, entre os rios Tocantins e São-Francisco, constituído pelas *Serras de Tabatinga*, do *Paraná* e dos *Pirineus* (1.678 m.); o 2.º, ao centro, formado pelas *Serras de Tiuba* e do *Espinhaço*, que atinge 1.955 m. de altitude em *Caraca* e



1.822 m. no *Itombé*, perto de Diamantina; e o 3.º, a leste, composto pelas *Serras de Aimorés* e do *Mar* (fig. 352).

A *Serra das Vertentes*, entroncando com a do *Espinhaço*, fecha ao sul a região das Minas Gerais (fig. 351).

Finalmente, na região ao sul das Minas Gerais, a fossa profunda do *Paraíba*, separa a *Serra Mantiqueira* (fig. 351), onde se eleva o mais alto cume do Brasil, o *Itatiaia* ou *Agulhas Negras* — 2.712 m., cume granítico dominando um planalto de 500 m. — e a *Serra do Mar*, paralela à costa, com formas den-



Fig. 353 — Serra dos Órgãos, a nordeste do Rio de Janeiro, na Serra do Mar

teadas e agudas, lembrando, a nordeste do Rio de Janeiro, tubos de órgãos, o que lhe fez tomar o nome de *Serra dos Órgãos* (2.232 m.) [fig. 353].

As elevações que formam a *Serra do Mar* prolongam-se sempre acompanhando a costa, de maneira a constituir a *Serra Paranaipiacaba* e a *Serra Geral* (fig. 351).

2.º *Macizo das Guianas*. — O Brasil possui unicamente o pendor meridional do macizo das Guianas. Da mesma natureza que o macizo do Brasil, a estrutura é comum visto somente a depressão do Amazonas os ter separado: a erosão reduziu o solo primitivo a um peneplano, coberto depois por sedimentos que foram, mais tarde, modelados em planaltos — *chapadas*

e serras: *Serras de Parima* e do *Paracaima*, cujas altitudes não vão a mais de 1.000 metros (fig. 351).

3.º *Depressão do Amazonas*. — A região do Amazonas, uma vasta depressão, quási igual a metade da Europa, é fechada a oeste pelos Andes, ao norte e sul pelos maciços das Guianas e do Brasil, abrindo-se em funil sôbre o Atlântico,



Fig. 354 — Monte de Gávea.

comunicando livremente com os *lanos* do Orenôco, a noroeste, e com as planícies do *Chaco* e do *Paraguai*, a sudoeste.

**Hidrografia.** — O Brasil possui metade das duas maiores rêdes hidrográficas da América do Sul: o *médio* e *baixo Amazonas* e a bacia superior do *Rio da Prata*. A leste, o *Rio São-Francisco* é o maior dos rios pròpriamente brasileiros.

O *Amazonas* é o rio de maior volume de águas do mundo, de regime equatorial, constante, o tipo do verdadeiro rio de planície. Nasce a 4.000 metros de altitude. Desce, porém, rapidamente de maneira que, em Óbidos, a 700 qm. distante do mar, tem a penas 35 metros de altitude. Corre por isso lentamente, em g grandes curvas, através da planura, coberta de sel-



vas imensas e tam horizontal que, se o mar subisse 100 metros acima do nível, tôda ela desapareceria.

A extensão do Amazonas é tal que muda três vezes de nome: *Maranhão* no Perú; *Solimões* de Tabatinga até perto de Manaus; e finalmente *Amazonas*.

A largura, profundidade e volume das suas águas correspondem à sua extensão: ao entrar no Brasil, em Tabatinga, tem já mais de 2.500 m. de largo; na confluência com o Madeira, 5 qm.; em Santarém, a 500 qm. do mar, atinge 15 qm.



Fig. 355 — *Igarapé* (pequenos ribeiros) da Cachoeirinha, perto de Manaus. As águas ficam retidas, deixando a descoberto o lodo das margens.

de largura, e no estuário tem de largo cêrca de 50 qm., perdendo-se a vista sôbre as suas águas como em pleno alto mar, a que os brasileiros chamam o « *Mediterrâneo americano* ».

As margens são planas, lodosas, cobertas de vegetação, monótonas (fig. 355), formando inumeráveis lagos, ilhotas e braços laterais (várzeas), que se enchem e se esgotam sucessivamente, fornecendo pastos e desempenhando o papel de reguladores das cheias que, por isso, em geral são lentas e progressivas. Quando, depois, as águas descem, a floresta submersa reaparece: as terras das margens abatem e as árvores são arrastadas pelas correntes até se conseguirem fixar no fundo,

permitindo a retenção das aluviões e a formação de ilhas alongadas que uma corrente mais violenta facilmente desloca.



Fig. 356 — Margem direita do Amazonas. Rio Purus, afluente do Amazonas.  
Floresta densa de Cecrópia.

O Amazonas lança o seu colossal volume de águas no Atlântico, por meio de um largo estuário, massa de águas tam grande



Fig. 357 — Grande cachoeira. Rio Negro, afluente na margem esquerda do Amazonas, perto de Manaus. O rio cai de um rebôrd de grês vermelho com 3 m. de altura.

que impede o efeito da maré. Do choque das águas do rio e do Oceano resulta um estrondo que se ouve a 8 e 10 quilômetros de distância. A ilha do Marajó separa hoje o Amazonas



do rio *Tocantins* ou *Pará*; noutras épocas, porém, confundiam-se, antes de entrarem no Oceano.

Dezoito grandes afluentes — maiores que os maiores rios da Europa — lhe trazem as suas águas sôbre os degraus dos planaltos, através da floresta que inundam.

Na margem esquerda, os afluentes são menos vastos por correrem em terrenos menos largos: o *Ica*, o *Japurá* e o *Negro* (fig. 357) — com cheias de março a julho; na margem direita: o *Purus* (fig. 356), o *Madeira*, com êste nome por causa da grande quantidade de árvores que transporta, o *Tapajoz*, o *Xingu*, o *Araguaia-Tocantins*, — com cheias de outubro a março.



Fig. 358 — Rio Paraná. Grande catarata

Os rios de leste correm na face externa do planalto brasileiro, e, com excepção do *São-Francisco*, teem um regime irregular, atingindo a planície do litoral por quedas e rápidos: o *Parnaíba*, ao norte, entre as serras de Piauí e do Paraná, de-

saguando por um delta; o *São-Francisco*, originário das Seras das Vertentes, tam grande como o Volga, entre as serras dos Pirineus, Paraná e Piauí, dum lado, o Espinhaço e Tiúba, do outro, recurvando-se para leste e caíndo, na planície costeira, por uma catarata de 80 metros de altura, — a *catarata de Paulo Afonso*; o *Paraíba*, num vale profundo, entre as Seras da Mantiqueira e do Mar, desaguando por um delta pantanoso (fig. 351).

O *Rio da Prata* é formado pelo *Paraguai*, pelo *Paraná* e pelo *Uruguai*, que nascem no Brasil e dreinam a vertente sudoeste do maciço. O Brasil possui unicamente a bacia superior destes rios.

O *Paraguai*, ou *rio dos papagaios*, entrelaça os seus afluentes com os do Amazonas, e é notável pela sua navegabilidade, a quatro mil qm. do mar, no coração do Brasil.

O *Paraná*, mais longo e com um volume de águas muito maior, é, ainda no Brasil, um rio de planalto, com cataratas e quedas de água que o tornam inavegável (fig. 351).

O *Uruguai*, análogo ao *Paraná* superior, nasce na Serra do Mar, desce os degraus dos Campos, e curva-se a sudoeste separando o Brasil da Argentina.



Fig. 359 — Catarata de Iguazú, afluente do *Paraná*, que tem quasi todo o seu curso no Brasil. A catarata encontra-se, porém, na Argentina, pouco antes da confluência com o *Paraná*. A queda é de 60 m. e a extensão é de 300 m., sendo o seu aspecto imprevisto.

**Costas.** — Das *Guianas* ao delta do *Parnaíba*, o litoral é a linha de contacto da depressão amazónica com o Oceano, resultante do abaixamento do solo e da invasão das terras pelo mar. A costa é por isso baixa e pantanosa, violentamente sujeita, hoje ainda, à erosão marítima que lhe deforma as ilhas (*Maracá*, *Marajó* e *São-Luis*), as baías (*Santa Rosa*, *São-Marcos*), os estuários (do Amazonas, do Rio do Pará, do Maranhão), os lagos, etc.; os produtos da desagregação, misturados com as aluviões do Amazonas, são transportados para noroeste pela corrente equatorial.

Para lá do *Parnaíba*, o mar não realiza já a mesma obra de destruição. O planalto ou maciço brasileiro avança em cunha para o Oceano, e o litoral é plano, cheio de restingas e dunas de areia. O cabo *São-Roque* é uma duna de 60 metros de altura, estendida para a África. Daqui até ao *São-Francisco*, um longo recife de grés, de que Pernambuco tomou o nome — *Recife*, como também é conhecida — permite, de quando em quando, o abrigo aos navegantes. Para o sul do rio *São-Francisco*, um cabo de constituição rochosa, abriga um magnífico golfo — a baía de *Todos-os-Santos*, na qual se levanta a cidade da Baía.



As ilhas de *Itacolomi* e *Abrolhos* são formações coralíferas sôbre a costa.

Para lá do *Cabo-Frio* até Santos, o litoral é alto, escarpado, granítico, apresentando o aspecto da costa da *Damácia*, com promontórios agudos e ilhas a atestarem o afundimento que cortou o antigo maciço brasileiro do africano.

A magnífica *baía do Rio de Janeiro* abre-se entre duas



Fig. 360 — Pão de Açúcar, à entrada do pórtio do Rio de Janeiro. Botafogo, visto de Corcovado. ■ \_

pontas graníticas, e o *Pão de Açúcar* — um bloco, nú, de 387 metros — marca a entrada da barria (fig. 360).

Ao *sul de Santos*, a costa flete-se para o sul, recurvando-se, e uma planície, marítima e arenosa, aperta-se entre o Oceano e as elevações da *Seria do Mar*, formando gólfos pouco profundos e cordões de areia que abrigam lagunas salgadas — *lagôa dos Patos* e *lagôa Mirim*.

As ilhas *Grande*, *São-Sebastião* e *Santa Catarina*, acompanham a pouca distância a costa.

## CAPÍTULO II

## O clima

A grande extensão do território brasileiro e a sua distribuição pelas regiões das zonas tórridas e temperadas, permitem estabelecer três grandes zonas climáticas: 1.º — a zona *tórrida ou equatorial*; 2.º — a zona *sub-tropical ou quente*; 3.º — a zona *temperada*.

A 1.ª zona vai do Equador ao paralelo de 12º, compreendendo os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e parte de Goiás, de Mato-Grosso e da Baía. A temperatura média desta zona é de 26 a 28º.

A 2.ª zona vai do paralelo 12º até ao trópico de Capricórnio, compreendendo os Estados de Sergipe, Baía, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e quasi todo o Mato Grosso.

A temperatura média é de 23 a 26º, oscilando entre 18 e 21, nas regiões elevadas.

A 3.ª zona começa no trópico de Capricórnio, compreendendo a parte sul do Estado de São-Paulo, os Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A temperatura média varia entre 16 e 19º.

Contudo, a altitude e a exposição fazem que dentro destas zonas gerais se encontrem diversidades de climas que se podem sintetizar nos climas: *amazónico, do planalto brasileiro, das planícies atlânticas e das regiões do sul*.

O clima da *planície equatorial do Amazonas* é caracterizado por temperaturas elevadas e constantes durante todo o ano, por chuvas anuais abundantes e por grande humidade.

O clima dos *planaltos* ou do *maciço do Brasil* tem amplitudes térmicas sensíveis, distinguindo-se nelle duas zonas, delimitadas pelo paralelo de 12º: a do norte, próximo do equador, mais quente e com duas estações pluviométricas; e a do sul, próximo dos trópicos, com uma só estação quente e chuvosa — novembro a abril — e uma só estação fria, seca, acompanhada de fenómenos frequentes de glaciação.

O clima da *costa atlântica* é tropical, húmido e com fracas amplitudes térmicas, sendo a época das chuvas o verão e o outono; a estação seca vai de setembro a dezembro.



O *clima do sul* é já temperado, marcando a transição para o extremo sul do continente e para o interior. As chuvas perdem também o carácter tropical à medida que se caminha para as regiões meridionais porque a época em que dominam deixa de ser o verão para ser o outono e o inverno, como nos climas temperados.

Nos planaltos do interior, o carácter continental dá-lhe um *clima excessivo*, com grandes variações de temperatura entre a estação quente e fria, entre o dia e a noite.

### CAPÍTULO III

## Vida vegetal

O Brasil divide-se em três grandes regiões vegetais : a da floresta amazónica, a das savanas, e a da vegetação subtropical.

A floresta amazónica cobre tóda a depressão do Amazo-



Fig. 361 — Vegetação aquática no Amazonas. *Victoria regis*, folhas de enorme diâmetro.

nas, constituindo as *selvas* ou floresta virgem, que se estendem desde os Andes até ao Oceano, desde o alto Orenoco até à nascente do Madeira, alargando-se ainda ao longo do Tapajoz e do Araguaia-Tocantins.

Em nenhuma parte do mundo, a não ser na Insulíndia, a floresta equatorial é tam vasta e tam compacta.

A floresta amazónica apresenta dois aspectos : a floresta

imersa — o *igapó* (fig. 362) — e a verdadeira floresta — o *guaçu* — ao abrigo das inundações.



Fig. 362 — Floresta virgem do Amazonas. O *igapó*, constituído por árvores de troncos moles e esponjosos, em consequência de estarem impregnadas de água.



A primeira é constituída por árvores de talhe médio, com troncos moles e esponjosos, fôlhas longas e escuras, sem flores, nem plantas trepadoras.

No interior, a selva virgem, o *guaçu*, atinge todo o esplendor. As árvores elevam-se até 60 e 70 metros (*palmeiras, queijoeiro, acaju, castanheiro do Brasil, cauchu* ou *árvore da borracha*); debaixo de uma abóbada de folhagem, distribui-se uma



Fig. 363 — Araucárias, no Brasil meridional, permitindo o desenvolvimento de vegetação erbácea a cobrir o solo.

vegetação inextricável, que durante o dia impede a luz do sol, Caminha-se difficilmente entre raízes, fôlhas decompostas, *fetos, orquídeas, cipós*, que sufocam o caminhante, prisioneiro da selva. Passam-se dias sem se ver o céu, sempre n ergulhado em trevas, até que se chega às margens dum rio, cuja largura impede que os ramos das árvores se unam. Então, como por encanto, todo o silêncio e tranqüillidade se quebram, e, brusca-mente, com os raios do sol, tudo se anima, tudo canta e se agita. É a parte povoada da *selva*.

A *floresta tropical*, menos rica, acompanha o São-Francisco, o Paraguai e o Paraná, cobrindo ainda o litoral desde

o São-Francisco até Santos. Os *fetos arbóreos* e os *bambús* dão-lhe uma fisionomia diferente da equatorial.

A *região das savanas* corresponde aos planaltos do centro e do nordeste, submetidos a uma longa secura.

A savana toma no Brasil os nomes de *caatingas*, *sertões* e *campos*: a *caatinga* é caracterizada pela *árvore-garrafa*, com 12 metros de altura e tronco em forma de garrafa; pelas *palmeiras-de-vinho* e da *cera* que dão aos habitantes alimento, bebida, luz, vestuário e habitação; pelas *mimosas* a formar galerias ao longo do rio; pelos *cátos*, *gomas preciosas*, etc. Os *sertões* são verdadeiros desertos, em que as acácias e as plantas espinhosas lembram o *scrub* ou o *bush* australiano. Os *campos* são caracterizados não só por *ervas vivazes*, que rejuvenescem instantâneamente depois das chuvas, como por árvores anãs que, intermeadas com os *campos*, formam pequenos bosques — o verdadeiro tipo da savana.

É a nordeste do planalto ou maciço brasileiro que o tipo da savana — *campos* — é mais perfeito. A *ipecacuanha* é característica no Mato-Grosso.

No sul, na região temperada, misturam-se florestas de folhas caducas, litorais ou fluviais, e savanas, marcando a transição para a vegetação dos climas temperados. Os dois tipos principais são, no interior, o *mate* e a *araucária do Brasil* que forma florestas análogas às do Paraguai e do Uruguai (fig. 363).

## CAPÍTULO IV

### Vida animal

Os dois tipos de vegetação brasileira — floresta e savana — correspondem a duas espécies de agrupamentos animais: o da *floresta* e o da *savana*.

Na *selva*, a vida animal, de uma exuberância análoga à vegetação, desenvolve-se sobre as árvores ou nas águas, — os únicos meios em que os animais livremente se podem deslocar, — sendo caracterizada: 1.º por *trepadores arborícolas*: *macacos* de cauda apreensora, *papa-formigas*, *jaguares*, semelhantes a tigres com cauda de leopardos, *pumas*, espécie de leões, etc.; 2.º por *espécies aquáticas*, o *caimão* — um crocodilo



perigosíssimo, de 5 metros de comprimento —, o *golfinho*, a *tartaruga* e mais de 2.000 espécies de *peixes*, de formas estranhas e côres brilhantes, entre os quais o *pirarucu*, um peixe vermelho de que se alimentam os indígenas; 3.º por *grandes reptis*: a *gibóia*, de 6 metros de comprimento; 4.º por inúmeros *insectos e aves* canoras, de côres brilhantes e plumagens ricas. Entre os insectos, mais de 700 espécies de *borboletas*, de beleza encantadora; *escaravelhos* enormes; *mosquitos*, formando nuvens perigosas, e *formigas*, abundantísimas e devoradoras; e, entre as aves, o *colibri*, tam brilhante pelas suas côres que o chamam « flor-voadora »; o *papagaio*, o *periquito*, a *arara*, a *catatúa*, o *trupial* com um canto mais forte e melodioso que o do roussinol; o *tucano*, com um bico enorme; bandos de aves aquáticas como a *íbis*, o *grou*, a *cegonha*, o *pato*, o *ganço*, etc.

A *savana*, com espaços mais livres e descobertos, é o domínio de animais: *corredores*, como a *avestruz*; *carnívoros*, como o *lôbo*, o *chacal*, a *raposa* e a *mufeta*; *roedores*, como a *lebre*, o *rato do Brasil* e o *capivar*; *ruminantes*, como o *veado* e o *boi*; *desdentados*, como o *tatú*, etc.

Além das formigas, que constroem formigueiros altos, lembrando, de longe, habitações humanas, encontram-se também na savana muitas espécies da floresta.

## CAPÍTULO V

### Vida humana

**População.** — O Brasil possui uma fraca população em relação à sua superfície.

A estrutura do solo explica porém os seus 30 milhões de habitantes e a fraca densidade de mais de 3,6 habitantes por  $\text{qm}^2$  (1920).

As regiões onde a densidade é maior são as da costa oriental (Rio de Janeiro, 21; Alagoas, 17; São-Paulo, Pernambuco, 16), ao passo que, no interior, é quasi nula (Amazonas, 0,2; Mato-Grosso, 0,2).

A população brasileira compõe-se de *índios*, *pretos*, *brancos* e *mestiços*.

O fundo primitivo é constituído pelos índios, que formam dois grupos : 1.º os *caribes*, vigorosos, baixos, de pele clara e cabelos lisos, habitando sobre o Xingu, o Guapuré, o Tocantins, nas Guianas e no Orenóco ; e os *arovaques*, baixos, com olhos oblíquos e muito atrasados em civilização, vivendo sobre o rio Negro, na margem esquerda do Solimões, alto Xingu — os *tupis* ; 2.º os *guaranis*, mais incultos que os do 1.º grupo, habitando o Aimorás das Minas Gerais, o médio Tocantins, os sertões, o Maranhão, o Rio Grande do Sul, etc.

Em geral, estes índios estão muitíssimo atrasados em civilização, pois que só sabem fazer os utensílios indispensáveis de pedra ou madeira.

Os *pretos*, introduzidos no Brasil como escravos, para os trabalhos agrícolas, vivem hoje libertos, sobre toda a costa tropical, quente, nos estados de leste.

Os *brancos* dominam no sul, onde o clima é mais benigno, e são constituídos principalmente por imigrantes portugueses, italianos, alemães e espanhóis, visto que o Brasil é um foco de chamada da emigração dos diferentes países europeus.

O número de *emigrantes portugueses* que constituem a nossa actual colónia é de 2 milhões de indivíduos. No Brasil há núcleos importantes de colónias portuguesas, ricas, trabalhadoras, faltando-lhes, porém, a cultura que possuem as colónias italianas e alemãs, que por isso lhes fazem uma vantajosa concorrência nos trabalhos industriais e comerciais.

As tradições históricas, a comunidade de raça e de língua, e, principalmente, o trabalho, são as causas que favorecem, até certo ponto, o elemento português.

Nos estados do norte a percentagem de estrangeiros é menor que nos do sul, onde os italianos se concentram nos estados de São-Paulo e os alemães no Rio Grande e Santa Catarina.

Os *mestiços* são a mistura dos três componentes da população brasileira : o índio, o preto e o branco, constituindo o elemento mais numeroso. Assim os habitantes do Ceará tem a tenacidade dos índios, a infantilidade dos pretos e a inteligência dos brancos.

**Centros de população.** — Nos dois estados em que a Amazônia se divide (Amazonas e Pará), a população concentra-se nas margens dos rios : *Manaus* e *Pará*. *Manaus* (80.000



h.), sôbre o rio Negro, próximo da confluência com o Amazonas, deve a sua importância a ser o centro das grandes vias de navegação (Solimões-Amazonas, Rio Negro, Rio Purus e Rio Madeira), centro comercial e base de abastecimento dos comerciantes do interior, cidade ligada à Europa por linhas directas de grandes paquetes ; *Pará* ou *Belém* (231.402 h.), a cidade do estuário, a maior praça comercial e o maior centro de população do norte do país, defronte da ilha de Marajó ; *Tabatinga*, um pequeno pôrto alfandegário na fronteira ; *Labrea*, no cen-



Fig. 364 — São-Paulo. Largo da Sé

tro da região do cauchu ; *Óbidos*, na margem esquerda do Amazonas, e *Santarém* na confluência do rio Tapajoz, são pequenos centros de população, no meio de uma vasta área sem habitantes.

As regiões do centro, Mato-Grosso e Goiaz, teem poucos habitantes : *Vila Bela* ou *Mato-Grosso*, que foi outrora uma cidade importante, é hoje, depois do abandonô das minas, uma pequena vila com 1.000 habitantes ; *Cuiabá* (35.000 h.), capital do Estado do Mato-Grosso, centro de criação de gado ; *Goiaz* (22.000 h.), no centro do Brasil, sôbre o rio Vermelho, comunicando difficilmente com a costa.

A nordeste, tôdas as cidades se distribuem sôbre o Oceano ;

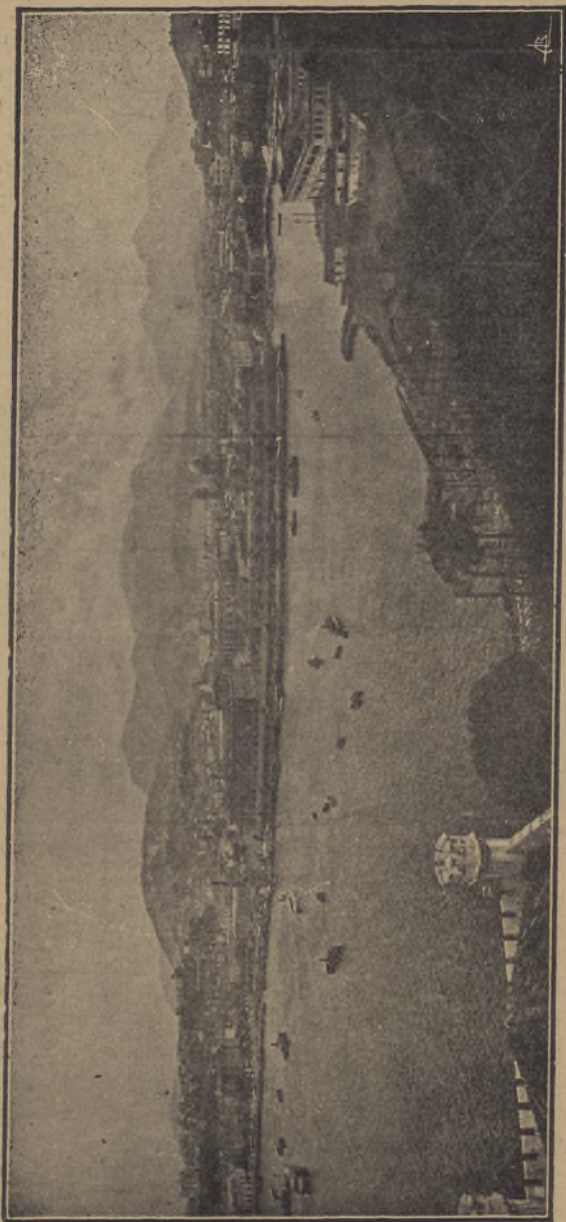


Fig. 365 — Panorama da cidade do Rio de Janeiro, uma das mais formosas capitais do mundo.



*Pernambuco* ou *Recife* (238.803 h.), a cidade histórica, centro de atracção dos navios vindos da América do Norte, da Europa e da África — é a grande cidade brasileira, em população, comércio e riqueza; *Maceió* (275.000 h.), capital do Estado de Alagoás, mais ao sul, no meio de coqueiros e palmeiras, tendo por pôrto *Jaguará*; *Alagoás*, antiga capital do Estado; *Paraíba* (55.000 h.), mais ao nordeste, sôbre a enseada do *Vaza-douro*, bom pôrto com comércio importante; *Pombal*, uma das mais antigas cidades; *Ceará* ou *Fortaleza* (80.000 h.), capital do

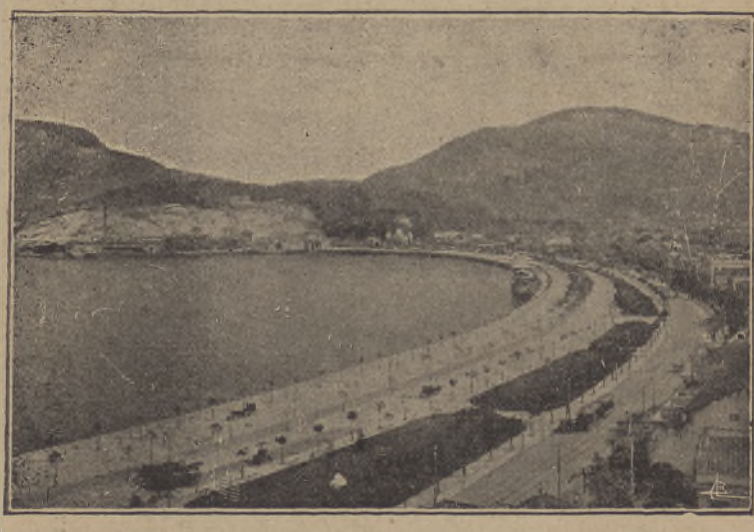


Fig. 366 — Rio de Janeiro. Avenida Beira-Mar.

Estado de Ceará, com um comércio activo a-pesar do seu mau pôrto, belas avenidas e monumentos artísticos; *São-Luís do Maranhão* (50.000 h.), banhada pelas águas da baía de São-Marcos, cidade muito comercial.

Na região de leste: *Baía* ou *São-Salvador* (283.422 h.), a mais antiga cidade do Brasil, fundada, no século XVI, sôbre o promontório que protege, a leste, a baía de Todos-os-Santos, foi durante muito tempo a primeira cidade, quando monopolizava o comércio dos pretos; *Rio de Janeiro* (1.157.599 h.), capital federal; na margem ocidental da grande baía de Guanabara, cidade moderna, magnificamente situada (fig. 365, 366

407); *Niterói* (83.238 h.), capital do estado de Rio de Janeiro; *Petrópolis* (50.000 h.), sobre a Serra dos Órgãos, cidade notável pelo seu clima, e antiga residência do Imperador (fig. 366); *São Paulo* (579.033 h.), no interior, 2.<sup>a</sup> cidade do Brasil, no centro da região do café, uma cidade moderna, povoada por brancos,

principalmente italianos, tendo por pôrto *Santos* (80.000 h.), por onde se exporta o café (fig. 364).

O estado de Minas Gerais conta várias cidades mineiras, tôdas porém pouco populosas: *Ouro-Preto* (12.000 h.), com minerais que gozaram de grande reputação, tendo, como ruas, antigas trincheiras de exploração; *Belo-Horizonte* (60.000 h.), cidade recente, capital do estado de Minas Gerais, na vertente sul da Serra do Belo Horizonte; *Juiz de Fôra* (118.466 h.), uma das cidades mais industriais; *Diamantina* (14.000 h.), centro de indústria de couros, outrora ocupada na extracção de diamantes que se esgotaram; *Campinas* (115.602 h.).



Fig. 367 — Baía do Rio de Janeiro e arredores

Os *Estados do sul* são os pontos de atracção da colonização estrangeira. O clima atrai os portugueses, os alemães, os italianos e os polacos. As colónias alemãs de *Blumenau* (72.212 h.) e *Joinville* (42.485 h.) são mais populosas que a capital do Estado de Santa Catarina, *Florianopolis* (42.000 h.). As vilas agrícolas alinham-se nos vales orientados ao Atlântico, e os centros de criação de gados concentram-se nos campos orientados para o Paraná e Uruguai: *Curitiba* (82.000 h.), capital de estado do Paraná, a 900 metros de altitude, no meio de florestas



de araucárias, tendo por pôrto *Paranáqua*; no Estado de



Fig. 368 — Rio de Janeiro. Avenida Central.

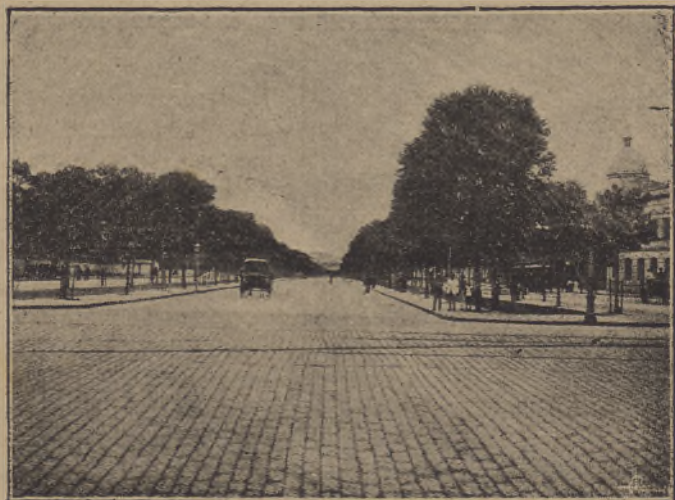


Fig. 369 — Rio de Janeiro. Avenida Tiradentes.

Santa Catarina, o pôrto de *São-Francisco* fica fronteiro a *Join-*



Fig. 370 — Rio de Janeiro. Campo de São-Cristóvão.



Fig. 371 — Praça de Capocabana (Leme).

*ville*, francês apenas de nome, porque a sua população é ale-



mã e polaca; *Florianopolis* (42.000 h.), capital do Estado de Santa Catarina, bom pôrto, na ilha do mesmo nome; *Pôrto Alegre* (179.262 h.), capital do Estado do Rio Grande do Sul, centro onde se reünem os produtos agrícolas dos vários vales que ali vão abrir; *Pelotas* (30.000 h.), no extremo sul, de fisionomia argentina, centro fabril de carnes sêcas, que o pôrto do *Rio Grande* exporta, a-pesar das areias que lhe asso-riam a barra.

## CAPÍTULO VI

### Vida económica

**Agricultura.** — Noutros tempos, os recursos do Brasil provinham da extracção dos minérios, hoje a agricultura é a

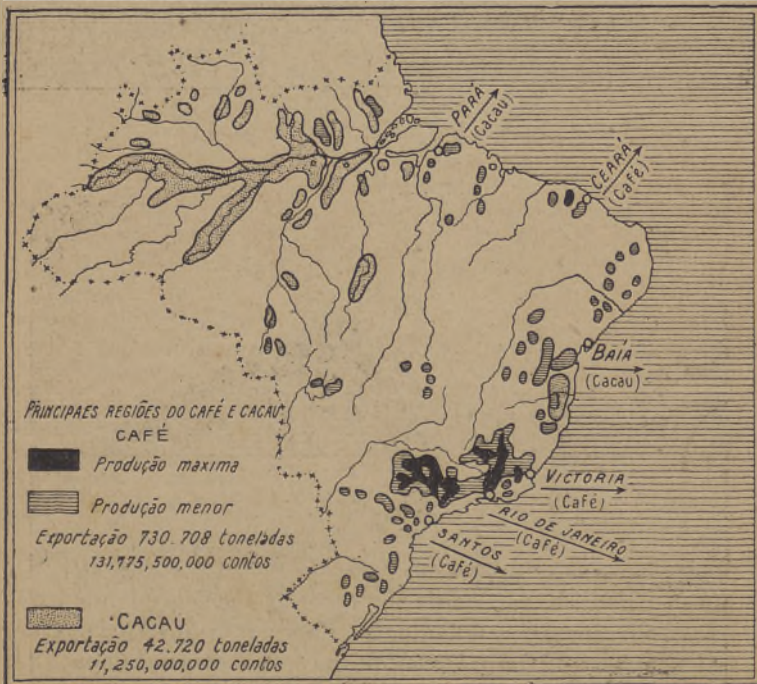


Fig. 372 — Distribuição das regiões produtoras do café e do cacau.

principal fonte de receita. Foi o país do ouro e dos diamantes — hoje é o país do café, do cauchu e do mate.

Nenhum país do mundo possui tanto *café*, correspondendo a sua produção a um quarto da mundial. As principais plantações são as de : *Maranhão, Ceará, Baía, Minas Gerais, Espírito-Santo, Rio* e, principalmente, no oeste do *Estado de São-Paulo* cuja colheita é superior à do resto do Brasil (fig. 372).

A *cana do açúcar* cultiva-se em duas grandes regiões : ao nordeste, nos Estados do *Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe,*

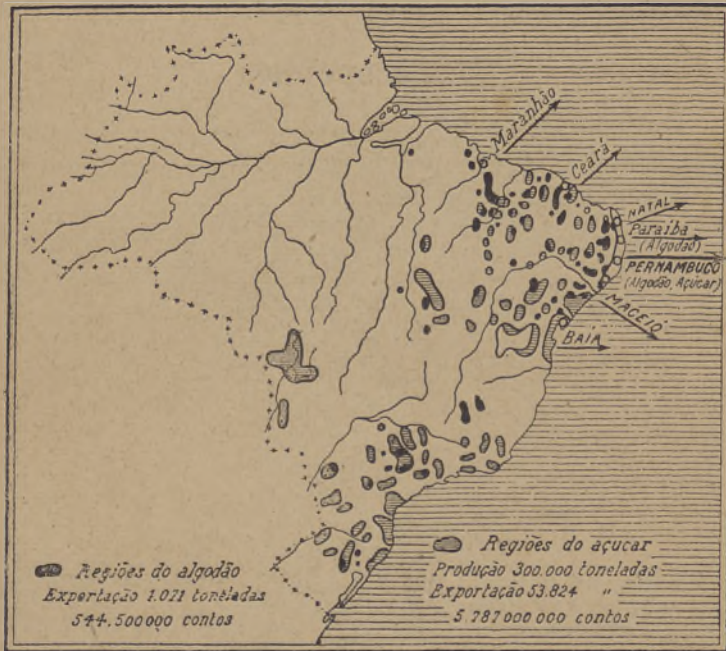


Fig. 373 — Distribuição das regiões produtoras do algodão e do açúcar.

*Pernambuco*, com centros em *Ceará, Piauí* e *Maranhão*—; e ao sul, no *Estado de São-Paulo* (fig. 373). O *algodão*, em que é o 5.º produtor mundial, desenvolve-se mais para o interior nos mesmos Estados (fig. 373). O *cacau*, de que o Brasil ocupa o terceiro lugar na produção, depois da República do Equador e São-Tomé, encontra-se na *Amazônia*, no *Maranhão*, no *Ceará* e, sobretudo, ao sul da *Baía* (fig. 372); o *tabaco* é cultivado na *Baía, Minas Gerais, Goiás, São-Paulo* e *Pará* (fig. 374).



As culturas alimentares ocupam uma superfície pequena, de sorte que é necessário ir buscá-las ao estrangeiro; a *mandioca*, de cujas raízes se fabrica uma farinha (tapioca), que, com o feijão, constitui a base de alimentação dos brasileiros, é uma planta largamente espalhada, dominando tanto na Amazônia como nos Estados temperados do sul.

O trigo, o centeio e a cevada cultivam-se intensivamente

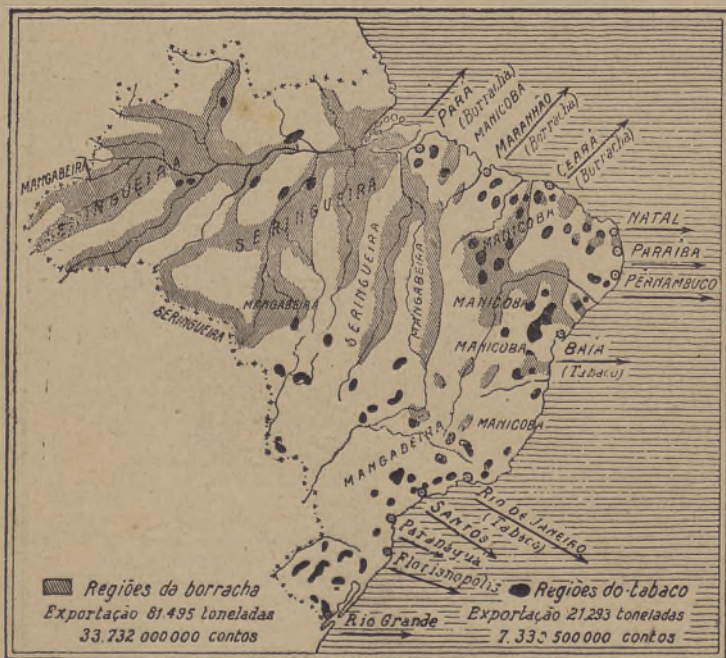


Fig. 374 — Distribuição das regiões produtoras do cauchu (borracha) e do tabaco.

nos Estados do sul. O milho cresce nas terras elevadas, e as favas e os feijões desempenham um papel importante na alimentação. As bananas, que crescem em tôdas as regiões húmidas, são exploradas essencialmente em volta de Florianópolis.

A árvore da borracha — o cauchu — absorve quasi tôda a actividade florestal; a aplicação crescente e o desenvolvimento da indústria dos automóveis, provocou uma verdadeira febre de extracção na Amazônia. Os Estados que mais produzem





A criação do gado, pouco desenvolvida, atingiu grande prosperidade durante a guerra, permitindo uma larga exportação de carnes congeladas (mais de 62.000 toneladas em 1922). Praticase nos « campos » da Amazónia, em volta de Manaus e Óbidos, no Mato-Grosso e em Goiaz, e prospera nos Estados do nordeste a-pesar da secura, e, sobretudo, no sul. O Rio Grande do Sul é o principal centro criador, com grandes matadouros e fábricas para secar e salgar a carne. O leite é pouco utilizado, a-pesar do Brasil ter de comprar manteigas e queijos; e os produtos animais, como peles, ossos, crinas e chifres são aproveitados pelos Estados-Unidos e pela Europa.

**Indústria.** — As minas foram, noutras épocas, a grande riqueza do Brasil que sustentou as magnificências e os desbaratos da côrte auriflamante de D. João V, de Portugal. Depois da descoberta dos jazigos de diamantes e de ouro na África do Sul, a extracção dos diamantes (Diamantina) e a do ouro (Ouro-preto) no Brasil, paralizou, para só hoje renascer na Chapada, no Morro Vêlho e Passagem.

Contudo, o solo brasileiro é ainda o que fornece ao comércio mundial a maior quantidade de pedras preciosas, principalmente esmeraldas, topázios, ametistas, rubis, ágata, etc.

A lavra dos minérios tem tomado um incremento notável nos últimos anos.

O ferro e a hulha — o primeiro, magnífico, em São-Paulo e no planalto central das Minas Gerais, e o segundo em Santa Catarina, Rio Grande e Paraná — teem uma extracção progressiva (fig. 375).

A pequena extracção da hulha e do ferro, explica o pouco desenvolvimento da indústria, susceptível de tomar maior incremento, pois que a estrutura do sub-solo permite prever a grande abundância dêstes minérios que não teem sido convenientemente explorados. Itabira, Juiz de Fôra e Ribeirão Preto são hoje centros metalúrgicos importantes.

As indústrias trabalham ainda hoje, por isso, essencialmente em produtos agrícolas: os Estados do nordeste fiam e teem o algodão que produzem (fig. 375); os estados do sul praticam, principalmente, a criação de gados e possuem fábricas para conservação de carnes e de cortumes. Contudo, a indústria

do Brasil é tributária do estrangeiro pelo grande número de objectos manufacturados que importa : vestuário, calçado, móveis, vidraria, objectos de luxo, etc.

**Vias de comunicação e transportes.** — O Brasil dispõe de mais de 50.000 qm. de *vias navegáveis*, constituídas pelo Amazonas e seus afluentes, pelo São-Francisco, o Paraná e o Paraguai. O Amazonas e o São-Francisco fornecem duas vias admiráveis.



Fig. 376 — Caminho de ferro da Gruta Funda (São-Paulo).

Os *caminhos de ferro*, no começo, unicamente de interesse local, tem hoje já um grande desenvolvimento — mais de 30.000 qm. (1922) — isto é, 10 qm. por 10.000 h. No norte, Pernambuco é um centro de vias férreas importantes, comunicando com Maceió, Paraíba e Natal ; as linhas Piranhas-Jatobá, tornejando as cataratas de Paulo Afonso, e as da Baía e Joazeiro, sobre o médio São-Francisco, estão ainda isoladas ; Rio e São-Paulo são os dois centros ferroviários mais importantes (fig. 376) : do Rio, para leste, a Campos ; para o norte, através de Minas Gerais ; para oeste, de São-Paulo para Santos e para a linha do Paraná (Curitiba e Paranaguá) ; a linha do



*Rio Grande do Sul*, de *Pôrto-Alegre* para o *Uruguai*, bifurcando-se para *Pelotas*, está também isolada.

O mar é uma grande via internacional : mais de 20 linhas



Fig. 377 — Caminho de ferro do Corcovado.

de navegação unem o Brasil à América do Norte, à Europa e às repúblicas do Rio do Prata e do Chilé.

**Comércio.** — O comércio externo é importante, pois que em 1923, correspondia aproximadamente, na nossa moeda, a 15 milhões de contos, sendo o comércio de exportação avaliado em cerca de 9 milhões de contos, e o de importação em 6 milhões de contos.

A exportação consiste em café, mais de um têrço da exportação geral, açúcar, algodão, cacau, borracha, carnes congeladas, tabaco, frutas, manganés, pedras preciosas, etc., sendo os principais clientes : os Estados- Unidos, a França, a Inglaterra, a Áustria, a Argentina, a Alemanha, o Uruguai e Portugal. A Alemanha, que, antes da guerra, ocupava o 3.º lugar entre os

países de destino da exportação brasileira, vai recuperando actualmente o seu lugar.

A importação é constituída por *maquinário, ferro, aço, produtos alimentícios* (farinha, carnes, arroz, bacalhau, manteigas, vinho, etc.), *produtos manufacturados* (tecidos de algodão, linho e lã), sendo, por sua ordem, os *principais fornecedores* : a *Inglaterra*, os *Estados-Unidos*, a *Argentina*, a *Alemanha*, a *França*,

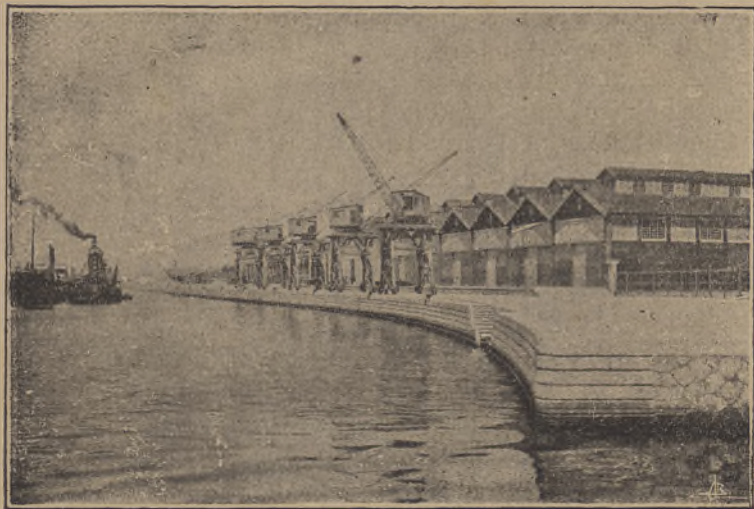


Fig. 378 — Pôrto do Rio de Janeiro. Docas e armazens.

a *Itália, Portugal, o Uruguai*, etc. A *Alemanha* era, depois da *Inglaterra*, um dos grandes fornecedores do *Brasil*; a *Grande Guerra* aniquilou-lhe porém este mercado que actualmente está recuperando.

Os portos de maior movimento comercial são, pela ordem de tonelagem : *Rio de Janeiro* (fig. 378), *Santos, Baía, Pernambuco, Pará, Manaus, Maranhão*, etc.



## CAPÍTULO VII

## Vida social

**Línguas e religião.** — A língua dominante é a portuguesa.

No sul, nalguns pontos, fala-se ainda o *guarani* — a língua de um dos povos indígenas; os poucos habitantes do alto Amazonas falam uma língua que é a mistura de português com a língua indígena — a *língua geral*.

A religião principal é a *católica*, e, em seguida, mas em menor número, a *protestante*.

O Estado estabeleceu a liberdade dos cultos e a separação entre Igreja e o Estado.

---

# ÍNDICE

|   | PAG. |
|---|------|
| PRÓLOGO .....   | 5    |
| REGIÕES POLARES .....   | 7    |
| Região ártica .....   | 7    |
| Região antártica .....  | 12   |
| PORTUGAL .....  | 16   |
| PORTUGAL INSULAR.....   | 101  |
| Arquipélago da Madeira .....                                  | 101  |
| Arquipélago dos Açores.....                                   | 115  |
| PORTUGAL COLONIAL.....  | 129  |
| Portugal em África .....                                      | 130  |
| Arquipélago de Cabo-Verde.....                                | 131  |
| Guiné .....   | 144  |
| São-Tomé e Príncipe e feitoria de S. João Baptista de Ajudá.. | 160  |
| Angola .....  | 176  |
| Moçambique .....  | 203  |
| PORTUGAL NA ÁSIA .....  | 237  |
| Índia portuguesa .....  | 237  |
| Macau .....   | 259  |
| PORTUGAL NA INSULÍNDIA.....                                   | 276  |
| Timor .....   | 276  |
| BRASIL .....  | 289  |









RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIAS  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329725572\*



